

Apostila de Crisma



2010

ÍNDICE

I PARTE: DOGMA	
Revelação	3
I Artigo	6
Fé	6
Deus	7
Santíssima Trindade	10
Criação	13
II Artigo	18
III Artigo	21
Encarnação	21
Nossa Senhora	23
IV Artigo	27
V Artigo	29
VI Artigo	30
VII Artigo	32
VIII Artigo	33
IX Artigo	34
Igreja	34
Comunhão dos Santos	40
X Artigo	42
XI Artigo	43
XII Artigo	45
II PARTE: MORAL	
Lei moral	47
Primeira Tábua da Lei	50
I Mandamento	50
II Mandamento	52
III Mandamento	52
Segunda Tábua da Lei	54
IV Mandamento	54
V Mandamento	55
VI Mandamento	56
IX Mandamento	58
VII Mandamento	58
X Mandamento	59
VIII Mandamento	59
III PARTE: MEIOS DE SANTIFICAÇÃO	
Sacramentos em geral	62
Batismo	64
Confirmação	65
Eucaristia	67
Santo Sacrifício da Missa	68

Penitência	71
Atos dos penitentes	71
Unção dos Enfermos	73
Ordem	74
Matrimônio	75

IV PARTE: ANEXO

Pecado	76
Males	77
Pecados contra o Espírito	77
Pecados que pedem vingança	77
Hábitos	78
Vícios	78
Virtudes	79
 Bibliografia	79

I PARTE: O DOGMA CATÓLICO

REVELAÇÃO

Deus existe e isso é uma **verdade fundamental e demonstrável**. Ensina a Igreja: “A mesma Santa Igreja crê e ensina que Deus, princípio e fim de todas as coisas, pode ser conhecido com certeza pela luz natural da razão humana, por meio das coisas criadas” (Concílio Vaticano I, Constituição dogmática *De fide catholica, Dei Filius*, cap. 2 Denz. 1785 - 3004 em 1870); e isso baseado em São Paulo: “Desde a criação do mundo, as perfeições invisíveis de Deus, o seu sempiterno poder e divindade, se tornam visíveis à inteligência, por suas obras; de modo que não se podem escusar” (Rm 1,20) e por isso a Escritura diz: “Diz o insensato em seu coração: Deus não existe” (Sl 52,2).

É certo também que nas condições históricas em que se encontra, o homem experimenta, no entanto, muitas dificuldades para chegar ao conhecimento de Deus só com as luzes da razão:

“Não é de admirar que haja constantemente discórdias e erros fora do redil de Cristo. Pois, embora possa realmente a razão humana com suas forças e sua luz natural chegar de forma absoluta ao conhecimento verdadeiro e certo de Deus, único e pessoal, que sustém e governa o mundo com sua providência, bem como ao conhecimento da lei natural, impressa pelo Criador em nossas almas, entretanto, não são poucos os obstáculos que impedem a razão de fazer uso eficaz e frutuoso dessa sua capacidade natural. De fato, as verdades que se referem a Deus e às relações entre os homens e Deus transcendem por completo a ordem dos seres sensíveis e, quando entram na prática da vida e a enformam, exigem o sacrifício e a abnegação própria. Ora, o entendimento humano encontra dificuldades na aquisição de tais verdades, já pela ação dos sentidos e da imaginação, já pelas más inclinações, nascidas do pecado original. Isso faz com que os homens, em semelhantes questões, facilmente se persuadam de ser falso e duvidoso o que não querem que seja verdadeiro” (Pio XII, Encíclica *Humani generis*, n. 2 em 1950).

Esse mesmo Deus pôs no homem uma vontade de buscá-lo. **O homem tem necessidade de conhecer Deus (pode-se prová-lo pela busca da felicidade)**.

Por isso, como resposta a essa busca natural do homem, **ele cria a religião natural**: Uma tentativa do homem de conhecer Deus, saber seus deveres para com Deus e os meios que levam a Deus.

Entretanto, essas religiões não chegaram a Deus, porque se tornaram politeístas. O politeísmo foi por quatro razões:

1. Pela fraqueza da inteligência humana, pois não vêm além do corporal e tudo o que é mais belo, perfeito ou poderoso tomam como deuses. Semelhante ao homem que vai a um paço e o primeiro que ver bem vestido toma-o como o rei.

Sobre isso nos ensina Deus: “Tomaram o fogo, ou o vento, ou o ar agitável, ou a esfera estrelada, ou a água impetuosa, ou os astros dos céus, por deuses, regentes do mundo. Se tomaram essas coisas por deuses, encantados pela sua beleza, saibam, então, quanto seu Senhor prevalece sobre elas, porque é o criador da beleza que fez estas coisas” (Sb 13,2s) e ainda: “Levantai os olhos para o céu, voltei vosso olhar à terra: os céus vão desvanecer-se como fumaça, como um vestido em farrapos ficará a terra, e seus habitantes morrerão como moscas. Mas minha salvação subsistirá sempre, e minha vitória não terá fim” (Is 51,6).

2. Pela adulação dos homens, para isso tributam-lhe honra devida a Deus. “É preciso que toda a nação saiba que Nabucodonosor é o deus da terra, e que não há outro fora dele” (Jt 5,29).

3. Pela afeição carnal aos filhos e parentes; e essa afeição faz o homem erguer estátuas aos seus e que leva alguns a prestar culto divino a eles: “Os homens, sujeitando-se à lei da desgraça e da tirania, deram à pedra e à madeira o **nome incomunicável**” (Sb 14,21).

4. **Pela malícia dos demônios, e esse é o principal motivo.** Sobre isso a Escritura ensina: “Os deuses dos pagãos, sejam quais forem, não passam de demônios” (Sl 95,5); “Tu dizias: Escalarei os céus e erigirei meu trono acima das estrelas. Assentar-me-ei no monte da assembléia, no extremo norte” (Is 14,13); “Dar-te-ei tudo isto se, prostrando-te diante de mim, me adorares” (Mt 4,9); “Não! As coisas que os pagãos sacrificam, sacrificam-nas a demônios e não a Deus. E eu não quero que tenhais comunhão com os demônios” (I Cor 10,20).

Por tudo isso, quis Deus revelar-se, pois “o único que possui a imortalidade e habita em luz inacessível, a quem nenhum homem viu, nem pode ver” (I Tm 6,16).

Revelou-se primeiramente aos judeus: Revelação pública privada → única civilização antiga monoteísta.

Revelação culminada em Jesus Cristo: Revelação pública universal → lista das profecias do antigo Testamento que se cumpre em Jesus no novo Testamento: “Muitas vezes e de diversos modos outrora falou Deus aos nossos pais pelos profetas. Ultimamente nos falou por seu Filho, que constituiu herdeiro universal, pelo qual criou todas as coisas.” (Hb 1,1s).

Tudo o que Deus revelou é verdade: “Sua boca ensinou a verdade, e não se encontrou perversidade nos seus lábios” (Ml 1,6).

Revelação é, portanto, o conjunto das verdades ensinadas por Deus, seja através de seus ministros, seja por ele mesmo.

Essa **totalidade da revelação de Deus aos homens** se encontra na **Tradição Apostólica** e nas **Escrituras**. Portanto tanto a Tradição como a Escritura pode ser chamada de Palavra de Deus:

- “Não desprezes **o que contarem** os velhos sábios, mas entretém-te com **suas palavras**, pois é com **eles que aprenderás a sabedoria**, os **ensinamentos da inteligência**, e a arte de servir irrepreensivelmente os poderosos. Não desprezes os **ensinamentos dos anciãos**, pois eles os **aprenderam com seus pais**” (Eclo 8,9-11).
- “Jesus fez ainda muitas outras coisas. **Se fossem escritas uma por uma**, penso que nem o mundo inteiro poderia conter os livros que se deveriam escrever” (Jo 21,25).
- “Por isso é que também nós não cessamos de dar graças a Deus, porque recebestes a **palavra de Deus**, que **de nós ouvistes**, e a acolhestes, não como palavra de homens, mas como **aquilo que realmente é, como palavra de Deus**” (I Ts 2,13).
- “Assim, pois, irmãos, **ficai firmes e conservai os ensinamentos** que de nós aprendestes, seja por **palavras**, seja por carta nossa” (II Ts 2,15).
- “Intimamo-vos, irmãos, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, que eviteis a convivência de todo irmão que leve vida ociosa e **contrária à tradição que de nós tendes recebido**” (II Ts 3,6).
- “Ó Timóteo, guarda o bem que te **foi confiado!**” (I Tm 6,20).
- “**O que de mim ouviste** em presença de muitas testemunhas, **confia-o a homens fiéis** que, por sua vez, sejam capazes de instruir a outros” (II Tm 2,2).
- “Eu te deixei em Creta para acabares de organizar tudo e estabeleceres anciãos (Bispos) em cada cidade, **de acordo com as normas que te tracei**” (Tt 1,5).
- “Apesar de ter mais coisas que vos escrever, **não o quis fazer com papel e tinta**, mas espero estar entre vós e **conversar de viva voz**, para que a vossa alegria seja perfeita” (II Jo 12).
- “Tinha muitas coisas para te escrever, **mas não quero fazê-lo com tinta e pena**. Espero ir ver-te em breve e **então falaremos de viva voz**” (III Jo 13s).

A Escritura é inspirada por Deus, mas foi escrita no tempo por homens. Santo Tomás define inspiração como “a ação de Deus, movendo e dirigindo o autor na produção do livro, preservando-o de erros, de forma que é Deus o autor e o homem mero instrumento usado para escrever” ou também pode ser definida, de modo mais completo, nesses termos: “Todavia, para escrever os livros sagrados, Deus escolheu e serviu-se de homens na posse das suas faculdades e capacidades, para que, agindo ele [Deus] neles e por eles, pusessem por escrito, como verdadeiros autores, tudo aquilo e só aquilo que ele [Deus] queria” (Concílio Vaticano II, Constituição Dogmática *Dei Verbum*, n. 11).

Mas só pode ser interpretada pelo Magistério da Igreja: “Antes de tudo, sabei que **nenhuma parte da Escritura é de interpretação pessoal**. É o que ele faz em todas as suas cartas, nas quais fala nestes assuntos. Naselá **algumas passagens difíceis de entender**, cujo sentido **os espíritos ignorantes ou pouco fortalecidos deturpam**, para a **sua própria ruína**, como o fazem também com as demais Escrituras” (II Pd 1,20; 3,16).

Por isso, Deus criou a Igreja para guardar e ensinar o Depósito da Fé a través de seu Magistério.

Há absoluta necessidade de aderir à Revelação, em outras palavras, à religião revelada.

“Ditosos somos nós, Israel, porque a nós foi revelado o que agrada a Deus!” (Br 4,4).

I ARTIGO: FÉ (PARTE 1 DE 4)

Fé é a **virtude fundamental** pois, “sem fé é impossível agradar a Deus, pois para se chegar a ele é necessário que se creia primeiro que ele existe e que recompensa os que o procuram” (Hb 11,6).

Ou ainda: “Desposar-te-ei na fé” (Os 2,22). “Quem crer e for batizado será salvo, mas quem não crer será condenado” (Mc 16,16).

A fé é definida como a **virtude pela qual cremos firmemente em todas as verdades que Deus revelou, baseados na sua autoridade, uma vez que ele não se engana sem pode enganar.**

A **fé não é opinião**, como quando se diz “creio que vai chover”, mas **fé implica certeza**.

Contudo, **nem toda certeza é fé!** O que se pode perceber ou demonstrar é compreensão, não crença (fé). “Disse-lhe Jesus: Creste, porque me viste. Felizes aqueles que crêem sem ter visto!” (Jo 20,29).

Fé é a aceitação de algo como verdadeiro, pela autoridade de outro, **por adesão pessoal** a ele.

Por isso, a **fé tem que ser integra e completa.**

Negar um ponto da fé é negar Deus. É o mesmo que dizer que ou ele pode mentir ou que ele se enganou.

I ARTIGO: DEUS (PARTE 2 DE 4)

Deus é um espírito infinitamente perfeito, que existe por si mesmo e de quem todos os outros seres recebem a existência. E a Igreja confessa pelo seu Magistério infalível:

“A Santa Igreja Católica Apostólica Romana crê e confessa que há um [só] Deus verdadeiro e vivo, Criador e Senhor do céu e da terra, onipotente, eterno, imenso, incompreensível, infinito em intelecto, vontade e toda a perfeição; o qual, sendo uma substância espiritual una e singular, inteiramente simples e incomunicável, é real e essencialmente distinto do mundo, sumamente feliz em si e por si mesmo, e está inefavelmente acima de tudo o que existe ou fora dele se possa conceber” (Concílio Vaticano I, Constituição dogmática *De fide catholica, Dei Filius*, cap. 1 Denz. 1782 - 3001 em 1870).

Por isso o mesmo Concílio à luz da Sabedoria do Espírito Santo a Igreja excomunga quem negar que há um só Deus verdadeiro, Criador e Senhor das coisas visíveis; ou se alguém disser que a substância ou essência de Deus é a mesma que a substância ou essência de todas as coisas e ainda se alguém disser que as coisas finitas, tanto as corpóreas como as espirituais, ou ao menos as espirituais, emanaram da substância divina; ou que pela manifestação ou evolução da essência divina se originaram todas as coisas; ou, finalmente, que Deus é um ser universal ou indefinido, que, ao ir-se determinando, daria origem à universalidade das coisas, distinta em gênero, espécie e nos indivíduos (cf. Concílio Vaticano I Denz. 1801-04 – 3020-24 em 1870).

Vamos analisar a definição de Deus. Primeiramente se diz que Deus é. Na verdade esse é seu nome revelado nas Escrituras: “Deus respondeu a Moisés: ‘EU SOU AQUELE QUE É’. E ajuntou: “Eis como responderás aos israelitas: [Aquele que se chama] EU SOU envia-me junto de vós’.” (Ex 3,14).

Deus transcende o mundo e a história. Ele é porque nele “não há mudança, nem mesmo aparência de instabilidade” (Tg 1, 17). Ele é desde sempre e para sempre; e assim, permanece sempre fiel a si mesmo e às suas promessas.

A revelação do nome inefável «Eu Sou» encerra, portanto, a verdade que só Deus «É». É nesse sentido que a Tradição da Igreja comprehende o nome divino: **Deus é a plenitude do Ser e de toda a perfeição, sem princípio nem fim. Enquanto todas as criaturas dele receberam todo o ser e o ter, só ele é o seu próprio Ser, e ele é por si mesmo tudo o que ele é.**

“Deus é espírito” (Jo 4,24). Espírito é o ser imaterial dotado de **intelecto** e **volição**, ou seja, **Deus é um ser pessoal**.

▪ **Inteligência** é a faculdade espiritual de raciocinar e de conhecer algo ou alguém, material ou imaterial, de maneira abstrata, ou seja, sua essência. Deus é infinito em inteligência como já foi dito acima, ou seja, **Deus é onisciente**. Sobre isso está escrito: “Nenhuma criatura lhe é invisível. Tudo é nu e descoberto aos olhos daquele a quem havemos de prestar contas” (Hb 4,13).

A inteligência em Deus é perfeita (conhece na essência do ser), imediata (não precisa conhecer as várias partes, para saber o todo), compreensiva (conhece clara e conscientemente as coisas, sem confusão), imutável e universal (conhece tudo o que existe).

Seu conhecimento abarca também as escolhas livres de sua criaturas e não lhes tolhe a liberdade.

▪ **Vontade** é a segunda faculdade espiritual, portanto segue o conhecer, e com a qual a pessoa — humana, angélica ou divina — quer algo ou alguém. É a faculdade que tende para o bem [imaterial] percebido pela inteligência. Deus é infinito em vontade como já foi dito acima e; a vontade em Deus pode tudo o que quer, ou seja, **Deus é onipotente**. Sobre isso está escrito: “Porque a Deus nenhuma coisa é impossível” (Lc 1,37).

A vontade em Deus é simples (porque independente), imutável, eterna, boa (“Ninguém é bom senão só Deus” – Lc 18,19. A bondade reveste diversas formas e segundo elas toma diferentes nomes: *caridade* –quando o afeto de sua vontade o inclina a procurar nosso bem–, *liberalidade* – quando se manifesta por obras e benefícios–, *graça* –quando nos dá auxílios sobrenaturais–, *ternura ou compaixão* –quando se compadece das nossas necessidades–, *paciência* –quando tolera os maus–, *mansidão* –quando demora em castigar os maus– e *misericórdia ou clemência* –quando perdoa os nossos pecados), justa (“Ao Senhor pertence a bondade. Pois vós dais a cada um

segundo suas obras” – Sl 61,13; “Pagará a cada um segundo suas obras: cólera contra seus adversários, represália contra seus inimigos” – Is 59,18; “Porque o Filho do Homem há de vir na glória de seu Pai com seus anjos, e então recompensará a cada um segundo suas obras” – Mt 16,27) e onipotente (“Senhor, é-vos possível empregar vosso poder, quando quiserdes” (Sb 12,18).

A onipotência de Deus consiste que basta a sua vontade para ele fazer tudo quanto quer e absolutamente todo o possível. Portanto **a vontade onipotente de Deus é livre** (“O Senhor faz tudo o que lhe apraz, no céu e na terra, no mar e nas profundezas das águas” (Sl 134,6). Entretanto ele não pode fazer tudo, seja porque ele não quer fazer tudo, seja porque são absurdas.

A liberdade divina é perfeita, portanto, não está sujeita às imperfeições e deficiências da nossa. Ele não pode morrer ou pecar porque o poder pecar ou morrer não é efeito de potência, mas de fraqueza, a qual não pode existir em Deus, que é perfeitíssimo.

Portanto pode-se definir onipotência como poder fazer tudo desde que não seja contradição ou absurdo.

A essência divina [além de inteligência e vontade] também tem mais seis atributos.

1. Unidade: Deus é único.

“Ouve, ó Israel! O Senhor, nosso Deus, é o único Senhor” (Dt 6,4). “Eis o que diz o Senhor, o rei de Israel, seu Redentor, o Senhor dos exércitos: Eu sou o primeiro e o último, não há outro Deus afora eu” (Is 44,6). “Fazei valer vossos argumentos, consultai-vos uns aos outros: quem havia predito o que se passa, quem o tinha anunciado desde longa data? Não fui eu, o Senhor, e nenhum outro? Não há Deus fora de mim” (45,21).

2. Simplicidade: não composto de partes.

“Ninguém jamais viu Deus. O Filho único, que está no seio do Pai, foi quem o revelou” (Jo 1,18). “Deus é espírito” (Jo 4,24).

3. Infinidade: tem todas as perfeições em sumo e ilimitado grau. Assim como ensina o Concílio do Vaticano (citação acima). Ele é infinito porque “É” (cf. Ex 3,14). É tão próprio que é mais certo dizer Deus é a perfeição que Deus é perfeito.

“Só Deus é bom” (Mt 19,17). “O Espírito Santo descerá sobre ti, e a força do Altíssimo te envolverá com a sua sombra” (Lc 1,35). “Deus é grande demais para que o possamos conhecer” (Jó 36,26). “Pois tomastes a vós meu direito e minha causa, assentastes, ó justo Juiz, em vosso tribunal.” (Sl 9,5). “Toda dádiva boa e todo dom perfeito vêm de cima: descem do Pai das luzes” (Tg 1,17).

4. Imutabilidade: Deus não está sujeito à mudanças, nem no seu Ser, nem nos seus desígnios.

“Porque eu sou o Senhor e não mudo” (Ml 3,6). “Toda dádiva boa e todo dom perfeito vêm de cima: descem do Pai das luzes, no qual não há mudança, nem mesmo aparência de instabilidade” (Tg 1,17).

5. Eternidade: Deus não teve princípio e nem terá fim. Para ele é o eterno presente.

“O número de seus anos é incalculável” (Jó 36,26). “Antes que se formassem as montanhas, a terra e o universo, desde toda a eternidade vós sois Deus (...) porque mil anos, diante de vós, são como o dia de ontem que já passou, como uma só vigília da noite” (Sl 89,2,4). “Eu sou o primeiro e o último” (Is 44,6). “Eu sou o Alfa e o Ômega, o Primeiro e o Último, o Começo e o Fim” (Ap 22,13).

6. Imensidade: Deus está em todos os lugares, ou melhor, tudo está nele, ou seja, **ele é onipresente**.

Mas não por essência, como nos ensina santo Tomás, mas da mesma forma que o agente presente naquilo em que age. Nesse sentido, ensina-nos: “Senhor, realizastes em nós todas as nossas obras” (Is 26,12).

“Tudo isso para que procurem a Deus e se esforcem por encontrá-lo como que às apalpadelas, pois na verdade ele não está longe de cada um de nós. Porque é nele que temos a vida, o movimento e o ser, como até alguns dos vossos poetas disseram: Nós somos também de sua raça” (At 17,27s).

Deus é imenso porque é a causa das criaturas, tanto para criá-las, conservá-las e governá-las. Embora presente não está contido em nada: “Mas, será verdade que Deus habite sobre a terra? Se o céu e os céus dos céus não vos podem conter quanto menos esta casa que edifiquei!” (I Rs 8,27).

O salmo a seguir mostra a onisciência e a onipresença divinas:

“¹. Senhor, vós me perscrutais e me conheceis, ² sabeis tudo de mim, quando me sento ou me levanto. De longe penetrais meus pensamentos.

- ³. Quando ando e quando repouso, vós me vedes, observais todos os meus passos.
- ⁴. A palavra ainda me não chegou à língua, e já, Senhor, a conhecéis toda.
- ⁵. Vós me cercais por trás e pela frente, e estendeis sobre mim a vossa mão.
- ⁶. Conhecimento assim maravilhoso me ultrapassa, ele é tão sublime que não posso atingi-lo.
- ⁷. Para onde irei, longe de vosso Espírito? Para onde fugir, apartado de vosso olhar?
- ⁸. Se subir até os céus, ali estareis; se descer à região dos mortos, lá vos encontrareis também.
- ⁹. Se tomar as asas da aurora, se me fixar nos confins do mar, ¹⁰. é ainda vossa mão que lá me levará, e vossa destra que me sustentará.
- ¹¹. Se eu dissesse: Pelo menos as trevas me ocultarão, e a noite, como se fora luz, me há de envolver.
- ¹². As próprias trevas não são escuras para vós, a noite vos é transparente como o dia e a escuridão, clara como a luz.
- ¹³. Fosteis vós que plasmastes as entranhas de meu corpo, vós me tecestes no seio de minha mãe.
- ¹⁴. Sede bendito por me haverdes feito de modo tão maravilhoso. Pelas vossas obras tão extraordinárias, conhecéis até o fundo a minha alma.
- ¹⁵. Nada de minha substância vos é oculto, quando fui formado ocultamente, quando fui tecido nas entranhas subterrâneas.
- ¹⁶. Cada uma de minhas ações vossos olhos viram, e todas elas foram escritas em vosso livro; cada dia de minha vida foi prefixado, desde antes que um só deles existisse.
- ¹⁷. Ó Deus, como são insondáveis para mim vossos desígnios! E quão imenso é o número deles!
- ¹⁸. Como contá-los? São mais numerosos que a areia do mar; se pudesse chegar ao fim, seria ainda com vossa ajuda.
- ¹⁹. Oxalá exterminais os ímpios, ó Deus, e que se apartem de mim os sanguinários!
- ²⁰. Eles se revoltam insidiosamente contra vós, perfidamente se insurgem vossos inimigos.
- ²¹. Pois não hei de odiar, Senhor, aos que vos odeiam? Aos que se levantam contra vós, não hei de abominá-los?
- ²². Eu os odeio com ódio mortal, eu os tenho em conta de meus próprios inimigos.
- ²³. Perscrutai-me, Senhor, para conhecer meu coração; provai-me e conheceti meus pensamentos.
- ²⁴. Vede se ando na senda do mal, e conduzi-me pelo caminho da eternidade” (Sl 138).

I ARTIGO: SANTÍSSIMA TRINDADE (PARTE 3 DE 4)

Embora a existência de Deus, princípio e fim de todas as coisas, seja uma verdade demonstrável e possível de conhecer **com certeza** pela luz natural da razão humana, por meio das coisas criadas, seu mistério inefável, a Trindade de Pessoas em Deus, a sua vida íntima nunca poderia ser conhecida pela razão humana ou angélica.

Tal realidade absurdamente inebriante e escondida em Deus apenas poderia ser conhecida pela Revelação de Deus dele mesmo: “Ninguém jamais viu Deus. O Filho único, que está no seio do Pai, foi quem o revelou” (Jo 1,18).

Nosso Senhor revelou que em Deus há três Pessoas diferentes. Esse é o admirável e incompreensível **mistério da Santíssima Trindade**, principal mistério da nossa santa fé católica.

Para sabermos o que é uma pessoa, precisamos de algumas definições metafísicas. Substância é o ente capaz de existir em si mesmo (portanto Deus é a substância absoluta que existe **por si mesmo**). Indivíduo é a substância enquanto indivisa e distinto de qualquer outra substância.

Por fim, **pessoa é o indivíduo subsistente cuja natureza é espiritual**. Com propriedade pode-se dizer que em Deus há pessoa (a Revelação nos diz que são três), rejeitando a idéia de uma força...

Nós podemos distinguir as pessoas pela natureza ou pelas operações. Mas como em Deus a natureza é a mesma, a distinção pessoal em Deus tem que ser por outra via.

Só podemos então distinguir as Pessoas em Deus pelas sua operações ou relações entre si.

As relações entre as Pessoas divinas chamam-se **processão**. A processão é a atividade de Deus *ad intra*, ou seja, é ação de Deus, mas que tem por objeto ele mesmo, por isso diz que é uma ação interna. **A processão é, pois, obra distinta de cada uma das três Pessoas divinas.**

Em Deus há duas processões (a intelectiva e a volitiva) e quatro relações.

A PROCESSÃO INTELECTIVA

O nosso pensamento (chama-se verbo) sobre nós não é da mesma natureza de nossa pessoa. Portanto quando um homem (ou um anjo) faz uma idéia de si, a faz:

1. menor do que é na realidade, pois não se conhece completamente;
2. de uma sustância diferente. Forma-se uma imagem distorcida, porque imperfeita e mental, pois nossas operações não se confundem com nossa substância.

Contudo, em Deus, suas operações são sua própria substância (ou essência). O seu pensamento é de mesma natureza espiritual dele; portanto Deus quando faz uma idéia de si mesmo a faz:

1. igual a sua realidade, pois Deus se conhece completamente, nem mais, nem menos;
3. de mesma natureza.

Deus como é eterno, na eternidade, antes de tudo (ou no sempre) ele, por seu pensamento, **gerou uma auto-imagem com igual natureza, ou seja, mesma glória, mesma divindade**, pois como o conhecer de Deus é infinito e tudo conhece totalmente, o conhecimento que Deus tem de si próprio, é exatamente uma Imagem perfeita de si, igualmente divino e eterno, é o Esplendor de sua substância, **é um igual a ele**. É como se ele se olhasse num espelho.

Gerar se antepõe a criar; criar é trazer à existência do nada, enquanto **gerar é tirar algo de si mesmo**.

À Pessoa que gera chamamos de Primeira Pessoa da Trindade. **À Pessoa gerada** chamamos de Segunda Pessoa da Trindade.

Temos em nossa natureza um análogo a essa geração do Verbo. É a relação dos pais com os filhos, pois estes são gerados por aqueles. Daí chamarmos a Primeira Pessoa de **Pai** e a Segunda, **Filho**.

Ao princípio gerador (primeira relação), chamamos paternidade; ao **princípio gerado** (segunda relação), chamamos filiação.

Como a geração da Segunda Pessoa é realizada por via de inteligência, da idéia de Deus de si mesmo, dizemos que a Segunda Pessoa da Trindade é o Verbo ou Sabedoria de Deus, é o fruto de sua inteligência:

“No princípio era o **Verbo**, e o Verbo estava junto de Deus e o **Verbo era Deus**. Ele estava no princípio junto de Deus” (Jo 1,1s).

Como o primeiro proceder em Deus se dá pela inteligência, chamamo-no **processão intelectiva**.

A PROCESSÃO VOLITIVA

Ora após se conhecer, Deus se ama perfeitamente e completamente. Pois só se ama depois que se conhece, ninguém ama o que não conhece.

Portanto Deus Pai, ao contemplar seu Filho, Resplendor de si mesmo, é levado a amá-lo.

E Deus Filho, ao contemplar seu Pai, Imagem de seu ser, também é lavado a amá-lo de volta.

Deus se ama com amor divino, igualmente eterno. A **processão** deste amor que faz com Deus se ama infinito e forma uma nova Pessoa divina de mesma glória, divindade e eternidade: é a Terceira Pessoa da Trindade.

O Deus amante é o Pai e o Filho; ao **Deus amado** chamamos de Terceira Pessoa da Trindade.

Como o amor procede da vontade, chamamos essa processão do Amor de Deus de **processão volitiva**.

À vontade do Deus que ama (terceira relação) chamamos expiração e **à vontade do Deus que é amado** (quarta relação) chamamos processão.

O Espírito Santo, por isto, é chamado de **Amor de Deus**.

Ao contrário da processão intelectiva, não temos em nossa natureza um análogo à processão da terceira Pessoa. Por isso, ela não tem um nome especial análogo à nossa realidade. Por isso chamamo-na de **Espírito Santo** (pois vem da relação de expiração).

De fato, essa é um nome que pode ser atribuído a qualquer das Pessoas trinitárias, pois as três são espírito – Deus é espírito – e santas – Deus é santo.

Como dizemos acima, **o Espírito Santo procede do Pai e do Filho como que de um único princípio**. O que contraria a doutrina herética dos cismáticos (“ortodoxos”), pois dizem que apenas do Pai procede o Espírito Santo.

Refutação:

Caso o Espírito Santo apenas procedesse do Pai, o Pai amaria o Filho e este não corresponderia a esse amor; Deus Filho seria um filho ingrato. Como a ingratidão é pecado, vemos que é um absurdo a processão acontecer desse modo! É impossível o amor não tender a outra pessoa.

De outra maneira, também não a haveria uma Trindade de Pessoas. A Pessoa do Filho não diferiria da Pessoa do Espírito Santo, pois ambas teriam origem só na Pessoa do Pai. Como Deus revelou ser uma Trindade de Pessoas, isso é um absurdo!

Ainda, essa doutrina perniciosa, é claramente negada pelas Escrituras:

“Mas o Paráclito, o Espírito Santo, que o **Pai enviará em meu nome**, ensinar-vos-á todas as coisas e vos recordará tudo o que vos tenho dito” (Jo 14,26).

“Quando vier o Paráclito, o Espírito da Verdade, ensinar-vos-á toda a verdade, porque não falará por si mesmo, mas dirá o que ouvir, e anunciar-vos-á as coisas que virão. Ele me glorificará, **porque receberá do que é meu**, e vo-lo anunciará. **Tudo o que o Pai possui é meu**. Por isso, disse: **Há de receber do que é meu**, e vo-lo anunciará.” (Jo 16,13-15).

“Depois dessas palavras, soprou sobre eles dizendo-lhes: **Recebei o Espírito Santo**” (Jo 20,22).

Portanto são três pessoas diferentes, com a mesma divindade e a mesma natureza: “São, assim, três os que dão testemunho no céu: o Pai, o Verbo e o Espírito Santo; e esses três são um” (I Jo 5,7).

Esta lógica é tão grande que torna absurda a idéia judaica e islâmica de um Deus único que não é gerado e procedido.

RESUMO

A geração parte do ser Gerador para o ser Gerado (observe que estamos falando na eternidade, portanto o pensamento de que o Filho é menor que o Pai é rejeitado, pois tudo ocorre ao mesmo tempo).

A processão ocorre entre duas pessoas que se amam eternamente gerando um amor de tal divindade igual a eles.

Portanto a Geração parte do Pai para o Filho como um Espelho.

A Processão deriva do amor do Pai pelo Filho e do Filho pelo Pai, promovendo uma processão a partir do amor mútuo, por isto o Espírito Santo procede do Pai e do Filho.

O amor não se deve tornar uma pessoa. Ele não vira uma pessoa. Simplesmente o amor de Deus, para com ele mesmo, é de tal intensidade, que possuindo a mesma divindade, a mesma eternidade e a mesma glória, pois não poderia ser diferente, o amor de Deus é Deus: “Deus é Amor” (I Jo 4,8).

Como isto se dá, aí entra no mistério: “Quem quer sondar a Majestade [divina], será oprimido pelo peso de sua glória” (Pr 25,27).

“Quem poderá compreender a Trindade onipotente? E quem não fala dela, ainda que não a compreenda? É rara a pessoa que, ao falar da Santíssima Trindade, saiba o que diz. Discute-se, debate-se, mas ninguém é capaz de contemplar essa visão, sem paz interior. Quisera meditassem os homens sobre três coisas que têm dentro de si mesmos, as três bem diferentes da Trindade. Indico-as, para que se exercitem, e assim experimentem e sintam quão longe estão desse mistério. Aludo à existência, ao conhecimento e à vontade. De fato existo, conheço e quero. Existo, sabendo e querendo; sei que existo e quero; quero existir e conhecer. Repare, quem puder, como é inseparável a vida nessas três faculdades: uma só vida, uma só inteligência, uma só essência. Como são inseparáveis os objetos dessa distinção. Distinção, no entanto, que existe! Cada um está diante de si mesmo. Estude-se, veja e responda-me. Contudo, mesmo que reflita e me responda, não julgue ter compreendido a essência deste Ser imutável que está acima de todas as criaturas, o Ser que imutavelmente existe, imutavelmente sabe e imutavelmente quer. Será porventura graças a essas três faculdades que há em Deus a Trindade, ou essa tríplice faculdade existe em cada uma das três Pessoas, de modo a serem três em cada uma? Ou ambas as coisas se realizam de modo admirável, numa simplicidade múltipla, sendo a Trindade o seu próprio fim infinito, pela qual existe, se conhece e se basta imutavelmente, na grande abundância de Sua Unidade? Quem poderia exprimir facilmente esse conselho? Quem teria palavras o exprimir? Quem, de algum modo, ousaria pronunciar-se temerariamente a esse respeito?” (Santo Agostinho, Confissões, XIII, 5)

I ARTIGO: CRIAÇÃO (PARTE 4 DE 4)

A criação é atividade de Deus *ad extra*, ou seja, é uma ação de Deus, mas que tem por objeto as criaturas, por isso diz que é uma ação externa. **A criação é, pois, obra das três Pessoas divinas.**

Deus criou tudo o que existe: “São insensatos por natureza todos os que desconheceram a Deus, e, através dos bens visíveis, não souberam conhecer Aquele que é, nem reconhecer o Artista, considerando suas obras. Pois é a partir da grandeza e da beleza das criaturas que, por analogia, se conhece o seu autor” (Sb 13,1,5).

Deus criou tudo e isto é mostrado no Símbolo pelas palavras “criador do céu e da terra”.

Apenas Deus pode criar e mais ninguém. A passagem do nada para o ser exige um poder infinito, daí o Símbolo dizer “em Deus todo-poderoso”.

Mas houve **uma heresia** chamada **maniqueísmo** (mais ou menos século III e IV d.C.) que pregava a existência de dois deuses: um bom, Deus, criador de todas as coisas boas (invisíveis) e um mau, o Diabo, criador das coisas más (visíveis).

Esta heresia foi combatida veementemente por santo Agostinho e contra isso: “No princípio, Deus criou os céus e a terra” (Gn 1,1). “Tudo foi feito por ele [Verbo, Deus] e sem ele nada foi feito” (Jo 1,3). Para rechaçar foi acrescentado no Símbolo as palavras: “e de todas as coisas visíveis e invisíveis”.

O segundo erro é dos que afirmam que o mundo é eterno. O mundo foi feito **do nada!** A criação foi, portanto, *ex nihilo*. Toda a criação está narrada em Gn 1—2,4. **Toda a criação houve tempo em que não era.**

Sobre isso nos ensina o Magistério vivo: “Este único e verdadeiro Deus, por sua bondade e por sua virtude onipotente, **não para adquirir nova felicidade ou para aumentá-la**, mas **a fim de manifestar a sua perfeição pelos bens que prodigaliza às criaturas, com vontade plenamente livre, "criou simultaneamente no início do tempo ambas as criaturas do nada: a espiritual e a corporal, ou seja, os anjos e o mundo; e em seguida a humana, constituída de espírito e corpo"** (IV Concílio de Latrão]” (Concílio Vaticano I, Constituição dogmática *De fide catholica, Dei Filius*, cap. 1 Denz. 1783 - 3002 em 1870).

O fim da primário da criação é a glória de Deus. As criaturas dão glória a Deus:

1. as racionais de maneira direta e consciente, mediante o conhecimento e serviço do criador.
2. as irracionais, de maneira indireta, na medida em que dão a conhecer as perfeições divinas, em especial a onipotência, que tirou seus seres do nada; a sua sabedoria que dispôs com tanta ordem e beleza; e a sua bondade, pois aos cria-las, não se propôs o seu proveito, mas o nosso bem: “Deus disse: ‘Eis que eu vos dou toda a erva que dá semente sobre a terra, e todas as árvores frutíferas que contêm em si mesmas a sua semente, para que vos sirvam de alimento. E a todos os animais da terra, a todas as aves dos céus, a tudo o que se arrasta sobre a terra, e em que haja sopro de vida, eu dou toda erva verde por alimento’. E assim se fez” (Gn 1,29s).

O fim secundário é a felicidade das criaturas.

Há em toda a criação um vestígio de Deus, da santíssima Trindade, da mesma forma que o artista deixa um marca própria em sua obra (a mão, a arte, a intenção...), de maneira que pelo estilo da arte (pintura, escultura...), podemos até saber quem é o artista.

Nesse sentido nos ensina a Escritura: “Desde a criação do mundo, as perfeições invisíveis de Deus, o seu sempiterno poder e divindade, **se tornam visíveis à inteligência, por suas obras**” (Rm 1,20).

Na menor como na mais perfeita das criaturas podemos ver uma tripla marca: **uma mão poderosa** – a criação propriamente dita (Deus Pai); **uma arte divina** – a sabedoria que organiza tudo numa ordem perfeita (Deus Filho); **uma intenção boníssima** – a harmonia de cada ser com o restante universo, fazendo a existência de um ser colaborar com a sobrevivência de outro (Deus Espírito Santo).

A esse respeito: “Dispusestes tudo com **medida, quantidade e peso**” (Sb 11,20).

Portanto, **o ser, a beleza e a bondade** são o vestígio da santíssima Trindade na criação.

Por isso, a criação vela e revela o Deus infinito.

Entretanto, a algumas criaturas foi reservado trazer não um mero vestígio da Trindade, mas sua imagem, que ultrapassa o merecimento delas. **Nisso reside sua dignidade.**

Tais criaturas são as espirituais, ou seja, os anjos e os homens.

OS ANJOS

São criaturas totalmente espirituais, superiores aos homens e inferiores a Deus: “Entretanto, vós o fizestes quase igual aos anjos, de glória e honra o coroastes” (Sl 8,6).

Os anjos foram feitos para serem mensageiros de Deus: “Bendizei ao Senhor todos os seus anjos, valentes heróis que cumpris suas ordens, sempre dóceis à sua palavra. Bendizei ao Senhor todos os seus exércitos, ministros que executais sua vontade” (Sl 102,20s).

Existe uma divisão hierárquica entre os anjos: três hierarquias de três coros cada*.

Os anjos foram criados à imagem e segundo a semelhança de Deus (cf. Gn 1,26).

Criados à imagem de Deus significa que eles são espirituais, ou seja, são imortais e dotados de inteligência e vontade livre:

- São importais porque estão totalmente livres da matéria, são de realidade espiritual e não composto de partes, não sofrem nem têm necessidades. São **formas puras**.
- A inteligência angélica é mais perfeita que a do homem. Seu conhecimento não se dá através do raciocínio, mas de modo imediato, logo que contemplam algo, tão logo o comprehende no seu íntimo, sem apego às aparências; “Porém tu, ó rei, meu senhor, és tão sábio como um anjo de Deus, para saber tudo o que se passa na terra!” (II Sm 14,20).
- Sua vontade não está sujeita a mudanças como a nossa, pois não têm sensibilidade e sempre conhece completamente o que contempla.

Enquanto **imortais, são imagem do Pai; enquanto inteligentes, são imagem do Filho; enquanto amantes, são imagem do Espírito Santo.**

Assim como ser, beleza e bondade são o vestígio da Trindade, **espírito, inteligência e amor são sua imagem.**

Sabemos que Deus “habita em luz inacessível, a quem nenhum homem viu, nem pode ver” (I Tm 6,16). Entretanto pela graça de Deus “temos entrado na posse das maiores e mais preciosas promessas, a fim de tornar-vos por este meio **participantes da natureza divina**” (II Pd 1,4).

Por essa razão, diz-se que Deus fez as criaturas racionais à sua semelhança: Deus quis infundir nelas sua graça santificante. A graça concede ao espírito a capacidade de torná-lo participante da vida divina e faz com que ele se torne habitação da Trindade, participante da vida divina.

Deus chamou os anjos a uma felicidade sobrenatural, que é a visão de sua glória. Deus os chamou, portanto, à vida divina, elevou-os à graça sobrenatural. Adotou-os como seus filhos, para viver junto dele no Céu.

Entretanto, por se tratar de criaturas espirituais, necessitavam de **mérito**, precisavam merecer a beatitude. Teriam que optar, pelo querer, escolher esse dom. Deus, então, tinha que testá-los.

E assim fez, pois disse Deus de seu Cristo: “Todos os anjos de Deus o adorem” (Hb 1,6).

E Lúcifer era o anjo mais perfeito, portanto era a criatura mais nobre e perfeita que Deus criou.

Houve então o grito dos demônios, encabeçados por Lúcifer: “*Non serviam!*”: Is 14,3ss; Ez 32,17-32; “Jesus disse-lhes: Vi Satanás cair do céu como um raio” (Lc 10,18).

A esse ato de ofensa infinita a Deus, um anjo perguntou: “Miguel”? Ap 12.

OS HOMENS

Dizem alguns teólogos que os homens foram criados para ocupar o lugar dos anjos decaídos.

Por causa disso, o homem também foi criado à imagem e segundo a semelhança de Deus. (Gn 1,26s; 5,1; 9,6).

A criação especial do homem: as coisas foram feitas pelo simples pronunciar de Deus: “Deus disse: ‘Faça-se a luz!’ E a luz foi feita” (Gn 1,3); “Deus disse: ‘Faça-se um firmamento entre as águas’.” (Gn 1,6). **Mas ao homem Deus disse:** “Façamos o homem” (Gn 1,26). “**O Senhor Deus formou**, pois, o homem do barro da terra” (Gn 2,7).

A mulher foi tirada da costela para mostrar que ela era igual ao homem na dignidade:

“O Senhor Deus disse: ‘Não é bom que o homem esteja só; vou dar-lhe uma ajuda que lhe seja adequada’. **Não se achava para ele uma ajuda que lhe fosse adequada**. Então o Senhor Deus mandou ao homem um profundo sono; e enquanto ele dormia, tomou-lhe uma costela e fechou com carne o seu lugar. E da costela que tinha tomado do homem, o Senhor Deus fez uma mulher, e levou-a para junto do homem” (Gn 2,18.20-22).

E ainda: “Deus criou o homem à sua imagem; criou-o à imagem de Deus, **criou o homem e a mulher**” (Gn 1,27).

O homem é o senhor da criação material: “Que o homem reine sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos e sobre toda a terra, e sobre todos os répteis que se arrastem sobre a terra. Deus os abençoou: ‘Frutificai, disse ele, e multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a. Dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todos os animais que se arrastam sobre a terra.’ Deus disse: ‘Eis que eu vos dou toda a erva que dá semente sobre a terra, e todas as árvores frutíferas que contêm em si mesmas a sua semente, para que vos sirvam de alimento. E a todos os animais da terra, a todas as aves dos céus, a tudo o que se arrasta sobre a terra, e em que haja sopro de vida, eu dou toda erva verde por alimento.’ E assim se fez” (Gn 1,26.28-30).

“Tendo, pois, o Senhor Deus formado da terra todos os animais dos campos, e todas as aves dos céus, levou-os ao homem, para ver como ele os havia de chamar; e todo o nome que o homem pôs aos animais vivos, esse é o seu verdadeiro nome. O homem pôs nomes a todos os animais, a todas as aves dos céus e a todos os animais dos campos” (Gn 2,19s).

O homem por ser à imagem de Deus é um ser dotado d espírito. Por isso o homem é um composto de matéria e espírito.

Mas para que a matéria viva, tem que ser dotada de um princípio que comunique vida à matéria; a tal princípio chamamos alma: “E inspirou-lhe nas narinas um sopro de vida e o homem se tornou um ser vivente” (Gn 2,7).

Graus ou espécies da alma: da vida vegetativa (plantas); da vida sensitiva (brutos, bestas); da vida espiritual (homens). Cada grau superior, supõe o inferior.

Então a alma humana tem os três graus como o único princípio que anima o corpo humano. Por isso dizemos que a alma humana é espiritual, ou seja, é na alma humana que reside as faculdades espirituais.

Tais faculdades não são propriedades exclusivas de Adão e Eva, mas de todos os seus descendentes: “Adão viveu cento e trinta anos: e gerou um filho à sua semelhança, à sua imagem” (Gn 5,3).

O homem foi chamado para ser semelhante a Deus, de maneira parecida aos anjos, e a isso dá-se o nome de **dom sobrenatural**. E por serem criaturas inteligentes e com livre arbítrio, deveriam merecer a beatitude divina.

Além dos dons sobrenaturais, o homem foi dotado de **dons preternaturais**, que são dons que estão acima da natureza humana, mas não de toda natureza criada. Tais dons faziam eram, aos anjos naturais, por isso faziam os homens semelhantes aos anjos.

Dois se referem à alma: a ciência infusa e a integridade.

ciência infusa → consiste que sem estudo possuíam conhecimentos de toda lei física e também no âmbito religioso e moral.

integridade → as paixões volitivas estavam perfeitamente submetidas à razão. Não havia pecados passionais, pois antes seria necessário a ruptura da razão com Deus; nossos pais sequer pecavam venialmente.

Dois se referem ao corpo: a imunidade e a imortalidade.

imunidade → consiste que não estavam submetidos à dor alguma nem incômodo.

imortalidade → não poderia morrer (separação do alma espiritual do corpo material).

E para serem confirma na semelhança com Deus foram testados: “Deu-lhe este preceito: ‘Podes comer do fruto de todas as árvores do jardim; mas não comas do fruto da árvore da ciência do bem e do mal; porque no dia em que dele comeres, morrerás indubitavelmente’.” (Gn 2,16s).

E houve a desobediência, quando Eva ouviu as seduções da serpente e consentiu em desobedecer a Deus.

“A serpente era o mais astuto de todos os animais dos campos que o Senhor Deus tinha formado. Ela disse a mulher: ‘É verdade que Deus vos proibiu comer do fruto de toda árvore do jardim?’ A mulher respondeu-lhe: ‘Podemos comer do fruto das árvores do jardim. Mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, Deus disse: Vós não comereis dele, nem o tocareis, para que não morrais.’ ‘Oh, não! – tornou a serpente – vós não morrereis! Mas Deus bem sabe que, no dia em que dele comerdes, vossos olhos se abrirão, e sereis como deuses, conhecedores do bem e do mal.’ A mulher, vendo que o fruto da árvore era bom para comer, de agradável aspecto e mui apropriado para abrir a inteligência, tomou dele, comeu, e o apresentou também ao seu marido, que comeu igualmente. Então os seus olhos abriram-se; e, vendo que estavam nus, tomaram folhas de figueira, ligaram-nas e fizeram cinturas para si” (Gn 3,1-7).

A essa desobediência dá-se o nome de pecado original.

Foi um **pecado de desobediência**, pois comeram o que Deus proibira.

Foi um **pecado de orgulho**, pois pretendiam tornar-se deuses.

Foi um **pecado de blasfêmia**, porque acreditaram que Deus lhes havia mentido, ao dizer que o fruto lhes traria a morte.

Foi um **pecado de gula**, porque quiseram comer o fruto, porque ele parecia apetecível.

Foi um **pecado de magia**, pois sabiam que, comendo o fruto, ele, por si mesmo, não poderia produzir um efeito que superasse a sua potência natural.

Foi um **pecado de satanismo**, porque eles quiseram que esse ato mágico tivesse resultado pelo auxílio de satanás e porque o ouviram.

Com isso, perderam:

1. todas as graças que não lhes era natural: a graça sobrenatural (santificante) perderam o céu e mereceram o inferno para si e para seus descendentes e ficaram sujeitos ao demônio, sendo seus escravos: “Ficai, portanto, firmes e não vos submetais outra vez ao jugo da escravidão” (Gl 5,1) e “Por quanto os filhos participam da mesma natureza, da mesma carne e do sangue, também ele participou, a fim de destruir pela morte aquele que tinha o império da morte, isto é, o demônio, e libertar aqueles que, pelo medo da morte, estavam toda a vida sujeitos a uma verdadeira escravidão” (Hb 2,14s);
2. A graça preternatural: ficaram submetidos à **ignorância**, à **desordem da natureza** (chamada concupiscência), aos **sofrimentos** e à **morte**.

Todos nascem com o pecado original: “Eis que nasci na culpa, **minha mãe concebeu-me no pecado**” (Sl 50,7). “Com efeito, todos pecaram e todos estão privados da glória de Deus” (Rm 3,23); “Por isso,

como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim a morte passou a todo o gênero humano, porque todos pecaram" (Rm 5,12).

"Disse à mulher: 'Multiplicarei **os sofrimentos de teu parto**; darás à luz com dores, teus desejos te impelirão para o teu marido e tu estarás sob o seu domínio.' E disse em seguida ao homem: 'Porque ouviste a voz de tua mulher e comeste do fruto da árvore que eu te havia proibido comer, **maldita seja a terra por tua causa**. Tirarás dela com **trabalhos penosos** o teu sustento todos os dias de tua vida. Ela te produzirá espinhos e abrolhos, e tu comerás a erva da terra. Comerás o teu pão com o **suor do teu rosto**, até que voltes à terra de que foste tirado; porque **és pó, e pó te hás de tornar**.'" (Gn 3,16-19).

Toda a criação se revoltou e **tornou-se sujeita ao demônio**:

"Quem foi vencido por outro, dele seja feito ser escravo" (II Pd 2,19).

Por isso, foi-nos dado anjos da guarda para nos ajudar na luta contra a concupiscência e contra a escravidão do pecado e do demônio: "Porque aos seus anjos ele mandou que te guardem em todos os teus caminhos" (Sl 90,11).

Outra coisa importantíssima sobre a origem do homem é que a doutrina poligenista (ou seja, que a humanidade veio de vários casais) é condenada por decisão de Pio XII como herética:

"Mas, tratando-se de outra hipótese, isto é, a do poligenismo, os filhos da Igreja não gozam da mesma liberdade, pois os fiéis cristãos não podem abraçar a teoria de que depois de Adão tenha havido na terra verdadeiros homens não procedentes do mesmo protoparente por geração natural, ou, ainda, que Adão signifique o conjunto dos primeiros pais; já que não se vê claro de que modo tal afirmação pode harmonizar-se com o que as fontes da Verdade revelada e os documentos do Magistério da Igreja ensinam acerca do pecado original, **que procede do pecado verdadeiramente cometido por um só Adão e que, transmitindo-se a todos os homens pela geração**, é próprio de cada um deles" (Encíclica Humani Generis, §37).

A última consideração sobre a criação é o seu governo e sua conservação. **Ao cuidado e o governo que Deus tem de todos as criaturas, dirigindo-as ao seu fim, chama-se providência**:

"Pode uma mulher esquecer-se daquele que amamenta? Não ter ternura pelo fruto de suas entradas? E mesmo que ela o esquecesse, eu não te esqueceria nunca. É mais fácil que uma mãe esquece seu filho que Deus se esqueça de nós" (Is 49,15).

"Não vos aflijais, nem digais: Que comeremos? Que beberemos? Com que nos vestiremos? São os pagãos que se preocupam com tudo isso. Ora, vosso Pai celeste sabe que necessitais de tudo isso. Buscai em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça e todas estas coisas vos serão dadas em acréscimo. Não vos preocupeis, pois, com o dia de amanhã: o dia de amanhã terá as suas preocupações próprias. A cada dia basta o seu cuidado" (Mt 6,31-34).

"Tudo o que Deus criou, conserva-o e governa-o com sua providência, atingindo fortemente desde uma extremidade a outra, e dispondo de todas as coisas com suavidade [cf. Sab 8,1]. Pois tudo está nu e descoberto aos seus olhos [Heb 4,13], mesmo os atos dependentes da ação livre das criaturas" (Concílio Vaticano I, Constituição dogmática *De fide catholica, Dei Filius*, cap. 1 Denz. 1782 - 3001 em 1870).

II ARTIGO: JESUS CRISTO, NOSSO SENHOR

Sobre este artigo nos diz o Símbolo niceno-constantinopolitano: “em um só Senhor, Jesus Cristo, Filho Unigênito de Deus, nascido do Pai antes de todos os séculos: Deus de Deus, luz da luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro; gerado, não criado, consubstancial ao Pai. Por Ele todas as coisas foram feitas”.

O nome Jesus significa Salvador e com propriedade diz o porquê de seu nascimento.

O nome Cristo significa Ungido. No antigo Testamento apenas os reis, os sacerdotes e os profetas eram ungidos por ordem expressa de Deus.

Isso para nos mostrar que **Cristo é o perfeito rei, o perfeito sacerdote e o perfeito profeta:**

Os **reis** são aqueles a quem são confiados o poder de governar o povo, salvaguardar a lei e proteger os mais fracos e inocentes: “Vosso senhor Saul morreu, e a casa de Judá me ungiu por seu rei” (I Sm 2,7).

Os **sacerdotes** são aqueles que, por meio de preces, recomendam o povo a Deus; são eles que oferecem sacrifícios de reparação a ele: “Ungirás Aarão e seus filhos, e os consagrarás, para que me sirvam como sacerdotes” (Ex 30,30).

O **profeta** é aquele que é enviado como intérprete e mensageiro de Deus para falar a seu povo assuntos revelados por ele, advertindo o povo com conselhos e predições do futuro, exortando à regeneração dos bons costumes: “O espírito do Senhor repousa sobre mim, porque o Senhor consagrhou-me pela unção; enviou-me a levar a boa nova aos humildes, curar os corações doloridos, anunciar aos cáticos a redenção, e aos prisioneiros a liberdade” (Is 61,1).

Cristo é o Rei dos reis primeiramente porque é Deus. **É Rei** como homem porque remiu, em sua humanidade, tudo o que a natureza humana podia comportar de poder, grandeza e dignidade. Remiu também o universo inteiro, conquistando assim a realeza e o domínio sobre todas as criaturas. Seu reinado é espiritual:

“Respondeu Jesus: ‘O meu Reino não é deste mundo’.” (Jo 18,36).

Exerce o seu reinado espiritual agora através de sua Igreja e depois sobre os justos e pecadores, cujo julgamento foi dado pelo Pai:

“Reinará eternamente na casa de Jacó, e o seu reino não terá fim.” (Lc 1,32s).

Cristo é o Sumo Sacerdote porque é o único que pode, ofereceu e oferecerá eternamente um sacrifício agradável ao Pai, a ele mesmo, que é Deus, e ao Espírito. Seu sacrifício é o único agradável de Deus:

“Assim também Cristo não se atribuiu a si mesmo a glória de ser pontífice. Esta lhe foi dada por aquele que lhe disse: ‘Tu és meu Filho, eu hoje te gerei’, como também diz em outra passagem: ‘Tu és sacerdote eternamente, segundo a ordem de Melquisedec’. Nos dias de sua vida mortal, dirigiu preces e súplicas, entre clamores e lágrimas, àquele que o podia salvar da morte, e foi atendido pela sua piedade. Embora fosse Filho de Deus, aprendeu a obediência por meio dos sofrimentos que teve. E uma vez chegado ao seu termo, tornou-se autor da salvação eterna para todos os que lhe obedecem, porque Deus o proclamou sacerdote segundo a ordem de Melquisedec” (Hb 5,5-10).

Cristo é o Verdadeiro Profeta porque foi enviado para anunciar a plenitude da Revelação de Deus. Todos os profetas que o precederam, tiveram como missão preparar e anunciar aos homens o Profeta por excelência, que viria salvar toda a humanidade.

“A multidão respondia: ‘É Jesus, o profeta de Nazaré da Galiléia’.” (Mt 21,11).

“Foi-lhe dado o livro do profeta Isaías. Desenrolando o livro, escolheu a passagem onde está escrito: ‘O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu; e enviou-me para anunciar a boa nova aos pobres, para sarar os contritos de coração, para anunciar aos cáticos a redenção, aos cegos a restauração da vista, para pôr em liberdade os cáticos, para publicar o ano da graça do Senhor’. E enrolando o livro, deu-o ao ministro e sentou-se; todos quantos estavam na sinagoga tinham os olhos fixos nele. Ele começou a dizer-lhes: ‘Hoje se cumpriu este oráculo que vós acabais de ouvir’.” (Lc 4,17-21).

Jesus foi ungido apenas enquanto homem.

Entretanto, Jesus não foi ungido por nenhum mortal, mas pela Trindade.

Não o foi com óleo terrestre, mas com óleo espiritual, quando em sua alma derramou-se a graça, a virtude, os dons de Deus. Em tamanha plenitude que a nenhuma outra criatura foi ou pode ser dada. “Amais a justiça e detestais o mal, pelo que o Senhor, vosso Deus, vos ungiu com óleo de alegria, preferindo-vos como a nenhum dos vossos companheiros” (Sl 44,8).

Cristo é ungido, portanto, com a plenitude do Espírito Santo porque “nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade” (Cl 2,9): “Porque aprouve a Deus fazer habitar nele toda a plenitude” (Cl 1,19). “Todos nós recebemos da sua plenitude graça sobre graça” (Jo 1,16).

Dizer que Jesus é o Filho de Deus significa dizer que ele é a Segunda Pessoa da santíssima Trindade, ou seja, que ele é Deus assim como o Pai.

Cristo é Deus:

- “Veio uma nuvem luminosa e os envolveu. E daquela nuvem fez-se ouvir uma voz que dizia: ‘Eis o meu Filho muito amado, em quem pus toda minha afeição; ouvi-o’.” (Mt 17,4).
- “No momento em que Jesus saía da água, João viu os céus abertos e descer o Espírito em forma de pomba sobre ele. E ouviu-se dos céus uma voz: ‘Tu és o meu Filho muito amado; em ti ponho minha afeição’.” (Mc 1,10s).
- “É este de quem eu disse: Depois de mim virá um homem, que me é superior, **porque existe antes de mim**” (Jo 1,30).
- “Se não crerdes o que **EU SOU**, morrereis no vosso pecado” (Jo 8,24). Nessa passagem, Cristo deixa-nos claro que ele é Deus, pois se nomeia com o nome inefável de Deus (cf. Ex 3,14).
- “Respondeu-lhes Jesus: ‘Em verdade, em verdade vos digo: antes que Abraão fosse, **EU SOU**’.” (Jo 8,58).
- “Responderam: ‘A Jesus de Nazaré’. ‘**EU SOU**’, disse-lhes. Também Judas, o traidor, estava com eles. Quando lhes disse **EU SOU**, recuaram e caíram por terra” (Jo 18,5s) isso ocorreu porque era Deus se definindo!
- “Mas Jesus se calava e nada respondia. O sumo sacerdote tornou a perguntar-lhe: ‘És tu o Cristo, o Filho de Deus bendito?’ Jesus respondeu: **EU SOU**. E vereis o Filho do Homem sentado à direita do poder de Deus, do Todo-poderoso, vindo sobre as nuvens do céu. O sumo sacerdote rasgou então as suas vestes. ‘Para que desejamos ainda testemunhas?!’, exclamou ele. (Mt 26,63-65; Mc 14,61-63)
- “Os judeus responderam-lhe: Não é por causa de alguma boa obra que te queremos apedrejar, mas por uma blasfêmia, porque, sendo homem, te fazes Deus” (Jo 10,33).
- “Esplendor da glória de Deus e Imagem do seu ser, sustenta o universo com o poder da sua palavra. Depois de ter realizado a purificação dos pecados, está sentado à direita da Majestade no mais alto dos céus, tão superior aos anjos quanto excede o deles o nome que herdou. Pois a quem dentre os anjos disse Deus alguma vez: Tu és meu Filho; eu hoje te gerei (Sl 2,7)? Ou então: Eu serei seu Pai e ele será meu Filho (II Sm 7,14)? E novamente, ao introduzir o seu Primogênito na terra, diz: Todos os anjos de Deus o adorem (Sl 96,7). Por outro lado, a respeito dos anjos, diz: Ele faz dos seus anjos sopros de vento e dos seus ministros chamas de fogo (Sl 103,4), ao passo que do Filho diz: O teu trono, ó Deus, subsiste para a eternidade. O cetro do teu Reino é cetro de justiça. Amaste a justiça e odiaste a iniqüidade. Por isso, ó Deus, o teu Deus te ungiu com óleo de alegria, mais que aos teus companheiros (Sl 44,7s); e ainda: Tu, Senhor, no princípio dos tempos fundaste a terra, e os céus são obra de tuas mãos. Eles passarão, mas tu permaneces. Todos envelhecerão como uma veste; tu os envolvas como uma capa, e serão mudados. Tu, ao contrário, és sempre o mesmo e os teus anos não acabarão (Sl 103,26s). Pois a qual dos anjos disse alguma vez: Assenta-te à minha direita até que eu ponha

os teus inimigos por escabelo dos teus pés (Sl 109,1)? Não são todos os anjos espíritos ao serviço de Deus, que lhes confia missões para o bem daqueles que devem herdar a salvação?” (Hb 1).

- “Para os incrédulos, cujas inteligências o deus deste mundo obcecou a tal ponto que não percebem a luz do Evangelho, onde resplandece a glória de Cristo, que é a Imagem de Deus” (II Cor 4,4).
- “Ele é a imagem de Deus invisível, o Primogênito de toda a criação. Nele foram criadas todas as coisas nos céus e na terra, as criaturas visíveis e as invisíveis. Tronos, dominações, principados, potestades: tudo foi criado por ele e para ele. Ele existe antes de todas as coisas, e todas as coisas subsistem nele” (Cl 1,15-17).

Contra essa santa doutrina, houve heresias:

Fotino, que dizia ser Cristo um homem como qualquer outro. Negando, pois, que ele é Filho de Deus segundo a natureza e que começou a existir no tempo. Por isso os Padres acrescentaram ao Símbolo: “Filho Unigênito de Deus” e “nascido do Pai antes de todos os séculos”.

Sabélio, que dizia que não existia Trindade, isto é, que em Deus havia apenas um Pessoa e não três:

“E, se julgo, o meu julgamento é conforme a verdade, porque não estou sozinho, mas comigo está o Pai que me enviou. Ora, na vossa lei está escrito: O testemunho de duas pessoas é digno de fé (Dt 19,15). Eu dou testemunho de mim mesmo; e meu Pai, que me enviou, o dá também” (Jo 8,16-18).

Acrescentou-se: “Deus vindo Deus, luz da luz, Deus verdadeiro nascido de Deus verdadeiro”.

Ário embora dissesse que Cristo existe antes da Virgem, dizia que ainda assim era uma criatura, a mais perfeita delas e também não gozava da mesma natureza do Pai. Mas em contrário: “Eu e o Pai somos um” (Jo 10,30).

daí, o acréscimo: “gerado, não criado” e “consustancial ao Pai”. Por Ele todas as coisas foram feitas

A passagem “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus” (Jo 1,1) nega todas essas três heresias.

Senhor quer dizer aquele que tem pleno domínio sobre tudo. Por isso esse título, em sua plenitude, é devido apenas a Deus.

Jesus é nosso Senhor porque é Deus e porque juntamente com as outras duas Pessoas divinas nos criou do nada.

E como homem porque **nos remiu com o seu sangue preciosíssimo** e por **causa da união hipostática (comunicação de propriedades)**: “Por isso Deus o exaltou soberanamente e lhe outorgou o nome que está acima de todos os nomes, para que ao nome de Jesus se sobre todo joelho no céu, na terra e nos infernos. E toda língua confesse, para a glória de Deus Pai, que Jesus Cristo é Senhor” (Fl 2,8-11).

III ARTIGO: ENCARNAÇÃO (PARTE 1 DE 2)

Sobre este artigo nos diz o Símbolo: “que foi concebido pelo poder do Espírito Santo, nasceu de Maria Virgem”.

Esse mistério chama-se **mistério da Encarnação**: “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,14).

E significa que o Verbo, a Segunda Pessoa da santíssima Trindade **sem deixar de ser Deus**, assumiu a natureza humana: “Sendo ele de condição divina, não se prevaleceu de sua igualdade com Deus, mas aniquilou-se a si mesmo, assumindo a condição de escravo e assemelhando-se aos homens” (Fl 2,6s).

E de fato sem deixar de ser Deus: “Em Cristo habita corporalmente toda a plenitude da divindade” (Cl 2,9).

Essa união ocorre sem misturar as naturezas e se dá na única Pessoa do Verbo.

Jesus Cristo tem, pois, duas naturezas distintas: a divina (que a tem por direito) e a humana (que a tem por admissão), mas **apenas uma Pessoa que dá suporte nas suas operações**. De maneira que toda ação de Cristo é ação Deus, pois ele é Deus (cf. Jo 1,14 – acima).

Jesus é verdadeiro Deus e verdadeiro homem: “E, sendo exteriormente reconhecido como homem, humilhou-se ainda mais, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz” (Fl 2,8).

O homem assim que seu corpo é animado por seu espírito, forma-se uma pessoa humana distinta de qualquer outra.

Então, diferentemente do que ocorre com o homem, a união da alma com o corpo de Cristo não lhe forma uma pessoa humana, pois desde que essa animação ocorre, a Segunda Pessoa divina está lá para dar suporte a essa natureza humana.

Essa união de naturezas na Pessoa divina do Verbo chama-se **união hipostática** (pessoal).

Cristo tinha tudo o que o homem tem, a saber, **corpo e alma espiritual**: “Igual a nós em tudo, com exceção do pecado” (Hb 4,15).

Seu corpo é real: “Apalpai e vede: um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que tenho” (Lc 24,39), assim como delicadíssimo por ser obra do Espírito Santo de Deus e mais robusto que o nosso.

Sua alma é espiritual, ou seja, além de ser imortal tinha sensibilidade, inteligência e vontade livre. Mas infinitamente mais perfeita, quer nas faculdades naturais, quer nos dons sobrenaturais.

Sensibilidade: “Minha alma está triste até a morte” (Mt 26,38). “Aproximando-se ainda mais, Jesus contemplou Jerusalém e **chorou** sobre ela” (Lc 19,41). “Ao vê-la chorar assim, como também todos os judeus que a acompanhavam, Jesus ficou **intensamente comovido em espírito**. E, sob o impulso de profunda emoção” (Jo 11,33).

Cristo tinha um conhecimento divino e um humano.

Enquanto Deus, conhece tudo, assim como o Pai e o Espírito Santo, por ser onisciente.

Enquanto homem tinha entendimento infinitamente superior ao de qualquer criatura: “Em Cristo estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência” (Cl 2,3).

Há uma distinção de vários graus de conhecimento em Cristo:

- o conhecimento da ciência infusa → semelhante ao dom preternatural que nossos primeiros pais possuíam, mas em grau muito mais eminente (superior até que a dos anjos).
- o conhecimento da visão beatífica → sua humanidade contempla eternamente, já desde sua encarnação no seio da Virgem, a essência de sua divindade e nela conhece tudo.
- o conhecimento adquirido pela experiência → como qualquer homem: “E Jesus crescia em estatura, em sabedoria e graça, diante de Deus e dos homens.” (Lc 2,52).

Tinha também uma vontade divina e uma humana.

Vontade humana que estava totalmente subordinada, em total conformidade com a vontade divina (por isso, embora seja livre, não podia desejar o mal e o pecado): “Pai, se é de teu agrado, afasta de mim este cálice! **Não se faça, todavia, a minha vontade, mas sim a tua**” (Lc 22,42).

Heresias acerca da Encarnação:

Orígenes dizia que Cristo salvaria também o demônio.

“Voltar-se-á em seguida para os da sua esquerda e lhes dirá: ‘Retirai-vos de mim, malditos! Ide para o fogo eterno destinado ao demônio e aos seus anjos’” (Mt 25,41).

por essa razão foi escrito no Símbolo: “E por nos, homens, e para nossa salvação”.

Fotino dizia que Cristo não era Deus, mas em contrário:

“Pois descii do céu não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou” (Jo 6,38).

e está no Símbolo: “desceu dos Céus”.

Manes dizia que Cristo era Deus, mas que não era homem verdadeiro e que tinha corpo apenas aparente (Lc 24,39 e ainda Jo 1,14 e todas as vezes que fala de si como “filho do homem”). Contra esse erro, a Igreja acrescentou: “E encarnou”.

Ebion, judeu, dizia que Cristo era filho da santíssima Maria, mas de uma união carnal. Entretanto:

“O que nela foi concebido vem do Espírito Santo.” (Mt 1,20).

Por isso está no Símbolo: “pelo Espírito Santo”.

Valentino dizia que Cristo tinha um corpo celestial. Ao invés:

“Maria perguntou ao anjo: ‘Como se fará isso, pois não conheço homem?’ Respondeu-lhe o anjo: ‘O Espírito Santo descerá sobre ti, e a força do Altíssimo te envolverá com a sua sombra. Por isso o ente santo que nascer de ti será chamado Filho de Deus’.” (Lc 1,34s).

“Mas quando veio a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, que nasceu de uma mulher e nasceu submetido a uma lei” (Gl 4,4).

Por isso: “no seio da Virgem Maria”.

Ário e Apolinário pregavam que Cristo não tinha alma (Mt 26,38).

Para refutar esse erro, os santos Padres escreveram: “se fez homem”.

Esse último termo rejeita também o erro de **Eutíquio** que disse que Cristo tinha uma só natureza, como que uma mistura entre a natureza humana e a divina. Tal heresia combatida pelo concílio da Calcedônia chama-se monofisismo.

Nestório afirmava que em Cristo havia duas pessoas (uma humana e uma divina), sendo nossa Senhora mãe apenas da pessoa humana.

III ARTIGO: NOSSA SENHORA (PARTE 2 DE 2)

Ela é a criatura mais perfeita de Deus. Mais perfeita que os anjos, sejam tomados um a um ou todos no seu conjunto! Mais perfeita que Lúcifer entes da queda.

“Deus reuniu toda a água e chamou oceano; reuniu todas as perfeições e graças e chamou-as Maria” (São Luís Maria Grignion de Montfort).

Tamanha perfeição já estava preexistente no pensamento de Deus antes de toda a eternidade: “Desde o início, antes de todos os séculos, ele me criou, e não deixarei de existir até o fim dos séculos; e exercei as minhas funções diante dele na casa santa. Assim fui firmada em Sião; repousei na cidade santa, e em Jerusalém está a sede do meu poder. Lancei raízes no meio de um povo glorioso, cuja herança está na partilha de meu Deus; e fixei minha morada na assembléia dos santos” (Eccl 24,14-16).

Nossa Senhor tem uma especial relação com a Trindade e com as três Pessoas em particular:

- **De Deus Pai, é a filha predileta.**
- **De Deus Filho, é a mãe virginal.**
- **De Deus Espírito Santo, é a esposa fidelíssima.**

Os dogmas, verdades reveladas por Deus e confirmadas e propostas para se crer pela Igreja, sobre nossa Senhora são quatro: **maternidade divina, virgindade perpétua, imaculada conceição e assunção ao Céu.**

A MATERNIDADE DIVINA

Como vimos a heresia de Nestório negava ser nossa Senhora a Mãe de Deus. Mas sentido contrário: “De onde me vem esta honra de vir a mim a **mãe de meu Senhor?**” (Lc 1,43).

Portanto **a santíssima virgem Maria é Mãe de Deus.**

Esse é o principal e primeiro dogma a respeito de nossa Senhora, pois é dele que vem os demais.

Na verdade ele é consequência da verdade de que em Cristo há apenas uma Pessoa, que é a do Verbo.

Esse dogma foi solenemente definido em 431 no Concílio Ecumênico de Éfeso.

Sendo Papa São Clementino I (422-432) o Papa reinante àquela época, ele definiu:

“Se alguém não confessar que o Emanuel (Cristo) é verdadeiramente Deus, e que portanto, a Santíssima Virgem é Mãe de Deus, porque pariu segundo a carne ao Verbo de Deus feito carne, seja anátema”.

Algum tempo depois, foi proclamado por outros Concílios universais, os de Calcedônia e Constantinopla.

O Concílio Vaticano II faz referência ao dogma da seguinte maneira: “Desde os tempos mais remotos, a Bem-Aventurada Virgem é honrada com o título de Mãe de Deus, a cujo amparo os fiéis acodem com suas súplicas em todos os seus perigos e necessidades”. (Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, § 66).

Disso cumpriu-se a profecia: “Todas as nações da terra serão abençoados em tua descendência” (Gn 22,18). “Seu nome será eternamente bendito, e durará tanto quanto a luz do sol. Nele serão abençoadas todas as tribos da terra, bem-aventurado o proclamarão todas as nações” (Sl 71,17).

A VIRGINDADE PERPÉTUA

O próximo dogma mariano é **a virgindade perpétua**. Nossa Senhora foi virgem antes do parto, durante o parto e depois do parto.

Tinha ela consagrado sua virgindade a Deus: “Maria perguntou ao anjo: Como se fará isso, pois não conheço homem?” (Lc 1,34).

Ela concebeu seu Filho Deus virgem como fora predito pelo profeta: “Por isso, o próprio Senhor vos dará um sinal: **uma virgem conceberá** e dará à luz um filho, e o chamará Deus Conosco.” (Is 7,14).

Deu à luz Virgem porque Deus, seu Filho, a quem foi consagrado sua santíssima e fecundíssima virgindade não iria quebrar-lhe o juramento.

Seu corpo serviu-se do dom da sutileza para não deflorar seu hímen:

«Assim como mais tarde saiu do sepulcro fechado e selado. Assim como “entrou para junto de seus discípulos, apesar das portas fechadas” (Jo 20,19); assim como, na observação diária da natureza, vemos os raios solares atravessarem um vidro compacto sem o quebrar e sem lhe fazer o menor estrago; – assim também, e de maneira mais sublime, nasceu Jesus Cristo do seio de Sua Mãe, sem nenhum dano para a integridade materna

É, pois, com justos louvores que, em Maria, enaltecemos uma virgindade perpétua e intemerata. Operado foi este milagre pela virtude do Espírito Santo. De tal modo assistiu a Mãe na conceição e no nascimento do Filho que, dando-lhe fecundidade, lhe conservou, todavia, a virgindade» (Catecismo Romano, I IV 8).

A luz, portanto, foi criada para servir de entendimento (embora obscuro) a nós de como se deu esse admirável milagre.

No seio da Virgem-Pura
Encarnou Divina Graça.
Entrou e saiu por Ela
Como o sol pela vidraça (Versos de tradição portuguesa).

A IMACULADA CONCEIÇÃO

Esse dogma é colaborado pela Escritura: “Entrando, o anjo disse-lhe: ‘**Ave, cheia de graça**, o Senhor é contigo’.” (Lc 1,28).

“**Ora, apenas Isabel ouviu a saudação de Maria, a criança estremeceu no seu seio; e Isabel ficou cheia do Espírito Santo.** E exclamou em alta voz: ‘**Bendita és tu entre as mulheres** e bendito é o fruto do teu ventre’. Donde me vem esta honra de vir a mim a mãe de meu Senhor? Bem-aventurada és tu que creste, pois se hão de cumprir as coisas que da parte do Senhor te foram ditas!” (Lc 1,39-43.45).

O dogma da imaculada conceição foi definido pelo Papa Pio IX em 8 de dezembro de 1854.

Entretanto, 31 anos antes, aconteceu um caso extraordinário:

Em 1823, em Ariano Irpino (Avelino, Itália), dois célebres pregadores dominicanos, os padres Cassiti e Pignataro, foram convidados a exorcizar um rapaz. Nessa época discutia-se entre os teólogos sobre a verdade da Imaculada Conceição, que haveria de ser proclamada dogma de fé, trinta e uma anos depois, em 1854.

Os dois frades impuseram ao demônio que demonstrasse que Maria era Imaculada, obrigando-o a fazê-lo através de um soneto (poesia de catorze versos hendecassílabos com rima própria obrigatória). Note-se que o endemoninhado era um menino analfabeto de doze anos.

Imediatamente Satanás pronunciou estes versos:

*Vera Mãe sou de um Deus que é Filho
E sou filha d'Ele, embora sua Mãe.
Ab eterno Ele nasceu e é meu Filho;
No tempo nasci eu que sou a Mãe.*

*Ele é meu Criador e é meu Filho;
Eu sou sua Criatura e sua Mãe.
Prodígio divino foi ser meu Filho
Um Deus eterno, e me ter por Mãe.*

*O ser é quase comum entre Mãe e Filho
Porque o ser do Filho teve a Mãe
E o ser da Mãe teve também o Filho.*

*Ora, se o ser do Filho foi também da Mãe
Ou se dirá que foi manchado o Filho
Ou sem mácula se há-de dizer a Mãe.*

Pio IX comoveu-se quando, depois de ter proclamado o dogma da Imaculada Conceição, leu este soneto que lhe foi apresentado naquela ocasião (Extraído do livro *Novos relatos de um exorcista*, Pe. Gabriele Amorth – exorcista oficial do Vaticano).

A definição dogmática de Pio IX foi:

“A doutrina que sustenta que a beatíssima Virgem Maria, no primeiro instante da sua Conceição, por singular graça e privilégio de Deus onipotente, em vista dos méritos de Jesus Cristo, Salvador do gênero humano, foi preservada imune de toda mancha de pecado original, essa doutrina foi revelada por Deus, e por isto deve ser crida firme e inviolavelmente por todos os fiéis” (Papa Pio IX, Bula *Ineffabilis Deus* § 41).

Condenação: “Portanto, se alguém (que Deus não permita!) deliberadamente entende de pensar diversamente de quanto por Nós foi definido, conheça e saiba que está condenado pelo seu próprio juízo, que naufragou na fé, que se separou da unidade da Igreja, e que, além disso, incorreu por si, *ipso facto*, nas penas estabelecidas pelas leis contra aquele que ousa manifestar oralmente ou por escrito, ou de qualquer outro modo externo, os erros que pensa no seu coração. Ninguém, portanto, se permita infringir este texto da Nossa declaração, proclamação e definição, nem contrariá-lo e contravir-lhe. E, se alguém tivesse a ousadia de tentá-lo, saiba que incorre na indignação de Deus onipotente e dos bem-aventurados Pedro e Paulo, seus apóstolos” (Papa Pio IX, Bula *Ineffabilis Deus* §§ 42 e 45).

Isso porque Deus não permitiria que sua Mãe, a geradora de seu corpo, no qual redimiria a humanidade, tivesse sequer um instante contato com o pecado (pois do contrário ele mesmo o teria).

A plenitude da graça que recebeu de Deus excede a de toda criatura, anjos e santos, sendo apenas inferir a que recebeu a humanidade de Cristo (cuja medida é a união hipostática). Por isso, ela é a Rainha do céu e da terra.

A ASSUNÇÃO E GLORIFICAÇÃO

Dogma definido por Pio XII em 1º de novembro de 1950:

“Com a autoridade de nosso Senhor Jesus Cristo, dos bem-aventurados apóstolos s. Pedro e s. Paulo e com a nossa, pronunciamos, declaramos e definimos ser dogma divinamente revelado que: a imaculada Mãe de Deus, a sempre virgem Maria, terminado o curso da vida terrestre, foi assunta em corpo e alma à glória celestial” (Papa Pio XII, Constituição Apostólica *Munificentissimus Deus*, § 44).

Anátema: “Pelo que, se alguém, o que Deus não permita, ousar, voluntariamente, negar ou pôr em dúvida esta nossa definição, saiba que naufraga na fé divina e católica. A ninguém, pois, seja lícito

infringir esta nossa declaração, proclamação e definição, ou temerariamente opor-se-lhe e contrariá-la. Se alguém presumir intentá-lo, saiba que incorre na indignação de Deus onipotente e dos bem-aventurados apóstolos Pedro e Paulo” (Papa Pio XII, Constituição Apostólica *Munificentissimus Deus*, §§ 45 e 47).

Dogma que encontra respaldo nas Escrituras: “Por isso meu coração se alegra e minha alma exulta, até meu corpo descansará seguro, **porque vós não abandonareis minha alma na habitação dos mortos, nem permitireis que vosso Santo conheça a corrupção**” (Sl 15,9s).

“Apareceu em seguida um grande sinal no céu: uma Mulher revestida do sol, a lua debaixo dos seus pés e na cabeça uma coroa de doze estrelas” (Ap 12,1).

Como nossa Senhora não cometeu pecado, ela foi assunta ao céu em corpo e alma (como nossos pais iriam se não houvessem pecado).

Maria é a serva perfeita de Deus: “Então disse Maria: Eis aqui a serva do Senhor. Faça-se em mim segundo a tua palavra. E o anjo afastou-se dela” (Lc 1,38).

Por isso, merece a mais alta louvação, a que chamamos hiperdulia: “E Maria disse: ‘Minha alma glorifica ao Senhor, meu espírito exulta de alegria em Deus, meu Salvador, porque olhou para sua pobre serva. **Por isto, desde agora, me proclamarão bem-aventurada todas as gerações**, porque realizou em mim maravilhas aquele que é poderoso e cujo nome é Santo’.” (Lc 1,46-19).

Ela é nossa mais perfeita intercessora junto de Jesus, seu Filho: “Como viesse a faltar vinho, a mãe de Jesus disse-lhe: Eles já não têm vinho” (Jo 2,3) e com essa súplica, fez seu Filho iniciar seu ministério público, antecipando seu primeiro milagre apenas para lhe atender.

O primeiro milagre de Jesus foi feito por intercessão de sua amantíssima Mãe. E por isso pedimos na oração: “Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora e na hora de nossa morte”.

Seu ensinamento é “Disse, então, sua mãe aos serventes: ‘Fazei o que ele vos disser’.” (Jo 1,5).

Cristo, seu Filho, nos deu a ela como seus filhos e a fê-la nossa mãe: “Quando Jesus viu sua mãe e perto dela o discípulo que amava, disse à sua mãe: ‘Mulher, eis aí teu filho’. Depois disse ao discípulo: ‘Eis aí tua mãe’. E dessa hora em diante o discípulo a levou para a sua casa.” (Jo 19,26s).

Maria é, pois, Mãe da Igreja e de cada um de nós, segundo a graça.

É chamada muitas vezes de mulher por seu Filho para nos mostrar que sua Mãe é:

“Então o Senhor Deus disse à serpente: ‘Porei ódio entre ti e a **mulher**, entre a tua descendência e a dela. Esta te ferirá a cabeça, e tu ferirás o calcanhar’.” (Gn 3,14s). e com “Apareceu em seguida um grande sinal no céu: uma **Mulher** revestida do sol, a lua debaixo dos seus pés e na cabeça uma coroa de doze estrelas” (Ap 12,1).

Há uma inimizade entre a mulher e o demônio. Entre a descendência de nossa Senhora (Jesus e a Igreja) e a descendência de satanás.

Sabemos que os protestantes odeiam nossa Senhora, logo eles são descendente do diabo. Sua religião é falsa e fruto do adultério de Lúcifer. Cada uma das igrejas protestantes são prostitutas de Satanás.

Enquanto que Maria é a esposa sempre fiel do Espírito Santo (e de são José). Enquanto que a Igreja é a única Esposa de Cristo.

IV ARTIGO: REDENÇÃO

Sobre este artigo nos diz o Símbolo: “[Cristo] padeceu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado”.

Cristo morreu para redimir todo o universo, que se degenerou com o pecado do homem: “Por seu intermédio reconciliar consigo todas as criaturas, por intermédio daquele que, ao preço do próprio sangue na cruz, restabeleceu a paz a tudo quanto existe na terra e nos céus” (Cl 1,20). “O amor de Cristo nos constrange, considerando que, se um só morreu por todos, logo todos morreram. Sim, ele morreu por todos, a fim de que os que vivem já não vivam para si, mas para aquele que por eles morreu e ressurgiu” (II Cor 5,14s).

Seu sacrifício foi único e apenas ele é suficiente para remir os pecados (contrariando a heresia espírita):

“Morto, ele o foi uma vez por todas pelo pecado; porém, está vivo, continua vivo para Deus!” (Rm 6,10). “Ele nos arrancou do poder das trevas e nos introduziu no Reino de seu Filho muito amado, no qual temos a redenção, a remissão dos pecados” (Cl 1,13s).

Mas apenas enquanto homem, pois enquanto Deus não pode nem sofrer nem morrer. **Sofreu não enquanto Deus, mas como se não fora Deus ao mesmo tempo.**

Por que se diz “sob Pôncio Pilatos”? Diz-se isso para que se pudesse verificar a data de o acontecimento mais importante da história da humanidade. E segundo para mostrar que a predição de Jesus, que ele seria entregue aos gentios, se cumpriu: “E o entregarão aos pagãos para ser exposto às suas zombarias, açoitado e crucificado” (Mt 20,19).

O porquê do sacrifício: Para satisfazer à justiça divina era necessário que Jesus Cristo fosse **Deus e homem.**

Homem para poder padecer e morrer.

Deus, para que os seus sofrimentos fossem de valor infinito.

Não bastaria que viesse um Anjo satisfazer por nós, porque a ofensa feita a Deus pelo pecado era, sob certo aspecto, infinita; e para satisfazê-la requeria-se unia pessoa que tivesse merecimento infinito.

Era necessário que os merecimentos de Jesus Cristo fossem de valor infinito, porque a majestade de Deus, ofendida pelo pecado, é infinita.

Por ser Deus, tinha completo domínio sobre sua vida: “O Pai me ama, porque **dou a minha vida para a retomar. Ninguém a tira de mim, mas eu a dou de mim mesmo e tenho o poder de a dar, como tenho o poder de a reassumir**” (Jo 10,17s).

Ninguém poderia lhe fazer mal, se assim não quisesse, pois estava escrito:

“Tu que habitas sob a proteção do Altíssimo, que moras à sombra do Onipotente, dize ao Senhor: Sois meu refúgio e minha cidadela, meu Deus, em que eu confio. É ele quem te livrará do laço do caçador, e da peste perniciosa. Ele te cobrirá com suas plumas, sob suas asas encontrará refúgio. Sua fidelidade te será um escudo de proteção. Tu não temerás os terrores noturnos, nem a flecha que voa à luz do dia, nem a peste que se propaga nas trevas, nem o mal que grassa ao meio-dia. Caiam mil homens à tua esquerda e dez mil à tua direita, tu não serás atingido. Porém verás com teus próprios olhos, contemplarás o castigo dos pecadores, porque o Senhor é teu refúgio. Escolheste, por asilo, o Altíssimo. Nenhum mal te atingirá, nenhum flagelo chegará à tua tenda, porque aos seus anjos ele mandou que te guardem em todos os teus caminhos. Eles te sustentarão em suas mãos, para que não tropeces em alguma pedra. Sobre serpente e víbora andarás, calcarás aos pés o leão e o dragão. Pois que se uniu a mim, eu o livrarei; e o protegerei, pois conhece o meu nome. Quando me invocar, eu o atenderei; na tribulação estarei com ele. Hei de livrá-lo e o cobrirei de glória. Será favorecido de longos dias, e mostrar-lhe-ei a minha salvação” (Sl 90).

“A estas palavras, encheram-se todos de cólera na sinagoga. Levantaram-se e lançaram-no fora da cidade; e conduziram-no até o alto do monte sobre o qual estava construída a sua cidade, e queriam precipitá-lo dali abaixo. Ele, porém, passou por entre eles e retirou-se” (Lc 4,28-30).

“A essas palavras, pegaram então em pedras para lhas atirar. Jesus, porém, se ocultou e saiu do templo” (Jo 8,59).

Portanto, Cristo quis morrer: “E eu, qual manso cordeiro conduzido à matança, ignorava as maquinações tramadas contra mim: destruamos a árvore em seu vigor. Arranquemo-la da terra dos vivos, e que seu nome caia no esquecimento” (Jr 11,19). “E, avistando Jesus que ia passando, disse: ‘Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo’.” (Jo 1,36).

Ele se entregou e foi entregue pelo Pai: “Eu o feri por causa da maldade do meu povo” (Is 53,8); “Mas aprovou ao Senhor esmagá-lo pelo sofrimento. Quando tiver sacrificado sua vida pelo pecado, verá uma longa posteridade” (Is 53,10) e ainda: “Foi imolado porque ele próprio o quis” (Is 53,7).

O porquê da Cruz: *Qui salutem humani generis in ligno Crucis constituisti: ut, unde mors oriebatur, inde vita resurgeret: et, qui in ligno vincebat, in ligno quoque vinceretur: per Christum, Dóminum nostrum* — Que no lenho da Cruz realizaste a salvação do gênero humano; para que de onde viera a morte, daí ressurgisse a vida; e aquele que no lenho vencera, no lenho fosse vencido, por Cristo Senhor nosso” (Prefácio da Santa Cruz).

Os sofrimentos de Cristo:

- Todo o seu corpo foi cruelmente ferido: a cabeça, com a coroa de espinhos; as mãos e os pés com os cravos; o rosto com os bofetões e cusparadas; o restante do corpo, com a flagelação.
- Sofreu em todos os sentidos: no paladar, com o fel e o vinagre que lhe deram; no olfato, porque o Gólgota era um lugar de caveiras; na audição, pelas blasfêmias e escárnios; na visão, por ver, principalmente, sua amantíssima mãe a chorar e sofrer.

Padeceu tudo aquilo que o homem pode sofrer e mais que qualquer homem poderia suportar: “Olhai e julgai se existe dor igual à dor que me atormenta” (Is 1,2). Foi a maior dor que alguma vez houve. Nos explica santo Tomás:

- Isso pela causa das dores que foi acerbíssima e pela generalidade das dores.
- Seu corpo era sensível, pois era perfeito, obra ótima do Espírito Santo.
- Igualmente sua alma, por ser perfeita, apreendia de modo extremo todas as causas de tristeza.
- Pela natureza da dor: os que sofrem podem mitigar a dor por considerações da mente. Mas, ao contrário, Cristo não o quis.
- Por ser uma dor voluntário, Cristo quis sofrer tanto quanto ele pudesse e proporcional ao fruto que daí surgiria.

Não era absolutamente necessário que Jesus Cristo padecesse tanto, porque o menor dos seus sofrimentos bastaria para a nossa redenção, pois cada um dos seus atos era de valor infinito.

Mas quis Jesus sofrer tanto, para satisfazer mais abundantemente à justiça divina, para nos mostrar mais claramente a sua Caridade e para nos inspirar maior horror ao pecado.

Morreu quando quis: “Havendo Jesus tomado do vinagre, disse: ‘Tudo está consumado’. Inclinou a cabeça e rendeu o espírito” (Jo 19,30). “Jesus deu então um grande brado e disse: ‘Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito’. E, dizendo isso, expirou” (Lc 23,46), o que mostra sinal de espontaneidade.

Os sinais do mundo, quando à morte de Jesus.

Necessidade da redenção subjetiva: para nos salvarmos não basta que Jesus tenha morrido por nós, mas é necessário que sejam aplicados, a cada um de nós, o fruto e os merecimentos da sua Paixão e morte; aplicação que se faz, sobretudo, por meios dos Sacramentos, instituídos para este fim pelo mesmo Jesus Cristo; e como muitos ou não recebem os Sacramentos, ou não os recebem com as condições devidas, eles tornam inútil para si próprios a morte de Jesus Cristo.

V ARTIGO: DESCIDA AOS INFERNOS E RESSURREIÇÃO

A morte em Cristo foi, como em nós, a separação do seu corpo com sua alma.

Entretanto, como sua Pessoa, que é divina, realmente (e não aparentemente) assumiu a natureza humana, ela sempre esteve unida substancialmente ao seu corpo e à sua alma.

Ou seja, **sua divindade estava presente junto ao seu corpo no sepulcro e à sua alma no limbo.**

Este artigo do Símbolo diz: “Desceu à mansão dos mortos; ressuscitou ao terceiro dia”.

Inferno indica lugares inferiores, ou seja, em sentido largo qualquer lugar que não seja o Céu: o purgatório, o limbo das crianças, o limbo dos patriarcas (ou mansão dos mortos) e o próprio inferno.

A “modalidade” de inferno ao qual se refere o presente artigo do Credo é o **limbo dos patriarcas**:

“E estando ele nos tormentos do inferno, levantou os olhos e viu, ao longe, Abraão e Lázaro no seu seio” (Lc 16,23).

Cristo morto desceu ao limbo dos patriarcas, à mansão dos mortos.

Mansão dos mortos era o lugar para onde iam os justos do antigo Testamento; eles não podiam ir para o Céu, pois as portas do mesmo estavam fechadas por causa do pecado: “Todos pecaram e todos estão privados da glória de Deus” (Rm 3,23).

Então Cristo para lá foi a fim de comunicar pessoalmente a salvação para seus amigos, os justos (Adão, Eva, Abel, Set, Abraão, Isaac, Jacó, Davi...): “Penetrarei em todas as profundezas da terra, visitarei todos aqueles que dormem, e alumierei todos os que confiam no Senhor” (Eclo 24,45).

As portas dos Céus nos foram abertas mediante sacrifício vicário de Cristo, pois convinha que ele, o novo Adão e o salvador da humanidade toda, fosse o primeiro (**enquanto homem**) a entrar no Céu e abrir suas portas:

“Ele é a imagem de Deus invisível, o Primogênito de toda a criação. Ele é a Cabeça do corpo, da Igreja. Ele é o Princípio, o primogênito dentre os mortos e por isso tem o primeiro lugar em todas as coisas” (Cl 1,15.18).

“Tu és digno de receber o livro e de abrir-lhe os selos, porque foste imolado e resgataste para Deus, ao preço de teu sangue, homens de toda tribo, língua, povo e raça” (Ap 5,9).

Cristo passou três dias incompletos sepultado: **três dias para que se não houvesse dúvidas quanto à sua morte real**. Não menos, para que se não houvesse dúvidas quanto à realidade de sua morte; não mais para que seus discípulos não desesperassem e não cressem mais nele.

Após isso, ressuscitou glorioso.

VI ARTIGO: SUBIDA AOS CÉUS E GLORIFICAÇÃO

Este artigo nos ensina: “Subiu aos Céus; está sentado à direita de Deus Pai todo-poderoso”.

Jesus depois de sua ressurreição dentre os mortos passou ainda 40 dias neste mundo.

Isso para:

1. **confirmar sua ressurreição aos seus Apóstolos;**
2. **discípulos e para confirmar a Doutrina sagrada.**

Durante esse período, foram conferidos os três poderes à Igreja:

1. **A Pedro, o poder de governar:**

“Jesus perguntou a Simão Pedro: ‘Simão, filho de João, amas-me mais do que estes?’ Respondeu ele: ‘Sim, Senhor, tu sabes que te amo’. Disse-lhe Jesus: ‘Apascenta os meus cordeiros’. Perguntou-lhe outra vez: ‘Simão, filho de João, amas-me?’ Respondeu-lhe: ‘Sim, Senhor, tu sabes que te amo’. Disse-lhe Jesus: ‘Apascenta os meus cordeiros’. Perguntou-lhe pela terceira vez: ‘Simão, filho de João, amas-me?’ Pedro entristeceu-se porque lhe perguntou pela terceira vez: ‘Amas-me?’, e respondeu-lhe: ‘Senhor, sabes tudo, tu sabes que te amo’. Disse-lhe Jesus: ‘Apascenta as minhas ovelhas.’” (Jo 21,15-17).

2. **Aos Apóstolos, o poder de perdoar pecados:**

“Depois dessas palavras, soprou sobre eles dizendo-lhes: ‘Recebei o Espírito Santo. Àqueles a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados; àqueles a quem os retiverdes, ser-lhes-ão retidos’.” (Jo 20,22s).

3. **Também a todos os Apóstolos, o poder de ensinar, batizar (celebrar os Sacramentos) e cumprir e guardar o Depósito da Fé:**

“Mas Jesus, aproximando-se, lhes disse: ‘Toda autoridade me foi dada no céu e na terra. Ide, pois, e ensinai a todas as nações; batizai-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Ensinai-as a observar tudo o que vos prescrevi. Eis que estou convosco todos os dias, até o fim do mundo’.” (Mt 28,18ss).

Passados os 40 dias, ele subiu ao Céu **enquanto homem**, pois, **enquanto Deus que é, nunca o deixara.**

Ele subiu ao Céu para:

Tomar posse do seu Reino comprado com seu Sangue preciosíssimo.

Preparar nosso lugar.

Enviar o Espírito Santo.

Cristo, enquanto Deus, é igual ao Pai e ao Espírito e o termo “à direita” significa que **ele tem essa igualdade não por elevação, mas por obrigação, exigência de sua natureza, por causa de sua origem.**

Neste caso, o “à direta” significa a glória da divindade, a bem-aventurança do Pai e o poder de julgar. E o “sentar-se à direita” é ter junto com o Pai a glória da divindade, a bem-aventurança e o poder de julgar **de modo imutável e próprio de um rei**. Então o termo significa apenas distinção pessoal e não grau de natureza ou dignidade que de modo algum existe nos Três que são o Deus único (cf. Suma Teológica III, q. 58, a.2, resp).

Mas se levarmos em conta sua condição humana, ela participa dessa honra devido à unidade hipostática, pois a Pessoa que dá suporte a essa humanidade é e permanece sendo a própria Pessoa do Verbo, que é Deus.

Ou seja, **na carne, não por ela, mas inseparavelmente dela, Cristo permanece igual ao Pai**. A glória de sua humanidade nada mais é que unicamente o reflexo de sua divindade.

O termo “à direita” indica ainda que **a humanidade de Jesus está acima de toda a criação**, ou seja, que participa de modo excuso e inigualável da bem-aventurança como nenhuma criatura poderia participar (“Aquele que desceu é também o que **subiu acima de todos os céus**, para encher todas as coisas” Ef 4,10).

Também para **confirmar a igualdade de Cristo com o Pai, mesmo depois da encarnação**; por isso está escrito: “Eis o oráculo do Senhor que se dirige a meu Senhor: ‘Assenta-te à minha direita’.” (Sl 109,1).

A humanidade de Cristo, portanto, tem a bem-aventurança com certo poder dominativo, quase próprio e natural.

VII ARTIGO: PARUSIA

Este artigo nos ensina: “Donde há de vir a julgar os vivos e mortos”.

Creemos que o mesmo Jesus, que subiu aos Céus e está à direita de Deus, virá novamente dessa vez em glória a fim de julgar todos os homens. Tal segunda vinda de Cristo chama-se **parusia**.

E virá para julgar como foi dito; tal julgamento chama-se **universal** em contraposição ao **particular** que ocorre no instante da morte de cada homem.

Julgar é uma função do rei. E já vimos que Jesus é rei, por isso essa função lhe cabe de maneira excelsa:

“Ele nos mandou pregar ao povo e testemunhar que é ele quem foi constituído por Deus juiz dos vivos e dos mortos” (At 10,42).

“Porque teremos de comparecer diante do tribunal de Cristo. Ali cada um receberá o que mereceu, conforme o bem ou o mal que tiver feito enquanto estava no corpo” (I Cor 5,10).

Também enquanto homem:

- **O juiz tem que ser visto; para que fosse visto, então, pois Deus é invisível.**
- **Porque mereceu através da injustiça praticada contra si:** “A tua causa foi julgada como a de um ímpio; receberás o julgamento das causas” (Jó 36,17).
- **Por causa do temor, caso aparecesse o próprio Deus.** Sendo deus quem julgará, pois Cristo é deus, mas que todos verão um homem julgar: “Então verão o Filho do Homem vir sobre uma nuvem com grande glória e majestade” (Lc 21,27).

Motivos do juízo universal:

- **Glória de Deus**, porque todos verão a justiça com que governa o mundo.
- **Glória de Cristo**, por causa da injusta ignomínia por que passou na cruz.
- **Glória dos santos**, pois muitos deles foram desprezados e agora receberão a recompensa diante de todos.
- **Confusão dos maus**, pois muitos desprezaram os bons e se fizeram passar por eles.
- **Para ratificar a sentença ao corpo**, pois não foi apenas a alma que praticou o bem ou o mal.

Pelos motivos acima se vê que todas as obras que estão escondidas serão reveladas, tanto as más quanto as boas; e sobre isto está escrito:

“Anda nos caminhos de teu coração e segundo os olhares de teus olhos, mas fica sabendo que de tudo isso Deus te fará prestar conta” (Ecle 11,9).

“Deus citará no julgamento todas as tuas ações, até as ocultas, quer sejam boas, quer sejam más” (Ecle 12,14).

VIII ARTIGO: ESPÍRITO SANTO

Este artigo nos fala a Revelação da terceira Pessoa da Trindade (“Creio no Espírito Santo”).

E o Símbolo niceno-constantinopolitano ensina: “Creio no Espírito Santo, Senhor que dá a vida, e procede do Pai e do Filho; e com o Pai e o Filho e adorado e glorificado: Ele que falou pelos Profetas”.

Sobre a processão do Espírito, tudo o quanto é possível foi explicado. Ele é a Pessoa que procede do amor incondicional, ou seja, da caridade do Pai para com o Filho e do Filho para com o Pai, **de maneira tão própria que o Espírito Santo é chamado de Amor de Deus.**

Dele se diz na Liturgia da Igreja: “*Qui diceris Paraclitus, altissimi donum Dei, fons vivus, ignis, caritas, et spiritalis unctionis*” (Vós sois chamado o Paráclito, o dom do Deus Altíssimo, a fonte viva, o fogo, a **caridade** e a unção dos espirituais).

Por isso está escrito: “Deus é Caridade” (I Jo 4,8). Dessa passagem vemos facilmente que o **Espírito Santo**, que é Caridade de Deus, **é Deus igual ao Pai e ao Filho**.

Ainda: “Deus é Espírito” (Jo 4,24). “O Senhor é Espírito” (II Cor 3,17).

Ele é o santificador e vivificador: “O Espírito é que vivifica” (Jo 6,63).

Outra verdade acerca do Espírito Santo é que **foi ele quem falou pelos profetas**, ou seja, ele foi o **inspirador das santas Escrituras e da divina Tradição**:

“E agora o Senhor Deus com seu Espírito me envia” (Is 48,16).

“Porque jamais uma profecia foi proferida por efeito de uma vontade humana. Homens inspirados pelo Espírito Santo falaram da parte de Deus” (II Pd 1,21).

O Espírito Santo, como a alma no corpo, **vivifica a única Igreja de Cristo**, que é Católica, com a sua **graça** e com os seus **dons**; estabelece nela o reino da Verdade e da Caridade; e **assiste-lhe a fim de que oriente os seus filhos com firmeza no caminho do Céu.**

IX ARTIGO: A ÚNICA IGREJA DE CRISTO, QUE É A UNA, SANTA, CATÓLICA E APOSTÓLICA IGREJA ROMANA (PARTE 1 DE 2)

Domine Deus, firma fide credo et confiteo omnia et singula quæ sancta Ecclesia Catholica proponit, quia tu, Deus, ea omnia revelasti, qui es æterna veritas et sapientia quæ nec fallere ne falli postet. In hac fide vivere et morti statuo. Amen — Senhor Deus, firmemente creio e confesso tudo e só o que a santa Igreja Católica propõe, porque tu, Deus, a ela revelaste, que és a verdade e a sabedoria que nunca falha e não pode falhar. Nesta fé viverei e permanecerei até a morte.

Este é o ato de fé que, juntamente com os atos de esperança, caridade e contrição, todo o católico deveria fazer todos os dias. Nesta belíssima oração, Deus é chamado de Verdade. Na Sagrada Escritura, lemos que a Igreja, que é a casa de Deus, é **coluna e sustentáculo da verdade** (cf. I Tm 3,15); “Verdade que nos liberta” (Jo 8,32) e que é Jesus: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14,6). É realmente através dessa única Igreja do Deus vivo (cf. I Tm 3,15) que todas e cada uma das verdades divinamente reveladas se mantêm inalteradas e vencem os tempos e as investidas das heresias no decurso dos séculos, pois “as portas do inferno não prevalecerão contra ela” (cf. Mt 16,18) e assim todos possam, crendo nelas, se salvar:

- A) Pela íntegra profissão dessa verdadeira fé (para ser íntegra, basta que não se exclua da profissão de fé católica nenhuma das suas verdades);
- B) Pela prática fiel dos divinos preceitos contido nos Dez Mandamentos, virtudes cristãs e dos deveres de estado;
- C) Pela frutuosa recepção dos Santos Sacramentos da Igreja que são os canais normais da graça divina.

Sendo, pois, Deus a Verdade suprema, a **Igreja é a coluna e o sustento de Deus!** De fato, a Igreja sustenta Deus, porque é a Santa Igreja, através de seus ministros, que realiza todos os dias o milagre da presença de Deus nas espécies do pão e do vinho, a santíssima Eucaristia, pela celebração do sacrossanto Sacrifício da Missa.

“A doutrina do Corpo Místico de Cristo, que é a Igreja (cf. Cl 1,24), recebida dos lábios do próprio Redentor e que põe na devida luz o grande e nunca satisfatoriamente celebrado benefício da nossa íntima união com tão excelsa Cabeça, é de sua natureza tão grandiosa e sublime que convida à contemplação todos aqueles a quem move o Espírito de Deus; e, iluminando as suas inteligências, incita-os eficazmente a obras salutares, consentâneas com a mesma doutrina” (Pio XII, Carta Encíclica *Mystici Corporis*, § 1 em 1943).

Já se percebe nestas poucas palavras, o quanto é excelsa a nossa santa Mãe, a Igreja. Estas palavras já são suficientes para uma profunda meditação no grande mistério da Igreja.

Se a Igreja é o Corpo de Cristo, nós somos membros de seu Corpo (cf. Ef 1,22-23; Cl 1,18.19.24; 2,18-19; Ef 4,15-16).

Além da “definição” de Corpo Místico de Cristo, por si só, bastante salutar e misterioso, há uma outra maneira de ver a Igreja. Essa outra maneira é, ao meu ver, ainda mais maravilhosa e deveria nos encher de alegria por fazermos parte de tão sublime Grêmio.

É a doutrina de que a **Igreja é a Esposa de Cristo**. Antes temos que entender a Igreja do ponto de vista humano. Igreja quer dizer assembléia; daí Igreja ser a **sociedade das pessoas batizadas que professam a mesma Fé**, a saber, em Jesus Cristo e sua Revelação, e **obedece aos Pastores da Igreja**. A essas pessoas chamamos que pertencem à Igreja.

Por isso, a **arca de Noé é uma figura dessa mesma Igreja**. A Sinagoga judia também. Assim como a antiga Aliança era uma figura da nova.

Então a doutrina de que a Igreja é a Esposa de Cristo pode já ser contemplada no antigo Testamento. Vemos isso na passagem:

“Por amor a Sião, eu não me calarei, por amor de Jerusalém, não terei sossego, até que sua justiça brilhe como a aurora, e sua salvação como uma flama. **As nações verão então tua vitória, e todos os reis teu triunfo.** Receberás então um novo nome, determinado pela boca do Senhor. E tu serás uma esplêndida coroa na mão do Senhor, um diadema real entre as mãos do teu Deus; não mais serás chamada a desamparada, nem tua terra, a abandonada; serás chamada: minha preferida, e tua terra: **a desposada**, porque o Senhor se comprazerá **em ti e tua terra terá um esposo**; assim como um jovem desposa uma jovem, aquele que te tiver construído te desposará; e como a recém-casada faz a alegria de seu marido, **tu farás a alegria de teu Deus**. Sobre tuas muralhas, Jerusalém, coloquei vigias; nem de dia nem de noite devem calar-se. Vós, que deveis manter desperta a memória do Senhor, não vos concedais descanso algum e não o deixeis em paz, até que tenha restabelecido Jerusalém para dela fazer a glória da terra. O Senhor o jurou por sua destra e por seu braço poderoso: Não deixarei mais teus inimigos alimentarem-se de teu trigo, nem os estrangeiros beberem o vinho, produto de teu trabalho” (Is 62,1-8).

A Igreja é, portanto, a **nova Jerusalém**. Daí o texto dizer “receberás um novo nome”, como está também escrito em Ap 3,12. A passagem de Ap 21,2 é ainda mais clara: “Eu vi descer do céu, de junto de Deus, a **Cidade Santa, a nova Jerusalém**, como uma **esposa ornada para o esposo**”; e ainda “Levou-me em espírito a um grande e alto monte e mostrou-me a **Cidade Santa, Jerusalém, que descia do céu, de junto de Deus, revestida da glória de Deus**. Assemelhava-se seu esplendor a uma pedra muito preciosa, tal como o jaspe cristalino” (Ap 21,10s).

E ainda:

“As mulheres sejam submissas a seus maridos, como ao Senhor, pois o marido é o chefe da mulher, como **Cristo é o chefe da Igreja, seu Corpo [místico]**, da qual ele é o Salvador. Ora, assim como a Igreja é submissa a Cristo, assim também o sejam em tudo as mulheres a seus maridos. Maridos, amai as vossas mulheres, como **Cristo amou a Igreja e se entregou por ela**, para **santificá-la**, purificando-a pela água do batismo com a palavra, para apresentá-la a si mesmo **toda gloriosa, sem mácula, sem ruga, sem qualquer outro defeito semelhante, mas santa e irrepreensível**. Assim os maridos devem amar as suas mulheres, como a seu próprio corpo. Quem ama a sua mulher, ama-se a si mesmo. Certamente, ninguém jamais aborreceu a sua própria carne; ao contrário, cada qual a alimenta e a trata, como **Cristo faz à sua Igreja** porque somos membros de seu Corpo [místico]. Por isso, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e os dois constituirão uma só carne. Este Mistério (Sacramento) é grande, quero dizer, com referência a Cristo e à Igreja” (Ef 5,22-32).

Mas qual dentre todas é a Igreja de Cristo? A resposta nos vem do Evangelho:

“E eu te declaro: ‘**Tu és Pedra**, e sobre **esta Pedra edificarei a minha Igreja**; as portas do inferno não prevalecerão contra ela. Eu te darei as chaves do Reino dos céus: **tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus**’.” (Mt 16,18s).

A Igreja de Cristo (ele a quis fundar) é a que tem São Pedro como único chefe visível. E essa Igreja é a Igreja Romana, onde o Papa faz as vezes de São Pedro!

Por isso, ensina o Magistério da Igreja o dogma proclamado no IV Concílio de Latrão, pelo Papa Inocêncio III no ano 1215 (século XIII): *Extra Ecclesiam nulla salus* — “Fora da Igreja não há salvação, assim como não houve salvação para aqueles que estavam fora da arca de Noé, primeira figura desta Igreja” (Catecismo Maior, Papa São Pio X em 1905).

A definição propriamente dita do referido Concílio foi: “**De coração cremos e com a boca confessamos uma única Igreja, não de hereges, mas a Santa, Romana, Católica e Apostólica, fora da qual cremos que ninguém se salva**” (IV Concílio de Latrão, Dz 423).

O Papa Bonifácio VIII em 1302 ratifica esse ensinamento: “Una, santa, católica e apostólica: esta é a Igreja que devemos crer e professar já que é isso o que a ensina a fé. Nesta Igreja cremos com firmeza e com simplicidade testemunhamos. **Fora dela não há salvação, nem remissão dos pecados**, como

declara o **esposo** no Cântico: ‘Uma só é minha pomba sem defeito. Uma só a preferida pela mãe que a gerou’ (Ct 6,9)” (Bula *Unam Sanctam*).

E o Concílio de Florença, através do Magistério do Papa Eugênio IV em 1442:

“A Santa Igreja Romana, fundada nas palavras de Nosso Senhor e Salvador firmemente crê, professa e prega que **todos os que estão fora da Igreja Católica**, não somente os pagãos, mas também judeus ou hereges e cismáticos, **não podem participar na vida eterna** e irão para o fogo eterno que foi preparado para os demônios e seus anjos, a não ser que eles sejam ingressados à Igreja antes do fim de suas vidas; que a unidade deste corpo eclesiástico é de tal importância que somente para aqueles que permanecem nele, os sacramentos da Igreja contribuem para a salvação, e que façam jejuns, caridade e outras obras de piedade e práticas da milícia cristã [que] produzem recompensa eterna; e que ninguém pode se salvar, não importa o quanto tenha dado em esmolas e mesmo que tenha derramado seu sangue em nome de Cristo, se não tiver perseverado no seio e unidade da Igreja Católica” (Concílio de Florença, Sessão 11, Bula *Cantate Domino*).

Poderia Deus nos salvar sem a Igreja? Certamente que sim. Assim como ele poderia nos salvar sem que se encarnasse e sofresse a morte de cruz; mas sabemos que não foi assim que ele quis.

Semelhantemente, ele quis a salvação de todo gênero humano dependesse de sua Igreja, seu Corpo e Esposa.

Em outras palavras, todos os homens que se salvaram, se salvam e salvar-se-ão o foram pela Igreja, com a Igreja e na Igreja.

Essa doutrina é mais bem compreendida tomando por base a Verdade de que a Igreja é o Corpo de Cristo (como dito acima) e a passagem de I Tm. A Igreja sustenta a Verdade e tem por missão anunciar essa Verdade. Nesse sentido, diz Cristo:

“Quem **vos ouve, a mim ouve**; e quem **vos rejeita, a mim rejeita**; e quem me rejeita, rejeita aquele que me enviou [Deus]” (Lc 10,16).

Quem não ouve a Igreja, não ouve a Verdade, como está escrito acima; então não ouve a Deus; como pode salvar-se? A essa pergunta, nos responde o divino Redentor:

“Se teu irmão tiver pecado contra ti, vai e repreende-o entre ti e ele somente; se te ouvir, terás ganhado teu irmão. Se não te escutar, toma contigo uma ou duas pessoas, a fim de que toda a questão se resolva pela decisão de duas ou três testemunhas. Se recusa ouvi-los, dize-o à Igreja. E **se recusar ouvir também a Igreja, seja ele para ti como um pagão e um publicano**. Em verdade vos digo: **tudo o que ligardes sobre a terra será ligado no céu, e tudo o que desligardes sobre a terra será também desligado no céu**” (Mt 18,15-18).

Vemos que o dogma dito acima é apenas uma explicitação do que está ensinado pelas Escrituras. E para encerrar:

“Eu sou a videira verdadeira, e meu Pai é o agricultor. **Todo ramo que não der fruto em mim, ele o cortará**; e podará todo o que der fruto, para que produza mais fruto. Vós já estais puros pela palavra que vos tenho anunciado. Permaneци em mim e eu permanecerei em vós. **O ramo não pode dar fruto por si mesmo, se não permanecer na videira** [que é Cristo]. Assim também vós: não podeis tampouco dar fruto, se não permanecerdes em mim. Eu sou a videira; vós, os ramos. Quem permanecer em mim e eu nele, esse dá muito fruto; **porque sem mim nada podeis fazer**. Se alguém não permanecer em mim será lançado fora, como o ramo. Ele secará e hão de ajuntá-lo e lançá-lo ao fogo, e queimar-se-á” (Jo 15,1-6).

Essa Igreja tem ainda **quatro características** (ou notas) substanciais. A Igreja é, como se reza no Símbolo niceno-constantinopolitano: **Una, Santa, Católica e Apostólica**.

1. Una porque tem um só Esposo, um só Redentor, um só chefe que é Jesus e na terra o Papa, sucessor de são Pedro. Lemos: “Há um só Senhor, uma só fé, um só batismo” (Ef 4,5). Lê-se: “Uma, porém, é a minha pomba, uma só a minha perfeita” (Ct 6,9). Portanto, uma só Igreja, assim

como houve uma só arca para se salvar do dilúvio, pois a pluralidade de igrejas implica pluralidade de doutrina, de fé e de verdade; **ora, sabemos que isso é impossível!**

Pelas palavras em oração que Jesus fez pela sua Esposa ao seu Pai todo-poderoso antes de se entregar à morte: “Tenho ainda outras ovelhas que não são deste aprisco. Preciso conduzi-las também, e ouvirão a minha voz e **haverá um só rebanho e um só pastor**” (Jo 10,16); “Pai santo, guarda-os em teu nome, que me encarregaste de fazer conhecer, **a fim de que sejam um como nós**” (Jo 17,11).

2. Santa porque foi salva pelo sacrifício redentor de Cristo no Calvário e cujo mérito é aplicado pelo Sacrifício da Missa que ela mesma oferece ao seu Esposo para sua própria purificação e justificação de seus membros e de todo o mundo. **A Igreja é santa e incorruptível** (cf. Ef 5,27 – citação acima). Ensina-nos a Tradição: “Vacilará a Igreja se vacila o seu fundamento; mas poderá talvez Cristo vacilar? Não. Visto que Cristo não vacila, a Igreja permanecerá intacta até o fim dos tempos” (santo Agostinho, *Enarrationes in Psalms*, 103,2,5; PL, 37, 1353).

Ainda a oração sacerdotal: **“Santifica-os pela verdade. Santifico-me por eles para que também eles sejam santificados pela verdade”** (Jo 17,17.19).

3. Católica porque a Revelação de Cristo é para todos. Não mais povo privilegiado. Todos são chamados ao grêmio da Igreja. “Em um só Espírito fomos batizados todos nós, para formar um só Corpo, **judeus ou gregos, escravos ou livres; e todos** fomos impregnados do mesmo Espírito (ICor 12,13) e ainda “Já não há judeu nem grego, nem escravo nem livre, nem homem nem mulher, pois todos vós sois um em Cristo Jesus” (Gl 3,28); e ainda: “Ide, pois, e ensinai a todas as nações” (Mt 28,19). “Este Evangelho do Reino **será pregado pelo mundo inteiro** para servir de testemunho a **todas as nações**” (Mt 24,14). “Ide por todo o mundo e **pregai o Evangelho a toda criatura**” (Mc 16,15). “Descerá sobre vós o Espírito Santo e vos dará força; e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria e **até os confins do mundo**” (At 1,8).

A catolicidade da Igreja não se deve ao fato dela estar difundida em todo o mundo ou de ter em seu seio todos os povos e culturas. Já em Pentecostes a Igreja é católica, ou seja, essa é uma realidade intrínseca à Igreja.

4. Apostólica porque a doutrina ensinada pela Igreja foi a Revelação de Deus Filho, o Verbo de Deus, sua Imagem substancial, aos Apóstolos. A apostolicidade da Igreja fala-nos da continuidade da Igreja através dos séculos precisamente pela sucessão apostólica, ou seja, os legítimos sucessores dos Apóstolos são os Bispos em comunhão com o Papa. A Igreja tem todos os seus elementos essenciais procedentes de Cristo e de seus Apóstolos, garantidos por uma sucessão ininterrupta até ao fim dos tempos.

“Conseqüentemente, já não sois hóspedes nem peregrinos, mas sois concidadãos dos santos e membros da família de Deus, **edificados sobre o fundamento dos apóstolos** e profetas, tendo por pedra angular o próprio Cristo Jesus” (Ef 2,19s).

“Como é possível ter por pastor aquele que não sucede a ninguém e que é logo de entrada estranho, um profano?” (São Cipriano, Ep 64, 3, 1). Esta continuidade da Igreja pelos séculos constitui um dos sinais mais claros da assistência divina.

5. Diz-se também da verdadeira Igreja: Romana. Porque os quatro caracteres da unidade, santidade, catolicidade e apostolicidade se encontram só na Igreja que tem por chefe e **Supremo Pastor o Bispo de Roma**, sucessor de São Pedro, o Papa. Por isso a Igreja Romana é chamada de **Mãe e Mestra de todas as Igrejas**.

O Papa é para a Igreja o Vigário de Cristo, fazendo sua vez no governo da Igreja universal, como ternamente dizia santa Catarina de Sena, doutora da Igreja: **“O Papa é o doce Cristo na Terra”**. Sobre isso nos lembra o Concílio Vaticano II:

“O Romano Pontífice, como sucessor de Pedro, é o perpétuo e visível princípio e fundamento da unidade quer dos Bispos quer da multidão dos fiéis (ou seja, da Igreja)” (Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, § 23).

A verdadeira Igreja de Cristo é a Igreja Romana. **Portanto, a única religião verdadeira é a Católica:**

“Lançai fora a ímpia e funesta opinião de que, em qualquer religião, é possível chegar ao caminho da salvação eterna!” (Papa Pio IX).

Além disso tudo, a Igreja de Jesus tem **quatro qualidades**: visibilidade, perpetuidade (ou indefectibilidade), imutabilidade e infalibilidade.

1. A Igreja é visível porque consiste em ser uma sociedade visível e exterior. Pois Jesus:

- a) estabeleceu um **sinal visível para nela entrar**: o Batismo;
- b) colocou-lhe à cabeça autoridades visíveis: são Pedro e os outros Apóstolos, ou seja, o Papa e os Bispos;
- c) concedeu-lhe meios externos de santificação: a pregação, os Sacramentos, a obediência e a autoridade;

Cristo quis que a Igreja fosse visível para que os homens pudessem identificá-la e livremente fazer parte dela; também para reconhecer seus pastores. De outra maneira não podia obrigar-nos, sob pena de danação eterna, a pertencer-lhe. Daí a frase dos Padres da Igreja: *Ubi Petrus, ibi Ecclesia, ibi Deus* — Onde está Pedro, aí está a Igreja, aí está Deus.

2. A Igreja é perpétua (ou indefectível) por causa de seu fim, que é a salvação das almas de todos os homens até o fim dos séculos. Indefectível significa que não pode faltar. A esse respeito está escrito:

“Ensinais a observar tudo o que vos prescrevi. Eis que estou convosco todos os dias, **até o fim do mundo**” (Mt 28,20).

3. A Igreja é imutável porque conservará invariável e imaculada o sagrado Depósito que recebeu de Cristo como o mais valioso dos tesouros. O Depósito é o **Dogma**, a **Moral** e os **Meios de Santificação**.

4. A Igreja é infalível porque é livre de erros **em relação ao que nos importa à salvação**.

Lembremos a lei máxima: *Salus animarum lex suprema est*. Mas o que se relaciona à salvação das almas? O que diz respeito à Fé e as obras de acordo com o que se crê, a Moral (bons costumes). Nesses casos, o que ensina a Igreja através de seu Magistério é infalível. Sobre isso São Paulo disse aos gálatas:

“Estou admirado de que tão depressa passeis daquele que vos chamou à graça de Cristo para um evangelho diferente. De fato, **não há dois** (evangelhos): há apenas pessoas que semeiam a confusão entre vós e querem perturbar o Evangelho de Cristo. **Mas, ainda que alguém** – nós ou um anjo baixado do céu – vos anunciasse um evangelho diferente do que vos temos anunciado, que ele seja anátema. Repito aqui o que acabamos de dizer: **se alguém pregar doutrina diferente da que recebestes, seja ele excomungado!** É, porventura, o favor dos homens que eu procuro, ou o de Deus? Por acaso tenho interesse em agradar aos homens? Se quisesse ainda agradar aos homens, não seria servo de Cristo. Asseguro-vos, irmãos, que o Evangelho pregado por mim não tem nada de humano. Não o recebi nem o aprendi de homem algum, mas mediante uma revelação de Jesus Cristo. Certamente ouvistes falar de como outrora eu vivia no judaísmo, com que excesso perseguia a Igreja de Deus e a assolava” (Gl 1,6-13).

Por isso São Paulo foi confirmar o seu Evangelho com o Pastor supremo, São Pedro, o primeiro Papa: “Três anos depois subi a Jerusalém **para conhecer Cefas**, e fiquei com ele quinze dias” (Gl 1,18).

A infalibilidade eclesial merece uma atenção e uma explicação especial. Quis Deus que a pertença à Igreja fosse indispensável à salvação: “Quem crer e for batizado será salvo” (Mc 16,16). Por isso ela deve ser infalível.

Por isso, a antiga frase latina: *Roma locuta est, causa finita est* — Roma falou, fim de causa. **O Papa, e apenas ele, quando fala em nome da Igreja algo sobre Fé ou Moral que esteja na Revelação, é infalível.** A infalibilidade da Igreja e do Papa é dogma de Fé professado pelo Concílio Vaticano I em 1870 pelo beato Pio IX.

A infalibilidade só atinge o Papa ou uma **decisão de um Concílio ecumênico quando o Papa a aprova**. De fato, Cristo deu as chaves do Reino dos Céus e o poder de ligar **apenas a Pedro** (cf. Mt 16,19); e **aos Apóstolos em seu conjunto**, incluindo Pedro (cf. Mt 18,18).

Parte apologética:

Jesus Cristo, além de ensinar uma doutrina, instituiu uma sociedade (união de vários homens para obter um fim): **Lc 6,12s; Jo 20, 21.23; Mc 16,15s.**

Jesus Cristo conferiu a São Pedro a autoridade suprema na sociedade que ele fundou: **Mt 16,18s; Jo 21,15ss; Mt 10,2; At 5, 29; Mc 1,36; Lc 9,32; 22,32; ICor 1, 12.**

Além de São Pedro, também aos outros Apóstolos se concedeu certa autoridade na sociedade fundada por Nosso Senhor:

- a) Legislar: **Mt 18,18;**
- b) Perdoar pecados: **João 20,22s;**
- c) Consagrar: **Lc 21,19;**
- d) Pregar e batizar: **Mc 16,15-18;**

Cristo, ao fundar a Igreja, quis que ela permanecesse até o fim do mundo, tal como ele tinha estabelecido: **Mt 16,18; 28,18ss.**

Portanto, a “seita dos nazarenos” (At 24,5) nada mais é que a Igreja Una Santa Católica e Apostólica.

*Ego vero Evangelio non crederem, nisi me catholicæ Ecclesiæ commoveret auctoritas — Eu não creria no Evangelho, se a isto não me levasse a autoridade da Igreja católica (Sto. Agostinho, *Contra epistulam Manichæi quam vocant fundamenti* 5,6: PL 42,176).*

IX ARTIGO: COMUNHÃO (PARTE 2 DE 2)

A comunhão dos santos é a finalidade e a razão da vida humana.

Na Igreja existe um tríplice estado: a Igreja militante (porque combatem a batalha espiritual), a Igreja triunfante (porque já gozam a glória definitiva) e a Igreja purgante ou padecente (porque expurgam as penas devidas aos seus pecados) que são respectivamente os fiéis da Terra, do Céu e do Purgatório.

Comunhão dos Santos é, então, a participação dos membros da Igreja, pela Íntima união que existe entre todos, nos bens espirituais, assim internos como externos, que lhe pertencem.

É de fé que há essa comunicação de bens entre os três estados da Igreja.

Os bens internos são: a **graça**, a **Fé**, a **Esperança**, a **Caridade**, os merecimentos infinitos de Jesus Cristo, os merecimentos superabundantes da **santíssima Virgem e dos Santos**, e o **fruto de todas as boas obras** que na mesma Igreja se fazem.

Os bens externos são: os **Sacramentos**, o **santo Sacrifício da Missa**, as **orações públicas**, as **funções religiosas** e todas as **outras práticas exteriores** que unem entre si os fiéis.

A estes bens (internos e externos) dá-se o nome de **Tesouro espiritual da Igreja**.

Qualquer pessoa pode realizar uma boa obra e seus frutos contar entre os bens espirituais da Igreja. Isso porque em qualquer obra, há dois méritos:

o **pessoal** (que cabe a quem faz a ação);

e o **universal** (que pode dispor a favor dos outros e que é aplicado pela Igreja a favor dos outros).

É assim que uma pessoa que não faz parte da Igreja pode se salvar. A salvação vem apenas pela Igreja; sem ela ninguém pode se salvar, pois o Tesouro dos méritos de Cristo e dos Santos são propriedade apenas dela aplicáveis a quem ela quiser dispensar. Ela é a dispensadora do Tesouro dos méritos.

São esses méritos que nos são aplicados nas indulgências.

O sujeito da aplicação desses bens são os membros vivos da Igreja (os que estão em estado de graça).

Aqueles que estão em pecado mortal, não participam plenamente dos bens; na verdade perdem maior parte deles.

Há os que não participam da comunhão dos santos. São eles:

- **Na outra vida**, os condenados, porque nem a Igreja tem poder sobre eles, nem eles podem obter o fim a que a Igreja se propõe: a salvação das almas.
- **Nesta vida**, aqueles que não pertencem nem à alma nem ao corpo da Igreja, quer dizer, aqueles que se encontram fora da verdadeira Igreja:
os infiéis, os judeus, os hereges, os apóstatas, os cismáticos e os excomungados.

Por fim, chama-se essa comunhão de “dos santos” porque os membros do Céu já estão na posse de Deus; os do Purgatório, a caminho dela; e os da Terra são santificados pelos Sacramentos e chamados à santidade.

“Pois, como em um só corpo temos muitos membros e cada um dos nossos membros tem diferente função, assim nós, embora sejamos muitos, formamos um só corpo em Cristo, e cada um de nós é membro um do outro” (Rm 12,4s).

“Combateti comigo, dirigindo vossas orações a Deus por mim” (Rm 15,30).

“Orai uns pelos outros para serdes curados. A oração do justo tem grande eficácia” (Tg 5,16).

“Adiantou-se outro anjo e pôs-se junto ao altar, com um turíbulo de ouro na mão. Foram-lhe dados muitos perfumes, para que os oferecesse com as orações de todos os santos no altar de ouro, que está adiante do trono. A fumaça dos perfumes subiu da mão do anjo com as orações dos santos, diante de Deus” (Ap 8 3s).

“Quando recebeu o livro, os quatro Animais e os vinte e quatro Anciões prostraram-se diante do Cordeiro, tendo cada um uma cítara e taças de ouro cheias de perfume (que são as orações dos santos)” (Ap 5,8).

X ARTIGO: REMISSÃO DOS PECADOS

Cremos que todo pecado foi remido, ou seja, **a redenção é superabundante**: “Mas onde abundou o pecado, superabundou a graça” (Rm 5,20).

A Igreja recebeu de Cristo o poder de remir seus pecados. A redenção do Verbo, ele a confiou à sua Igreja para aplicá-la.

Portanto, a Igreja é a dispensadora dos méritos de Cristo através dos Sacramentos, especialmente Batismo e Penitência.

Poder esse recebido pelo próprio Cristo: “Depois dessas palavras, soprou sobre eles dizendo-lhes: Recebei o Espírito Santo. Àqueles a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados; àqueles a quem os retiverdes, ser-lhes-ão retidos” (Jo 20,22s).

Pois na redenção Cristo apagou:

- A ofensa (agravo feito a Deus pelo ato mau): “Se, quando éramos ainda inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho” (Rm 5,10);
- A culpa (é a mancha do pecado na alma, ao retirá-la graça): “[Jesus Cristo] que nos lavou de nossos pecados no seu sangue” (Ap 1,5);
- A pena (castigo que o pecado merece): “Carregou os nossos pecados em seu corpo sobre o madeiro” (I Pd 2,24).

Esse múnus é aplicado através do Papa, que tem a plenitude desse poder, dos Bispos e Sacerdotes, cooperadores dos Bispos.

XI ARTIGO: RESSURREIÇÃO DA CARNE

Deus onipotente, para o qual nada é impossível, ressuscitará dos mortos todos os homens: “Com efeito, se por um homem veio a morte, **por um homem vem a ressurreição dos mortos**” (I Cor 15,21).

Essa verdade foi dada largamente pela Tradição através dos Padres como o Bispo São Cirilo de Alexandria (370-442, In Joann. 8,51), São João Crisóstomo (349-407, De resurrectione mortuorum, 8) e pelo Magistério:

“Todos ressuscitarão com seus próprios corpos que agora têm, para serem retribuídos conforme as suas obras, quer tenham sido boas ou más: estes (os réprobos) terão, com o diabo, a pena eterna; estes (os eleitos), com Cristo, a glória sempiterna” (Concílio Ecumênico Lateranense IV, *De fide catholica contra Albigenses* em 1215).

Ressurreição segundo as obras de cada um:

“Não vos maravilheis disso, porque vem a hora em que **todos os que se acham nos sepulcros sairão deles ao som de sua voz** [do Filho do Homem]: **os que praticaram o bem irão para a ressurreição da vida, e aqueles que praticaram o mal ressuscitarão para serem condenados**” (Jo 5,28s).

Será uma vida diferente da terrena: “Na ressurreição, os homens não terão mulheres nem as mulheres, maridos; mas serão como os anjos de Deus no céu.” (Mt 22,30).

Ressuscitará o mesmo corpo: “Por detrás de minha pele, que envolverá isso, na minha própria carne, verei Deus” (Jó 19,6). “É necessário que este corpo corruptível se revista da incorruptibilidade” (I Cor 15,53s).

Mas na perfeição corpórea: “Até atingirmos o estado de homem feito, na medida da plenitude da idade de Cristo” (Ef 4,13).

Isso ocorrerá para que o corpo participe da sorte da alma, uma vez que ele foi participante nas virtudes e nos pecados.

Se dará no fim dos tempos, antes do Juízo Final Universal.

Aos bons, a glória por quatro qualidades:

1. claridade é a resplandecência, qual o sol e as estrelas, e a formosura da alma pela infusão da luz da glória. “Então, no Reino de seu Pai, os **justos resplandecerão como o sol**. Aquele que tem ouvidos, ouça” (Mt 13,43); mas em diversos graus:
2. impassibilidade que é a ausência de qualquer sofrimento, dor ou incômodo (como o dom preternatural): “Semeado no desprezo, **ressuscita glorioso**” (I Cor 15,43). “**Os mortos ressuscitarão incorruptíveis**, e nós seremos transformados” (I Cor 15,52). “Enxugará [Deus] toda lágrima de seus olhos e **já não haverá morte, nem luto, nem grito, nem dor**, porque passou a primeira condição” (Ap 21,4);
3. agilidade consiste em que poderá deslocar-se num momento, sem fadiga, de qualquer lugar para outro. “No dia de sua visita, eles se reanimarão, e **correrão como centelhas na palha**” (Sb 3,7);
4. sutilidade consiste em poder penetrar outros corpos com Cristo no Cenáculo: “**Estando trancadas as portas, veio Jesus, pôs-se no meio deles** e disse: ‘A paz esteja convosco!’” (Jo 20,26). “Semeado corpo animal, **ressuscita corpo espiritual**” (I Cor 15,44).

Aos maus, a desgraça por quatro qualidades:

1. obscuros, em graus diversos, devido ao horrível estigma da reprovação eterna: “Os seus rostos serão como **fisionomias inflamadas**” (Is 13,8);
2. passíveis, mas jamais corrompidos: “E quando se virarem, poderão ver os cadáveres daqueles que se revoltaram contra mim, porque **o verme deles não morrerá e seu fogo não se extinguirá**, e para todos serão um espetáculo horripilante” (Is 66,24);

3. pesados, como que acorrentados: “**Para lançar em ferros os seus reis, e pôr algemas em seus príncipes**” (Sl 149,8);
4. carnais: “**Os animais apodrecerão nos seus excrementos**” (Jl 1,17).

XII ARTIGO: VIDA ETERNA

Os quatro novíssimos: a morte, o juízo, o inferno e o paraíso.

Depois da morte, há outra vida, **eternamente feliz para quem morreu na graça de Deus ou eternamente desgraçada para os que tiveram morrido sem a graça**, ou seja, **em estado pecado mortal**.

“É necessário que se creia primeiro que ele [Deus] existe e **que recompensa os que o procuram**” (Hb 11,6).

“Mas, pela tua obstinação e coração impenitente, vais acumulando ira contra ti, para o dia da cólera e da revelação do justo juízo de Deus, **que retribuirá a cada um segundo as suas obras: a vida eterna aos que, perseverando em fazer o bem, buscam a glória, a honra e a imortalidade; mas ira e indignação aos contumazes, rebeldes à verdade e seguidores do mal**” (Rm 2,5-8).

O INFERNO

Inferno é o lugar de eterno e puro ódio a Deus e aos santos.

As penas do inferno são: a **pena de dano** que é privação de todo bem, especialmente de Deus e a **pena dos sentidos** que é o sofrimento de todo o mal e dor.

Penas iguais em duração (eternas), mas não quanto à intensidade.

Pelo remorso: é a pena da memória que recorda ao condenado os meios de salvação que teve nesta vida, o **desprezo** que os deu e como veio a condenar-se **por culpa apenas sua**.

Pelo desespero: é a pena da imaginação que representa ao condenado constantemente que os seus tormentos durarão, não milhares, nem milhões de anos, **mas enquanto Deus for Deus**.

- “Voltar-se-á em seguida para os da sua esquerda e lhes dirá: ‘Retirai-vos de mim, malditos! Ide para o fogo eterno destinado ao demônio e aos seus anjos’. E estes irão para o castigo eterno, e os justos, para a vida eterna”. (Mt 25,41.46).

O CÉU

Céu é o lugar de eterna felicidade, onde Deus recompensa os justos. Lugar onde reina a caridade: “Por ora subsistem a fé, a esperança e a caridade – as três. **Porém, a maior delas é a caridade**” (I Cor 13,13), pois este é o seu lugar e “aquele que não ama não conhece a Deus, porque Deus é Caridade” (I Jo 4,8).

A principal felicidade do céu é a cisão beatífica, ou seja, a visão de Deus:

“Caríssimos, desde agora somos filhos de Deus, mas não se manifestou ainda o que havemos de ser. Sabemos que, quando isto se manifestar, **seremos semelhantes a Deus, porquanto o veremos como ele é**” (I Jo 3,2).

“Hoje vemos como por um espelho, confusamente; mas então veremos face a face. Hoje conheço em parte; mas então conhecerei totalmente, como eu sou conhecido” (I Cor 13,12).

E para isso precisamos da ajuda dele, com o que se chama *lumen gloriae*, que é **a luz sobrenatural que aperfeiçoa o entendimento**, pois a visão da essência de Deus está acima da capacidade natural da criatura. Pois Deus “habita em luz inacessível, a quem nenhum homem viu, nem pode ver” (I Tm 6,16). Por isso se faz necessária sua graça pela qual podemos entrar “na posse das maiores e mais preciosas promessas, a fim de tornar-vos por este meio **participantes da natureza divina**” (II Pd 1,4).

No céu teremos, em Deus, todo o bem e toda felicidade e a realização de nossas aspirações, pois Deus é o Bem infinito. E não haverá nenhum mal, nem pecado, nem possibilidade dele, nem dor, nem desejo, nem inquietação, nem sequer necessidades, pois Deus saciará a todos.

“Bem-aventurados os que têm um coração de pobre, porque deles é o Reino dos céus! **Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados!** Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a terra! **Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados!** Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia! Bem-aventurados os puros de coração, porque verão Deus! Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus! Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino dos céus! Bem-aventurados sereis quando vos caluniarem, quando vos perseguirem e disserem falsamente todo o mal contra vós por causa de mim. Alegrai-vos e exultai, porque será grande a vossa recompensa nos céus, pois assim perseguiram os profetas que vieram antes de vós” (Mt 5,3-12).

- “Eles se saciam da abundância de vossa casa, e lhes dais de beber das torrentes de vossas delícias” (Sl 35,9).
- “Então o Rei dirá aos que estão à direita: ‘Vinde, benditos de meu Pai, tomai posse do Reino que vos está preparado desde a criação do mundo’” (Mt 25,34).
- “Hoje vemos como por um espelho, confusamente; mas então veremos face a face. Hoje conheço em parte; mas então conhecerei totalmente, como eu sou conhecido” (I Cor 13,12).

II PARTE: A MORAL CATÓLICA

MANDAMENTOS: LEI MORAL (PARTE 1 DE 3)

Moral → palavra do latim *mores* que significa modos, costumes, maneira de agir.

Há dois estudos do “*mores*” humano:

- **Ética:** considera o homem um ser puramente natural (esquecendo-se da sua semelhança a Deus) partindo da apenas da razão para chegar à perfeição natural e social.
- **Moral:** toma os princípios da revelação, tirando conclusões para dirigir o homem ao seu **fim sobrenatural**.

A lei moral difere da lei física. Esta **obriga necessariamente** o homem (e as demais criaturas corporais) a sua obediência. Aquela **obriga nos âmbitos do livre arbítrio**. A lei moral é, portanto, a lei divina.

Ela pode ser definida como **a expressão da divina sabedoria dirigida ao homem para que este alcance seu fim e perfeição**. Ela também diz respeito ao bem da sociedade.

A lei divina, por ser o que é, é eterna. Os moralistas dividem-na em lei divina e lei positiva.

Lei divina positiva é a que agrupa as ações que são boas porque Deus mandou para o nosso bem (ou as más porque ele proibiu), mas cuja necessidade de obediência se deve apenas pela Revelação especial de Deus; ou seja, tais leis não têm raiz própria na natureza humana. Exemplo: A obediência à Igreja ou ao Papa. A obrigação do batismo...

Lei divina natural é a que agrupa as ações humanas que são próprias de sua natureza. Ou seja, é a conduta que está a consciência humana – sua inteligência guiada pela razão – clama para ser cumprida ou repudiada.

São boas ou más porque são intrinsecamente assim. Desobedecer, então, uma lei natural é **sempre pecado**. O adultério é sempre mau, mesmo que não fosse proibido pelos mandamentos. Era mau antes de Deus desse a Moisés as tábua dos mandamentos.

Portanto ninguém pode escusar-se desconhecer os mandamentos. Pois, para salvar-nos: “Ora, sem fé é impossível agradar a Deus, pois para se chegar a ele é necessário que se **creia primeiro que ele existe e que recompensa os que o procuram**” (Hb 11,6) e ainda: “Os pagãos, que não têm a lei, **fazendo naturalmente as coisas que são da lei (...)** **mostram que o objeto da lei está gravado nos seus corações**, dando-lhes testemunho a sua consciência, bem como os seus raciocínios, com os quais se acusam ou se escusam mutuamente” (Rm 2,14s).

A obediência à lei divina [e] eterna (natural ou positiva) é mais bem e facilmente cumprida através da Caridade a Deus: “Se me amais, guardareis os meus mandamentos” (Jo 14,15).

O cumprimento da lei é tão necessária à salvação quanto a fé: “**Se queres entrar na vida, observa os mandamentos**” (Mt 19,17). “Todos os que sem a lei pecaram, sem aplicação da lei perecerão; e quantos pecaram sob o regime da lei, pela lei serão julgados. Porque diante de Deus não são justos os que ouvem a lei, mas **serão tidos por justos os que praticam a lei**” (Rm 2,12s).

Ainda: “Pois em verdade vos digo: passará o céu e a terra, antes que desapareça um jota, um traço da lei. Aquele que violar um destes mandamentos, por menor que seja, e ensinar assim aos homens, será declarado o menor no Reino dos céus. Mas aquele que os guardar e os ensinar será declarado grande no Reino dos céus” (Mt 5,18s). “Mais facilmente, porém, passará o céu e a terra do que se perderá uma só letra da lei” (Lc 16,17).

“Acaso não sabeis que os injustos não hão de possuir o Reino de Deus? Não vos enganeis: nem os impuros, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os efeminados, nem os devassos, nem os ladrões, nem os avarentos, nem os bêbados, nem os difamadores, nem os assaltantes hão de possuir o Reino de Deus.

Ao menos alguns de vós têm sido isso. Mas fostes lavados, mas fostes santificados, mas fostes justificados, em nome do Senhor Jesus Cristo e pelo Espírito de nosso Deus. Tudo me é permitido, mas nem tudo convém. Tudo me é permitido, mas eu não me deixarei dominar por coisa alguma. Os alimentos são para o estômago e o estômago para os alimentos: Deus destruirá tanto aqueles como este. O corpo, porém, não é para a impureza, mas para o Senhor e o Senhor para o corpo: Deus, que ressuscitou o Senhor, também nos ressuscitará a nós pelo seu poder. Não sabeis que vossos corpos são membros de Cristo?" (I Cor 6,9-15).

Corolário: A ignorância invencível dispensa o homem da lei divina positiva e da lei humana eclesiástica (ou mesmo da lei humana civil), mas não da lei natural – trivial.

PROVA DA LEI MORAL NATURAL

O princípio generalíssimo da moral é que o **bem deve ser feito e o mal deve ser evitado**. Esse princípio é conhecido por todos sem ser preciso ser ensinado.

Para se conhecer o que é bom (e consequentemente o que é mau) o princípio primeiro da moral se desdobra em três princípios da lei natural.

O primeiro princípio da lei natural: a vida física é um bem e deve ser conservada.

Princípio que nos vem pelo instinto de conservação, que é inerente à natureza.

Nenhuma criatura quer ser morta, e, se alguém tenta matá-la, ela se defende. Todos sabemos (até mesmo os animais) **a vida é um bem**. Disso decorre que todo homem sabe que não deve matar a outro homem, e nem se matar.

Por esse primeiro princípio, então, todo homem conhece o **Quinto Mandamento: Não matarás**.

Todavia, pode-se matar alguém, impedindo que ele coma. Por isso, pelo mesmo instinto de conservação, todo homem sabe que deve respeitar a propriedade alheia. Daí, todos conhecem que não se pode pegar o que é de outro.

Todos conhecem, pelo instinto de conservação, que não se pode roubar. Todos conhecem o **Sétimo Mandamento: Não roubarás** e o **Décimo Mandamento: Não cobiçar as coisas alheias**.

O segundo princípio da lei natural: a vida da espécie é um bem e deve ser conservada.

Qualquer homem comprehende que a vida da humanidade é um bem ainda maior (por isso é lícito a pena capital). Todo homem, naturalmente, deseja propagar a espécie, tendo filhos, por causa do instinto de reprodução sexual.

Tudo o que viola a finalidade do sexo, que é a manutenção da espécie pela reprodução sexual, é visto como mal. Por isso, em todos os povos, o adultério era normalmente punido com a morte. Em Roma pagã o casamento era monogâmico e indissolúvel. No antigo Egito se condenava o adultério e se considerava os atos sexuais que não visavam a procriação como impureza. Por essa razão, todo homem quer defender seus filhos e sua esposa. Daí o adultério revoltar qualquer esposo ou esposa.

Por esse princípio segundo, todos conhecem o **Sexto Mandamento: Guardar a pureza da castidade** e o **Nono Mandamento: Não cometer adultério**.

Como consequência do conhecimento de que a perpetuação da espécie é um bem, todo homem sabe que deve **honrar** os pais, porque deram vida aos filhos pela união conjugal (quando o ato sexual é realizado fora do matrimônio e não visa dar vida, é sempre desonroso). O verbo **honrar**, indica que se faz sempre uma distinção entre o ato procriador visando dar vida, que é ato honroso, do ato da prostituta, que não visa dar vida, **mas apenas o prazer**.

Em todos os povos, por mais selvagens, o respeitar os pais sempre foi lei conhecida.

Como consequência do conhecimento de que a perpetuação da espécie é um bem, todo homem sabe o **Quarto Mandamento: Honrar pai e mãe**.

O terceiro princípio da lei natural: a vida intelectual é um bem e deve ser preservada.

É evidente que todo homem detesta ser enganado. Isto demonstra nossa tendência para a verdade. Todos sabem a verdade é uma só e não pode haver duas verdades contrárias. Todo homem quer saber o que as coisas são. Todo homem quer saber a verdade.

Isso não decorre de um instinto, mas de uma tendência do homem para saber. Dessa tendência natural do espírito humano, decorre a condenação da mentira e o amor à verdade. Porque Deus fez o homem para a verdade e sendo ele a Verdade Absoluta, fez-nos para conhecê-lo. Dessa tendência natural para conhecer e amar a verdade decorrem os mandamentos relativos a Deus, Verdade Absoluta e a testemunhar o certo.

Todo homem conhece o **Primeiro Mandamento: Amar a Deus acima de tudo, o Segundo Mandamento: Não tomar o santo nome de Deus em vão, o Terceiro Mandamento: Santificar um dia para adorar e oferecer sacrifícios a Deus e o Oitavo mandamento: Não prestar falso testemunho.**

Como exemplo, eis o resumo dos 42 pecados que o Livro dos Mortos dos egípcios enumerava e que a alma devia negar ter praticado diante de Osíris (deus da vida no além):

1 - Adorei os deuses. 2 - Cumpri minhas promessa aos deuses. 3 - Freqüentei os templos. 4 - Não fiz minha mãe chorar. 5 - Não matei. 6 - Fui puro. Fui puro. Fui puro. 7 - Não mudei a cerca de lugar. 8 - Não caluniei. 9 - Não cometи adultério. Isso mostra como esses pagãos conheciam a lei natural.

MANDAMENTOS: PRIMEIRA TÁBUA DA LEI (PARTE 2 DE 3)

Deus deu a Lei a Moisés em duas tábuas: “Moisés desceu do monte Sinai, tendo nas mãos as duas tábuas da lei. Descendo do monte, Moisés não sabia que a pele de seu rosto se tornara brilhante, durante a sua conversa com o Senhor. Aproximaram-se, em seguida, todos os israelitas, a quem ele transmitiu as ordens que tinha recebido do Senhor no monte Sinai” (Ex 34,29.32).

Assim foi a divisão da Lei: na primeira tábua, os mandamentos referentes a Deus; na segunda, os mandamentos referentes ao próximo.

Por isso toda a Lei pode ser resumida em: “Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda tua alma e com todas as tuas forças” (Dt 6,5). “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Lv 19,18).

Entretanto Jesus aperfeiçoou este último, como ele mesmo disse que faria (“Não julgueis que vim abolir a lei ou os profetas. Não vim para os abolir, mas sim para levá-los à perfeição” – Mt 5,17): “Douvos um novo mandamento: ‘Amai-vos uns aos outros. **Como eu vos tenho amado, assim também vós deveis amar-vos uns aos outros**’.” (Jo 13,34).

Mas o mais importante dos mandamentos é este: ““Mestre, qual é o maior mandamento da lei?” Respondeu Jesus: ‘Amarás o Senhor teu Deus de todo teu coração, de toda tua alma e de todo teu espírito. Este é o maior e o primeiro mandamento’.” (Mt 22,36-38).

Perenidade do Decálogo: “Pois em verdade vos digo: passará o céu e a terra, antes que desapareça um jota, um traço da lei. Aquele que violar um destes mandamentos, por menor que seja, e ensinar assim aos homens, será declarado o menor no Reino dos céus. Mas aquele que os guardar e os ensinar será declarado grande no Reino dos céus” (Mt 5,18s). “Mais facilmente, porém, passará o céu e a terra do que se perderá uma só letra da lei” (Lc 16,17).

PRIMEIRO MANDAMENTO: AMAR A DEUS SOBRE TODAS AS COISAS

“Eu sou o Senhor teu Deus, que te fez sair do Egito, da casa da servidão. Não terás outros deuses diante de minha face. Não farás para ti escultura, nem figura alguma do que está em cima, nos céus, ou embaixo, sobre a terra, ou nas águas, debaixo da terra. Não te prostrarás diante delas e não lhes prestarás culto. Eu sou o Senhor, teu Deus, um Deus zeloso que vingo a iniqüidade dos pais nos filhos, nos netos e nos bisnetos daqueles que me odeiam, mas uso de misericórdia até a milésima geração com aqueles que me amam e guardam os meus mandamentos” (Ex 20,2-6).

“Eu sou o Senhor, teu Deus, que te tirei do Egito, da casa da servidão. Não terás outro deus diante de mim. Não farás para ti imagem de escultura representando o que quer que seja do que está em cima no céu, ou embaixo na terra, ou nas águas debaixo da terra. Não te prostrarás diante delas para render-lhes culto, porque eu, o Senhor, teu Deus, sou um Deus zeloso, que castigo a iniqüidade dos pais nos filhos, até a terceira e a quarta geração daqueles que me odeiam, mas uso de misericórdia até a milésima geração com aqueles que me amam e guardam os meus mandamentos.” (Dt 5,6-10).

Este mandamento diz respeito à religião: virtude moral, conexa com a justiça, que nos ordena render culto a Deus por ser ele o primeiro princípio e o soberano Senhor de todas as coisas que existem.

Ele nos manda amar a Deus acima de tudo porquanto é o Senhor do céu e da terra e doador de todos os benefícios das criaturas e proíbe tudo quanto vá de encontro ao seu culto perfeito.

Por isso, o amor a Deus pode ser dividido em dois: **amor de agradecimento** (amor imperfeito) e **amor de benevolência** (amor perfeito).

Amor imperfeito é quando amamos Deus por esperarmos algo dele ou porque nos prodigalizou muitas coisas.

Amor perfeito é quando amamos Deus pelo que ele é, em si, infinitamente perfeito, belo, glorioso, bom e digno de amor, sem sequer tomar em consideração o seu amor e a sua misericórdia para conosco.

Com o **amor imperfeito**, pensamos, sobretudo, nos **dons**; com o **perfeito**, pensamos na **bondade do Doador**.

E amamos mais o Doador **não tanto pelos seus dons como pelo seu amor e pela sua bondade que se manifestam nos dons**.

Para se entender melhor o “em si mesmo”:

Há estrelas que nem podemos distinguir, por estarem muito longe de nós, e, contudo, são tão grandes e formosas como o sol, que tão prodigamente nos dá o calor e a vida.

Da mesma forma, ainda que o homem não tivesse visto nem gozado nunca do amor de Deus, eterna Estrela do céu. Ainda que Deus não tivesse criado o mundo nem criatura alguma, seria, apesar disso, grande, belo, glorioso e digno de ser amado, porque é em si mesmo e para si, o bem mais excelente, o mais perfeito e digno de amor.

Pecados contra esse mandamento:

Idolatria: que consiste em prestar a criatura a honra devida apenas a Deus.

Contra a Fé:

Dúvida voluntária: recusa ou negligência em crer no que Deus revelou ou no que a Igreja propõe.

Dúvida involuntária: hesitação em crer, geralmente pela dificuldade de entendimento. Se é deliberadamente cultivada é pecado.

Heresia (recusa ou negação pertinaz de uma verdade de Fé, depois da recepção do Batismo): principalmente o **indiferentismo**;

Apostasia (rejeição de todas as verdades da Fé cristã); **o que leva à apostasia** é o **relaxamento com a Fé** (principalmente depois da Crisma), a **soberba intelectual, leituras imprudentes** e o **pecado habitual**.

Cisma (recusa da sujeição ao Romano Pontífice).

Contra a Esperança:

Desespero consiste em deixar de esperar de Deus sua salvação, os auxílios para alcançá-la ou o perdão de seus pecados.

Presunção que pode ser de **duas espécies**: **daquele que presume de suas capacidades naturais**, esperando salvar-se sem a ajuda do alto; ou **daquele que presume a onipotência e a misericórdia de Deus**, esperando salvar-se sem a sua própria cooperação, ou seja, sem mérito ou merecimento.

Contra a Caridade:

Indiferença a Deus;

Ingratidão;

Inveja pelos benefícios que Deus dá a outros (um dos pecados contra o Espírito Santo);

Tibiaza é preguiça, falta de ardor, de entusiasmo, frieza espiritual;

Acídia é a preguiça que nos leva ao desprezo das coisas espirituais pelo esforço que as acompanha;

Ódio a Deus.

Irreligião: tentar a Deus, simonia, profanação, sacrilégio; um dos tipos de sacrilégio são os atos contra os **votos religiosos e sacros**: pobreza, castidade e obediência, em outras palavras, sem bens, sem família, sem vontade própria: é a entrega total a Deus;

Superstição é o desvio do culto devido a Deus;

Adivinhação;

Bruxaria (vã observância) é o recurso que se faz ao poder do demônio (direto ou indiretamente) a fim de obter um determinado efeito extraordinário.

SEGUNDO MANDAMENTO: NÃO TOMAR SEU SANTO NOME EM VÃO

“Não pronunciarás o nome de Javé, teu Deus, em prova de falsidade, porque o Senhor não deixa impune aquele que pronuncia o seu nome em favor do erro” (Ex 20,7).

“Não pronunciarás em vão o nome do Senhor, teu Deus; porque o Senhor não terá por inocente aquele que tiver pronunciado em vão o seu nome” (Dt 5,11).

Deus, diz-nos a Liturgia da Igreja: “*Vere Sanctus es, Domine, fons omnis sanctitatis*” (Sois verdadeiramente Santo, ó Senhor, e fonte de toda a santidade).

Por isso devemos nos abster do abuso no falar ou invocar esse nome santíssimo pelo qual “todo joelho se dobra no céu, na terra e nos infernos” (cf. Fl 2,10).

Blasfêmia que pode ser **direta** (quando o ato de ultraje é dirigido contra Deus) ou **indireta** (quando o é contra a Virgem santíssima ou aos santos).

Voto é uma promessa deliberada feita a Deus de um bem possível e melhor que seu contrário (votos religiosos).

Juramento é a invocação do nome de Deus em testemunho de uma verdade. **Por isso o perjúrio é crime:**

“Não jureis falso, porque aborreço tudo isso - oráculo do Senhor” (Zc 8,17).

“Eu, porém, vos digo: não jureis de modo algum, nem pelo céu, porque é o trono de Deus; nem pela terra, porque é o escabelo de seus pés; nem por Jerusalém, porque é a cidade do grande Rei. Nem jurarás pela tua cabeça, porque não podes fazer um cabelo tornar-se branco ou negro. Dizei somente: Sim, se é sim; não, se é não. Tudo o que passa além disto vem do Maligno” (Mt 5,34-37).

“Antes de mais nada, meus irmãos, abstende-vos de jurar. Não jureis nem pelo céu nem pela terra, nem empregueis qualquer outra fórmula de juramento. Que vosso sim, seja sim; que vosso não, seja não. Assim não caireis ao golpe do julgamento.” (Tg 5,12).

“Não jurar nem pelo Criador nem pela criatura senão com a verdade, por necessidade e com reverência” (Santo Inácio de Loyola).

Rogar pragas que intervém o nome de Deus.

O uso mágico no nome de Deus.

TERCEIRO MANDAMENTO: GUARDAR DOMINGOS E FESTAS DE GUARDA

“Lembra-te de santificar o dia de sábado. Trabalharás durante seis dias, e farás toda a tua obra. Mas no sétimo dia, que é um repouso em honra do Senhor, teu Deus, não farás trabalho algum, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem teu servo, nem tua serva, nem teu animal, nem o estrangeiro que está dentro de teus muros. Porque em seis dias o Senhor fez o céu, a terra, o mar e tudo o que contêm, e repousou no sétimo dia; e por isso o Senhor abençoou o dia de sábado e o consagrou” (Ex 20,8-11).

“Guardarás o dia do sábado e o santificarás, como te ordenou o Senhor, teu Deus. Trabalharás seis dias e neles farás todas as tuas obras; mas no sétimo dia, que é o repouso do Senhor, teu Deus, não farás trabalho algum, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem teu servo, nem tua serva, nem teu boi, nem teu jumento, nem teus animais, nem o estrangeiro que vive dentro de teus muros, para que o teu escravo e a tua serva descansem como tu. Lembra-te de que foste escravo no Egito, de onde a mão forte e o braço poderoso do teu Senhor te tirou. É por isso que o Senhor, teu Deus, te ordenou observasses o dia do sábado” (Dt 5,12-15).

A Lei nova, não ab-rogou a velha, mas a aperfeiçoou, passando o dia de preceito para o domingo: “Aconteceu que, estando sentado conjuntamente à mesa, ele tomou o pão, abençoou-o, partiu-o e serviu-lho” (Lc 24,30).

O sábado era o dia da santificação porque era o dia do fim da criação.

O domingo é o dia da ressurreição de Cristo, a nova criação, que excede de sobremodo a primeira.

A **Tradição** apostólica testifica que a Igreja sempre santificou o domingo.

O próprio nome desse dia indica o uso religioso dele e colabora com a Tradição: domingo vem do latim *dies Domini* (dia do Senhor) em oposição ao nome pagão ao “dia do Sol” (como no inglês: *Sunday*).

“No domingo e nos outros dias de festa de preceito, **os fiéis têm a obrigação de participar da missa**; além disso, **devem abster-se das atividades e negócios que impeçam o culto a ser prestado a Deus**, a alegria própria do dia do Senhor e o devido descanso da mente e do corpo” (Código de Direito Canônico, cân. 1247).

“Satisfaz ao preceito de participar da missa quem assiste à missa em qualquer lugar onde é celebrada em rito católico, no próprio dia de festa ou na tarde do dia anterior” (Ibidem, cân. 1248 § 1).

Temos que assistir ao santo Sacrifício da Missa com respeito.

Portanto, não se pode ouvi-la **adormecido ou voluntariamente distraído, portando-se com irreverência, conversando, rindo, escarnecedo, olhando lascivamente ou fazendo acenos ou sinais escandalosos.**

A Missa toda. A não ser que, **sem culpa própria**, se chega à igreja antes do ofertório.

Se se chega depois da consagração e não pode ouvir outra Missa não tem obrigação de ficar porque não cumprirá o preceito.

Para finalizar este mandamento, temos a **lista dos dias de preceito** atualmente em vigor pelo Direito eclesiástico, pois a Igreja, como dispensadora, representante, Esposa e Corpo de Cristo, tem o poder de legislar a esse respeito:

“Devem ser guardados igualmente [ao domingo] o dia do **Natal de Nosso Senhor Jesus Cristo** (25 de dezembro), da Epifania (no Brasil, domingo entre 2 e 8 de janeiro: dia de reis), da Ascensão (no Brasil, 7º domingo depois da Páscoa) e do **Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo** (*Corpus Christi*), de **Santa Maria, Mãe de Deus** (1º de janeiro), da sua **Imaculada Conceição** (8 de dezembro) e Assunção (15 de agosto, mas, no Brasil, é transferida para o domingo seguinte), de São José (no Brasil, por concessão da Santa Sé, esse dia não está entre os de preceito), dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo (29 de junho, mas, no Brasil, é transferida para o domingo seguinte), e, por fim, de **Todos os Santos** (1º de novembro, mas, no Brasil, é transferido para o domingo seguinte, a não ser que caia em dia de sábado)” (cf. CCE, cân. 2177 e CDC, cân. 1246 § 1).

Para o Brasil, por concessão especial da Sé Romana, as festas de guarda são transferidas para o domingo. As únicas festas de guarda que não caem no domingo são (esses dias são feriados): **Natal (25 de dezembro)**, ***Corpus Christi* (sempre numa quinta-feira)**, **Mãe de Deus (1º de janeiro)** e **Nossa Senhora da Conceição (8 de dezembro)**. Há o caso do dia de **Todos os Santos**.

MANDAMENTOS: SEGUNDA TÁBUA DA LEI (PARTE 3 DE 3)

QUARTO MANDAMENTO: HONRAR PAI E MÃE

“Honra teu pai e tua mãe, para que teus dias se prolonguem sobre a terra que te dá o Senhor, teu Deus” (Ex 20,12).

“Honra teu pai e tua mãe, como te mandou o Senhor, para que se prolonguem teus dias e prosperes na terra que te deu o Senhor teu Deus” (Dt 5,16).

A família é a primeira sociedade natural fundada sobre a **união indissolúvel** entre homem e mulher: “Ora, eu vos declaro que todo aquele que rejeita sua mulher, exceto no caso de matrimônio falso, e desposa uma outra, comete adultério. E aquele que desposa uma mulher rejeitada, comete também adultério” (Mt 19,9).

As obrigações estabelecidas por esse mandamento derivam de que **toda a autoridade vem de Deus**: “Respondeu Jesus: Não terias poder algum sobre mim, se de cima não te fora dado. Por isso, quem me entregou a ti tem pecado maior.” (Jo 19,11).

Deveres dos filhos:

- Amor.
- Respeito.
- Subserviência, **especialmente à velhice**.
- Obediência **em tudo o que for lícito**.

Deveres dos pais:

- Os pais têm que ser dignos do amor, do respeito, da servidão e da obediência.
- Têm o dever de educar seus filhos e aceita-los como Deus os deu.
- Sustentar e evitar tudo o que possa ser nocivo ao desenvolvimento natural da prole.
- **Principalmente, os pais têm a obrigação de batizar tão logo for possível seus filhos e, logo que tenha desenvolvimento intelectual suficiente, instruí-los das verdades da Fé (catecismo), assim como ter com os filhos uma vivência da religião** (ir à Missa com seus filhos, rezar com eles, especialmente o santo Rosário...).

Este mandamento também nos fala de toda e qualquer autoridade legítima, como professores e mestres, patrões...

De maneira especial, a **Igreja**, que nos impõe uma obediência religiosa, e o **Estado**, que nos impõe uma obediência secular.

Quanto à primeira, é muito óbvia e já foi visto no nono artigo do Credo.

Quanto à segunda, vale o que foi dito sobre a obediência aos pais, ou seja, **devemos obedecer ao Estado em tudo que não vai de encontro a lei de Deus e da Igreja**: “Pedro e os apóstolos replicaram: ‘Importa obedecer antes a Deus do que aos homens’.” (At 5,29).

Mas no que é lícito temos que obedecer: “Entrou novamente no pretório e perguntou a Jesus: De onde és tu? Mas Jesus não lhe respondeu. Pilatos então lhe disse: Tu não me respondes? Não sabes que tenho poder para te soltar e para te crucificar? E Jesus respondeu” (Jo 19,9s).

Por último, este mandamento regula as relações dos esposos (amor e ajuda mútuos, respeito, coabitação e o débito conjugal).

Pecados contra esse mandamento:

Desobediência grave aos pais.

Odiar, agredir, maltratar, ofender ou ter vergonha dos pais.

Espancar os filhos.

A mãe não evitar tudo o que possa ser prejudicial ao feto, como fumar, beber, dançar ou fazer algum esforço não proporcionado (durante a gestação).

O pai agredir ou aborrecer a esposa grávida.

“Ouvi, meus filhos, os conselhos de vossa pai, segui-os de tal modo que sejais salvos. Pois Deus quis honrar os pais pelos filhos, e cuidadosamente fortaleceu a autoridade da mãe sobre eles. Aquele que ama a Deus o roga pelos seus pecados, acautela-se para não cometê-los no porvir. Ele é ouvido em sua prece cotidiana. Quem honra sua mãe é semelhante àquele que acumula um tesouro. Quem honra seu pai achará alegria em seus filhos, será ouvido no dia da oração. Quem honra seu pai gozará de vida longa; quem lhe obedece dará consolo à sua mãe. Quem teme ao Senhor honra pai e mãe. Servirá aqueles que lhe deram a vida como a seus senhores. Honra teu pai por teus atos, tuas palavras, tua paciência, a fim de que ele te dê sua bênção, e que esta permaneça em ti até o teu último dia. A bênção paterna fortalece a casa de seus filhos, a maldição de uma mãe a arrasa até os alicerces. Não te glories do que desonra teu pai, pois a vergonha dele não poderia ser glória para ti, pois um homem adquire glória com a honra de seu pai, e um pai sem honra é a vergonha do filho. Meu filho, ajuda a velhice de teu pai, não o desgostes durante a sua vida. Se seu espírito desfalecer, sê indulgente, não o desprezes porque te sentes forte, pois tua caridade para com teu pai não será esquecida, e, por teres suportado os defeitos de tua mãe, ser-te-á dada uma recompensa; tua casa tornar-se-á próspera na justiça. Lembrar-se-ão de ti no dia da aflição, e teus pecados dissolver-se-ão como o gelo ao sol forte. Como é infame aquele que abandona seu pai, como é amaldiçoado por Deus aquele que irrita sua mãe!” (Eccl 3,2-18).

QUINTO MANDAMENTO: NÃO MATAR

“Não matarás” (Ex 20,13).

“Não matarás” (Dt 5,17).

A vida humana é sagrada: “Eu pedirei conta de vosso sangue, por causa de vossas almas, a todo animal; e ao homem (que matar) o seu irmão, pedirei conta da alma do homem. Todo aquele que derramar o sangue humano terá seu próprio sangue derramado pelo homem, porque Deus fez o homem à sua imagem” (Gn 9,5s).

Portanto, o quinto mandamento proíbe toda a espécie de morte (**humana**), em relação a si ou a outro, assim como qualquer tipo de omissão do cuidado exigido para a conservação da vida humana.

Também manda usar todos os meios aptos para essa conservação.

Para isso, o **princípio geral desse mandamento** é “**Tu não matarás, a não ser o injusto agressor**”.

Por ele (**tu** não matarás), percebe-se que a **pena de morte não é imoral**, embora o Estado não seja obrigado a exercer esse direito.

Pelo mesmo princípio (**injusto agressor**), vemos que a **morte causada pela legítima defesa – de um injusto agressor – não constitui pecado** (nem venial) e temos, por isso, a obrigação de defender uma terceira pessoa injustamente agredida.

O mesmo raciocínio, deve-se à eutanásia, aborto...

No caso da guerra, ela, para não ser imoral, tem que ser declarada pela autoridade pública legítima, **por motivo justo** e conduzida por meios legais.

Pecados contra esse mandamento:

Homicídio voluntário. É um dos pecados que clama ao céu por vingança: “O Senhor disse-lhe: ‘Que fizeste! Eis que a voz do sangue do teu irmão clama por mim desde a terra’.” (Gn 4,10).

Suicídio.

Aborto: “Eis que nasci na culpa, minha mãe concebeu-me no pecado” (Sl 50,7). “Antes que no seio fosses formado, eu já te conhecia; antes de teu nascimento, eu já te havia consagrado, e te

havia designado profeta das nações” (Jr 1,5). **Esse crime é punido pela Igreja com a excomunhão *latæ sententiae* – automática** – não só a mãe, mas todos os que colaboram tanto material como formalmente.

Não usar todos os meios para conservar a vida e a saúde.

Mutilação (a não ser que seja com o intuito de manter a vida – cirurgia, pois a vida da parte não é maior que o todo).

Eutanásia direta → pôr fim à vida de pessoas deficientes, doentes ou moribundas. Não há diferença formal alguma entre esse pecado e o assassinato espontâneo.

Guerra injusta.

Escândalo (mau exemplo) → é a atitude ou comportamento de alguém que leva outro a fazer o mal.

Ira, quando dirigida a pessoas.

Vingança.

Agressão física a outrem.

Seqüestro.

Todos os pecados internos (intenção) contra qualquer dos pecados acima.

SEXTO MANDAMENTO: NÃO PECAR CONTRA A CASTIDADE

“Não cometerás adultério” (Ex 20,14).

“Não cometerás adultério” (Dt 5,18).

O sexto mandamento do Decálogo nos manda em duas partes: a positiva e a negativa.

Na parte positiva, a prática da castidade (e virtudes “anexas”).

Na parte negativa, todo ato que se opõe a ela.

A **castidade** (ou **pureza**) é a **virtude moral que regula toda expressão da sexualidade** (prazer sexual, assim como as potências sexuais).

Pode ser dividida em **castidade perfeita** – abstenção de todos os prazeres carnais, mesmo os lícitos (celibato) – e **imperfeita** – abstenção apenas dos prazeres ilícitos.

Regra geral:

- antes do casamento (continência) é proibido a todos qualquer prazer sexual (castidade pré-matrimonial ou juvenil);
- durante a vida conjugal são proibidos atos contrários ao fim do Matrimônio (castidade matrimonial);
- depois do Matrimônio, na viuvez, novamente é contrário todos os atos contra a castidade (castidade da viuvez)

Deus deu ao homem o **poder de procriar**. Deus fez isso para que pudéssemos participar ativamente de seu poder criador. Isso para termos as **instituições do Matrimônio, da paternidade e da maternidade**; para que compreendêssemos melhor a relação de Deus Filho com Deus Pai, a paternidade divina, a sua justiça, providência; para que, pela maternidade humana, compreendêssemos a ternura e misericórdia de Deus. Assim preparou-nos para a maternidade divina de nossa Senhora e de modo obscuro a **união de Cristo com sua Esposa, a Igreja Católica**.

Por isso, o abraço conjugal entre os esposos (casados) sempre são lícitos, **como também é procurar e gozar o prazer que advém dele**.

Quis Deus que o homem e a mulher tivesse o impulso do desejo físico ao praticar o ato de gerar os filhos. Ao contrário, caso assim não fosse, o peso e as obrigações de criação dos filhos (quarto mandamento) não tornar ser pai e mãe um peso e o mandamento “crescei e multiplicai-vos” (Gn 1,28) não se realizaria.

Por isso, **contra a virtude da castidade, todos os atos são pecados mortais**. O ato sexual é a fonte da vida humana; se a fonte se contaminar (ato sexual), contamina-se o fruto (a humanidade).

A virtude que ajuda a manter a castidade é a **virtude da modéstia**. Ela é a guardiã, a sentinela que protege o acesso à fortaleza.

A modéstia é definida como a **virtude que nos leva a abster-nos de ações, palavras ou olhares que possam despertar o apetite sexual ilícito em nós mesmos ou nos outros**.

Pecados contra esse mandamento:

Luxúria → desejo desordenado pelo prazer sexual. É desordenado quando é buscado por si mesmo, isolado das suas finalidades (princípio geral).

Masturbação → excitação voluntária dos órgãos genitais. **A masturbação é um pecado impuro contra a natureza e clama a Deus por vingança**.

Pornografia.

Estupro.

Fornicação → ato sexual realizado por um homem e mulher livres fora do Matrimônio. Por exemplo o **concubinato** (convivência), a **prostituição** (estado da mulher que se entrega a todos que a desejam, seja por libidinagem, seja por lucro) .

“Não sabeis que vossos corpos são membros de Cristo? Tomarei, então, os membros de Cristo e os farei membros de uma prostituta? De modo algum! Ou não sabeis que o que se ajunta a uma prostituta se torna um só corpo com ela? Está escrito: ‘Os dois serão uma só carne’ (Gn 2,24). Pelo contrário, quem se une ao Senhor torna-se com ele um só espírito. Fugi da fornicação.

Qualquer outro pecado que o homem comete é fora do corpo, mas o impuro peca contra o seu próprio corpo. Ou não sabeis que o vosso corpo é templo do Espírito Santo, que habita em vós, o qual recebestes de Deus e que, por isso mesmo, já não vos pertenceis? Porque fostes comprados por um grande preço. Glorificai, pois, a Deus no vosso corpo” (I Cor 6,15-20).

Adulterio → união sexual entre duas pessoas das quais ao menos uma é casada.

Poligamia → união conjugal de uma pessoa com várias outras

Divórcio: “Os fariseus vieram perguntar-lhe para pô-lo à prova: É permitido a um homem rejeitar sua mulher por um motivo qualquer? Respondeu-lhes Jesus: Não lestes que o Criador, no começo, fez o homem e a mulher e disse: Por isso, o homem deixará seu pai e sua mãe e se unirá à sua mulher; e os dois formarão uma só carne? Assim, já não são dois, mas uma só carne. Portanto, não separe o homem o que Deus uniu. Disseram-lhe eles: Por que, então, Moisés ordenou dar um documento de divórcio à mulher, ao rejeitá-la? Jesus respondeu-lhes: É por causa da dureza de vosso coração que Moisés havia tolerado o repúdio das mulheres; mas no começo não foi assim. Ora, eu vos declaro que todo aquele que rejeita sua mulher, exceto no caso de matrimônio falso, e desposa uma outra, comete adulterio. E aquele que desposa uma mulher rejeitada, comete também adulterio. Seus discípulos disseram-lhe: Se tal é a condição do homem a respeito da mulher, é melhor não se casar! Respondeu ele: Nem todos são capazes de compreender o sentido desta palavra, mas somente aqueles a quem foi dado. Porque há eunucos que o são desde o ventre de suas mães, há eunucos tornados tais pelas mãos dos homens e há eunucos que a si mesmos se fizeram eunucos por amor do Reino dos céus. Quem puder compreender, compreenda” (Mt 19,3-12).

Incesto → relação íntima entre pessoas parentes ou em grau afim que impeça o casamento:

“Ouve-se dizer constantemente que se comete, em vosso meio, a luxúria, e uma luxúria tão grave que não se costuma encontrar nem mesmo entre os pagãos: há entre vós quem vive com a mulher

de seu pai! Em nome do Senhor Jesus -, reunidos vós e o meu espírito, com o poder de nosso Senhor Jesus -, seja esse homem entregue a Satanás, para mortificação do seu corpo, a fim de que a sua alma seja salva no dia do Senhor Jesus” (I Cor 5,1.4s).

Sacrilégio carnal → é a profanação mediante um pecado impuro, de pessoa consagrada a Deus, de objeto ou lugar sagrado.

Sodomia → é a união sexual entre pessoas de mesmo sexo (homossexualismo ou sodomia perfeita) ou em lugar não natural (sodomia imperfeita).

“Por isso, Deus os entregou aos desejos dos seus corações, à imundície, de modo que desonraram entre si os próprios corpos. Trocaram a verdade de Deus pela mentira, e adoraram e serviram à criatura em vez do Criador, que é bendito pelos séculos. Amém! Por isso, Deus os entregou a paixões vergonhosas: as suas mulheres mudaram as relações naturais em relações contra a natureza. Do mesmo modo também os homens, deixando o uso natural da mulher, arderam em desejos uns para com os outros, cometendo homens com homens a torpeza, e recebendo em seus corpos a paga devida ao seu desvario.” (Rm 1,24-27). Gn 19,1-29.

A sodomia perfeita é um pecado impuro contra a natureza e pede a vingança dos céus.

Bestialidade → união do homem com a besta.

NONO MANDAMENTO: NÃO DESEJAR A MULHER DO PRÓXIMO

“Não cobiçarás a mulher do teu próximo” (Ex 20,17).

“Não cobiçarás a mulher de teu próximo” (Dt 5,21).

Este mandamento proíbe os pecados internos contra a castidade, ou seja, os pensamentos e desejos.

Atos que devem ser evitados por serem perigosos contra a pureza é o namoro ou o ficar ou mesmo saídas com pessoas de sexo diferente, com perigo de relacionamento...

Se é feito entre pessoas que não estão em condições de contrair Matrimônio, seja por causa da idade, seja por falta de intenção, é pecado por se colocarem em perigo, por proporcionar ocasião injustificada de pecado; o que não existe no caso de pessoas com idade ou intenção de se casarem.

SÉTIMO MANDAMENTO: NÃO FURTAR

“Não furtarás” (Ex 20,15).

“Não furtarás” (Dt 5,18).

Este mandamento proíbe o furto, ou seja, lesar o bem do próximo com ato exterior.

Ele nos manda observar a virtude da justiça assim como assegura o direito à propriedade.

A justiça é a virtude moral cardeal que obriga dar a cada um o que é seu, o que lhe é devido.

Para satisfazer a justiça manchada pelo ato contra esse mandamento, se requer para o perdão do pecado (depois da confissão sacramental), a **restituição**.

Restituição é o **ressarcimento dos prejuízos causados pelo que se adquire ou se danifica injustamente**.

O verdadeiro arrependimento exige isso, ou seja, deve sempre incluir a intenção da reparação (tão logo seja possível – aqui e agora, se pode-se) de todas as consequências da injustiça.

Se não houver este sincero arrependimento (que inclui a restituição) a confissão será sempre inválida.

O direito à propriedade (domínio) é a faculdade moral e legítima de possuir e de dispor de algo como próprio, dentro dos limites estabelecidos pela ordem.

Tal direito é natural, ou seja, estabelecido pelo Criador.

Pecados contra esse mandamento:

Roubo → tirar ou reter voluntariamente, contra o direito e a razoável vontade do próximo, aquilo que lhe pertence. Pode se dividir em **furto** (quando se subtrai os bens ocultamente) ou **rapina** (se com violência ou manifestadamente). **Quanto à gravidade do ato de roubar, há a questão do valor do roubo** (que pode ser relativo ou absoluto).

Não é razoável, portanto, não dar comida a quem tem fome e este se o toma um pão para se alimentar não comete pecado contra o VIII mandamento.

Privar alguém, contra a sua vontade, do que lhe pertence. Portanto, tomar emprestado sabendo que o dono se oporia, é pecado.

Por esse princípio também são pecados: não cumprir contratos ou acordo de negócios (se causa prejuízo ao próximo), assim como contrair dívidas que se sabe não poder pagar.

Destruir ou danificar propriedade alheia.

Fraude → privar alguém do que lhe pertence, usando de engano (roubo pelo peso, no troco, vender algo com defeito conhecido sem mencionar ao comprador...).

Não pagar o justo salário. Esse pecado clama a vingança dos céus.

Defraudar o salário justo, não trabalhando na proporção de sua remuneração.

Usura → lucro excessivo.

Subornos, corrupção como a exigência de presente.

Receptação → adquirir, receber, comprar ou ocultar, em proveito próprio ou alheio, coisa que se sabe (ou se pensa ou suspeita-se) ser produto de crime, ou influir para que terceiro de boa-fé a adquira, receba ou oculte. **Isso equivale, moralmente, ao ato do ladrão.**

Ficar com objetos achados sem fazer razoável esforço para encontrar o proprietário.

DÉCIMO MANDAMENTO: NÃO COBIÇAR AS COISAS ALHEIAS

“Não cobiçarás a casa do teu próximo; não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem seu escravo, nem sua escrava, nem seu boi, nem seu jumento, nem nada do que lhe pertence” (Ex 20,17).

“Não cobiçarás a mulher de teu próximo. Não cobiçarás sua casa, nem seu campo, nem seu escravo, nem sua escrava, nem seu boi, nem seu jumento, nem nada do que lhe pertence” (Dt 5,21).

Este mandamento proíbe os desejos das coisas alheias (inveja), ou seja, lesar o direito do próximo com o ato interior (vontade).

Assim, é proibido fazer por pensamento o que é proibido fazer por ações (VII mandamento).

Portanto, não só é pecado roubar, como também é pecado desejar roubar, tirar e conservar o que pertence a outrem.

Tudo o que foi dito sobre o VII mandamento, vale para o X, **à exceção da restituição**.

Ponto importante: o pecado se comete no momento que deliberadamente se deseja ou se decide cometê-lo. Realizar a ação agrava a culpa, mas o pecado já foi cometido no momento em que se tomou a decisão.

OITAVO MANDAMENTO: NÃO LEVANTAR FALSO TESTEMUNHO

“Não levantarás falso testemunho contra teu próximo” (Ex 20,16).

“Não levantarás falso testemunho contra o teu próximo” (Dt 5,20).

Na parte afirmativa, esse preceito manda dizer a verdade; na negativa, proíbe: diretamente, o falso testemunho (em juízo ou não); indiretamente, a ofensa à fama e à honra do próximo.

Esse mandamento versa sobre a virtude teologal da **caridade, pela qual amamos a Deus acima de tudo e ao próximo como Deus o ama, por amor de Deus.**

A Escritura afirma: “Minha boca proclama a verdade e meus lábios detestam a iniquidade” (Pr 8,7); e ainda: “Vossa justiça é justiça eterna; e verdade é a vossa lei” (Sl 119,142).

Se Deus é a Verdade, e somos à sua imagem e semelhança, somos obrigados a ser veraz.

O próprio Deus se encarnou para que chegássemos ao conhecimento da Verdade, que é ele mesmo: “A graça e a verdade vieram por Jesus Cristo” (Jo 1,17); “Conhecereis a verdade e a verdade vos livrará” (Jo 8,32) e finalmente: “É para dar testemunho da verdade que nasci e vim ao mundo. Todo o que é da verdade ouve a minha voz” (Jo 18,37).

“Por isso, renunciai à mentira. Fale cada um a seu próximo a verdade, pois somos membros uns dos outros” (Ef 4,25).

Mentira é dizer o contrário daquilo que se pensa verdadeiro, com a intenção de enganar.

A mentira pode ser dividida em:

- **Mentira danosa:** que traz dano a alguém.
- **Mentira oficiosa:** que traz vantagem a si ou a outro.
- **Mentira jocosa:** a proferida por brincadeira ou divertimento.

Sobre a mentira nos diz o Evangelho: “Vós tendes como pai o demônio e quereis fazer os desejos de vosso pai. Ele era homicida desde o princípio e não permaneceu na verdade, porque a verdade não está nele. Quando diz a mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira” (Jo 8,44).

Outro ponto importante é que **todos têm o direito à fama** (boa reputação de uma pessoa) e **à honra** (manifestação da fama).

“A ninguém é lícito lesar ilegitimamente a boa fama de que alguém goza, nem violar o direito de cada pessoa de defender a própria intimidade” (Código de Direito Canônico, cân. 220).

Este mandamento, como o sétimo, **exige a reparação** (desmentido), pois a justiça assim o pede.

Pecados contra esse mandamento:

Mentira danosa é sempre pecado mortal. A mentira oficiosa tem a sua gravidade dependente da vantagem tirada e a mentira jocosa é pecado venial.

Omissão ou dissimulação → esconder a verdade. É lícita quando há uma causa grave. Por exemplo: Alguém que se veste humildemente para não ser reconhecido com rico e evitar ser assaltado.

Também é importante ressaltar que qualquer pessoa pode não dizer a verdade **sem pecar** quando injustamente é interrogado sobre algo de si, pois a **pessoa interrogadora não tem o direito de sabê-la**. Nem há a obrigação de dizer toda a verdade, caso se decida responder.

Não é pecado, também, responder, ao abrir a porta, que tal pessoa não está em casa, quando na verdade ela está, mas não quer receber visita (que é direito seu).

O falso testemunho é um caso particular da mentira danosa, pois nele mente-se, porquanto **testemunha-se publicamente, em prejuízo de outrem ou da justiça, algo que a testemunha sabe ser falso**. Assume uma gravidade ainda maior – além de ser crime – quando feito sob juramento (**perjúrio**), pois peca-se também contra o segundo mandamento.

Calúnia → prejudicar a reputação de outro através de mentira dando ocasião a falsos juízos sobre ele. É um dos pecados mais graves contra esse mandamento porque fere a verdade (mentira), a justiça (macula a reputação isenta do próximo) e a caridade (falha ao amor ao outro).

Juízo temerário → admitir como verdadeiro, sem fundamento suficiente, um defeito moral, mesmo tacitamente. **É a calúnia interna.**

Maledicência (ou **detração** ou **difamação**) → revelar, sem razão objetivamente válida, a pessoas que não sabem os defeitos e faltas dos outros que são verdade.

Ironia e a jactância.

Sempre será pecado querer saber segredos que não lhe é direito ou ouvir a calúnia ou a difamação.

Injúria ou **contumélia** ou **vilania** é o insulto pessoal, ou seja, feito na presença da pessoa ofendida.

Criticismo depreciativo que consiste em encontrar faltas em tudo.

Intriga → semear a discórdia.

Revelar segredos confiados (por promessa, profissão, pela caridade...). Há três casos possíveis em que revelar não é pecado (inclui-se aqui ler correspondências de outros): **1)** se se presume o consentimento do que revelou o segredo; **2)** se é necessário revelar para evitar um dano grave a uma terceira pessoa, causado por quem confia o segredo (ex. o médico tem que dizer a doença venérea do esposo à sua esposa); **3)** se o segredo causa um dano comum ou a ao guardador do segredo.

III PARTE: OS MEIOS DE SANTIFICAÇÃO CATÓLICOS

OS SACRAMENTOS DA IGREJA

“Este sacrossanto Concílio Ecumênico e Geral de Trento, legitimamente reunido no Espírito Santo, presidindo-o os três legados da Sé Apostólica, (...) julgou seu dever professar, com as mesmas palavras segundo as quais é lido em todas as igrejas, o Símbolo de Fé usado pela Santa Igreja Romana como **princípio em que devem concordar todos os que professam a fé cristã** e como fundamento firme e único contra o qual jamais prevalecerão as portas do inferno (Mt 16, 18)” (cf. Concílio Ecumênico de Trento, Sessão III, n. 782 – negrito meu).

Para nos dar a justificação, **fruto principal** do Santíssimo Sacrifício da Cruz, **que se renova no Altar a cada Missa**, nosso Senhor Jesus criou os santos Sacramentos da Igreja pelos quais toda verdadeira justiça, ou começa; ou já começada, aumenta; ou perdida é reparada. Por isso, é muito salutar que conheçamos a fundo toda a doutrina da nossa infalível e imaculada Igreja sobre os mesmos Sacramentos.

A palavra “Sacramento” vem do latim *sacramentum* e quer dizer mistério; era usada pelos Padres, tantos latinos quantos gregos, para designar coisa oculta ao olhar. Por isso os Doutores da Igreja acharam que havia propriedade para se chamar de “Sacramentos” certos **sinais sensíveis que produzem a graça**, ao mesmo tempo em que a simbolizam exteriormente e a tornam quase que visível. Segundo São Gregório: “Pode-se chamar de Sacramentos porque a Onipotência divina neles operam **ocultamente** a salvação, sob o véu de coisas corpóreas”; e segundo santo Agostinho: “Sacramento é o sinal de uma coisa sagrada; é o **sinal visível de uma graça invisível**, instituído para nossa justificação”.

Esse **poder de justificar** que têm os Sacramentos nos advém da **Paixão e Morte de Cristo**, nosso Redentor, como causa eficiente. Os teólogos ensinam acertadamente que em cada Sacramento existe uma tríplice virtude de santificar: primeiro, recorda-nos um fato passado: a Paixão de Cristo; depois, assinala e mostra um acontecimento presente: nossa santificação; por último, anuncia um futuro: vida e bem-aventurança eterna.

De modo algum, entretanto, podemos dizer que o Sacrifício de Cristo não seja suficiente para nos justificar, uma vez que todos os Sacramentos têm uma relação com sua Paixão. Temos que lembrar também que cada Sacramento foi instituído pelo Filho de Deus enquanto estava neste mundo e em cada Mistério da Nova Lei veremos essa instituição.

Jesus Cristo institui os Sacramentos, entre outros motivos, por causa de nossa fragilidade, que precisa de coisas sensíveis para se elevar à contemplação das celestes; de fato, nossa natureza é tão frágil que sem o auxílio dos Sacramentos certamente nos perderíamos e poucos estariam na presença divina, na graça. Pelos Sacramentos, devia crescer nossa confiança nas promessas divinas e na Paixão de Cristo; eles deviam munir os fiéis entre si e distingui-los dos infiéis; deviam manifestar exteriormente a fé que está dentro do coração; deviam enfim incentivar o amor fraterno, pois pela participação dos mesmos Mistérios e pela humildade cristã, nos obrigam a submeter-nos a elementos sensíveis, em obediência a Deus, de quem nos havíamos impiamente separado, para nos fazermos escravos das coisas deste mundo.

Pelo mesmo motivo de ser Sacramento, ou seja, coisa sensível, concluímos que ele tem como parte indispensável esse sinal que chamamos **matéria** (elemento). Entretanto a parte essencial do Sacramento não é apenas o material, mas também as palavras usadas, ou seja, as fórmulas para cada celebração dos Sacramentos as quais chamamos **forma** (palavra). Cada Sacramento tem, portanto, sua forma e sua matéria: “Purificando pela **água** (**matéria**) do batismo com a **palavra** (**forma**)” (Ef 5,26).

Também chamamos a matéria de **significado** (determinado) e a forma de **significante** (determinante); na verdade a forma torna mais claro e evidente o efeito da Sacramento, ou seja, o determina. Por exemplo, o Batismo: se não fosse a informação que nos vem da forma, qual seria o efeito da água? Refrescar ou purificar? Pela forma, sabemos que o efeito é purificar.

Sabe-se que são sete o número dos Sacramentos; podemos mostrar a razão desse número por uma analogia entre a vida natural e sobrenatural: para viver, conservar-se, levar uma vida útil a si e a sociedade, precisa o homem de sete coisas: nascer (Batismo), crescer (Confirmação), nutrir-se (Eucaristia), curar-se quando adoece (Penitência); recuperar as forças perdidas (Unção dos Enfermos); ser guiado na vida social por chefes revestidos de poder e autoridade (Ordem); conservar-se a si e ao gênero humano pela legítima propagação da espécie (Matrimônio). É exatamente fazendo essa relação, que inferimos os modos pelos quais a alma vive.

Podemos distinguir os Sacramentos em:

1. Sacramentos dos mortos: Batismo e Penitência, pois podem ser recebidos em estado de morte da alma (pecado mortal);
2. Sacramentos dos vivos: Confirmação, Eucaristia, Unção dos Enfermos, Ordem e Matrimônio, porque **só se recebem licitamente** em estado de vida da alma (estado de graça).

Também os podemos diferenciar em: Sacramentos da iniciação cristã, pois nos iniciam na vida da Igreja – Batismo, Confirmação e Eucaristia; Sacramentos de cura, pois nos curam e nos confortam nos momentos mais delicados da vida – Penitência e Unção dos Enfermos; e Sacramentos de serviço da comunhão, pois não se recebem para si e sim para a santificação dos outros – Ordem e Matrimônio.

Embora todos os Sacramentos imprimam na alma a graça de Deus, nem todos são iguais. Em necessidade temos o Batismo como o único Sacramento necessário, porquanto “quem não renascer da água e do Espírito não poderá entrar no Reino de Deus” (Jo 3,5). Logo após ele, vem a Penitência para aqueles que pecaram mortalmente depois do Batismo e a Ordem [e Matrimônio] que é necessária à Igreja em sua universalidade e para a manutenção dos outros Sacramentos.

Contudo, em dignidade, o Sacramento da Eucaristia sobrepuja todos os demais, pois nele não só nos vem a graça, mas também o Autor da garça.

Também se faz necessário expor a seguinte doutrina sobre os Sacramentos em geral:

A maioria dos Sacramentos tem dois efeitos: o efeito intrínseco e o extrínseco. Um depende das disposições da alma de quem recebe (ou até mesmo de quem ministra) e o outro independe de qualquer coisa.

Nesse sentido, é que todo Sacramento age, no falar dos teólogos, *ex opere operato*, ou seja, pelo fato de ser ministrado. Isso nos quer dizer que o Sacramento ocorre validamente sem precisar das boas disposições da alma nem do ministro nem de quem o receberá (para o efeito intrínseco). Os Sacramentos operam independentemente de qualquer coisa (desde que tenha a matéria e a forma certas, assim como o ministro sua devida intenção, intenção de fazer o que faz a Igreja). Evidentemente que a medida da graça que se recebe vai depender das disposições da alma; por isso ao recebê-los, devemos recebê-los bem preparados.

Para exemplificar o que foi dito acima, pegamos o Sacramento da Eucaristia: após o momento da consagração, acha-se sob as espécies do pão e do vinho o Corpo e o Sangue, a alma e a divindade de Cristo (efeito intrínseco); isso independe de que todos os presentes na Santa Missa acredite ou não nessa verdade. Entretanto, quem receber a Eucaristia em pecado mortal (isso inclui não acreditar na Igreja ou na própria Eucaristia) recebe sua condenação; mas já quem a recebe em estado de graça santificante e come deste pão, viverá eternamente (cf. Jo 6, 51), pois quem come a carne e bebe o sangue de Jesus tem a vida eterna e ele o ressuscitará no último dia (cf. Jo 6,54). Isso entre outros efeitos eucarísticos.

BATISMO

O Batismo, também chamado de Fé, é a porta dos Sacramentos e, portanto, é a porta da graça; a palavra significa mergulhar; de fato, é isso o que ocorre a alguém que recebe tal Sacramento: tal pessoa é mergulhada em Cristo, Cabeça da Igreja, e incorporada à Igreja, seu Corpo. “Todos os que fomos batizados em Jesus Cristo, fomos batizados na sua morte” (Rm 6, 3), fomos então “sepultados com ele [Cristo] no Batismo” (Cl 2,12). Com isso, o Batismo apaga o pecado original que recebemos, por geração, de nossos pais.

Conclui-se que não somos “simplesmente” mergulhados em Cristo e no seu Corpo, mas, uma vez mortos para o pecado e vivos para Cristo, unimos-nos intimamente a ele e a sua Esposa, a Igreja. Essa união é assinalada pela adoção, porque com o Batismo nos tornamos filhos adotivos de Deus, uno e trino.

Por tudo o que está acima é que o Batismo é tão necessário para a salvação; e o próprio Cristo nos atesta e deixa clara essa necessidade: “Quem não renascer da água e do Espírito não poderá entrar no Reino de Deus” (Jo 3,5) ou ainda “Quem crer e for batizado será salvo, mas quem não crer será condenado” (Mc 16,16). O Batismo é, pois, o único Sacramento necessário para a salvação e quem diz isso não é a Igreja (embora se **ela dissesse já era o suficiente para que acreditássemos**), mas o mesmo Jesus Cristo, Salvador do gênero humano. É obrigatório crer que **o Batismo é terminantemente necessário para a salvação!**

É por isso tudo que o Batismo confere um marca na alma do batizado que não se pode apagar e que chamamos de **caráter** (de sermos filhos de Deus); e, por essa razão, só se recebe o Batismo **uma vez**. Então, um batizado o é, até no inferno.

Os efeitos do Batismo:

Apagar o pecado original, que nos foi passado por Adão, tornando-nos, depois disso, filhos de Deus e membros da Igreja, abrindo-nos as portas do céu (infusão da graça santificante primeira) e imprimindo caráter indelével; a infusão da graça sacramental, das virtudes sobrenaturais e os dons do Espírito Santo; também a remissão dos pecados atuais com todas as penas temporais (desde que haja atrição sobrenatural pelos pecados); o sujeito fica constituído pessoa (à Igreja) com seus direitos e deveres (como os direitos de participar dos atos de culto ou a obrigação de obedecer às leis eclesiásticas).

Matéria: água líquida verdadeira (derramada abundantemente sobre a fronte do batizado).

Forma: N. (nome do batizado), **EU TE BATIZO EM NOME DO PAI E DO FILHO E DO ESPÍRITO SANTO.**

Esta forma nunca poderá ser mudada pela Igreja, pois se encontra nas Escrituras e foi dita pelo próprio Cristo: “Ide, pois, e ensinai a todas as nações; **batizai-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo**” (Mt 28,19, negrito meu).

Ministro: o Bispo, o Presbítero ou o Diácono. Entretanto, a obrigação de batizar é do pároco. Contudo, estando um fiel em perigo de morte, qualquer pessoa, mesmo pagã, pode batizar válida e licitamente (apenas em caso de grave necessidade), desde que tenha a intenção de fazer o que a Igreja faz ao administrar tal Sacramento.

Sujeito: todo homem ainda não batizado. Entretanto, para a validade do Batismo em um adulto, requer-se a intenção da vontade de receber o Sacramento. Para a licitude do Batismo se requer a instrução.

CONFIRMAÇÃO

Como o nome sugere, este Sacramento confirma aquilo que o fiel já recebeu no Batismo: o **Espírito Santo**. Confirma não para se ter certeza que o fiel já o recebera no Batismo, como se fosse uma renovação (daí ser imprecisa a expressão “Crisma é a confirmação do Batismo”), mas confirma no sentido de aperfeiçoar a graça já recebida. Essas graças têm a finalidade de dar as devidas disposições a fim de professar corajosamente a Fé (Batismo), se preciso, até à morte.

Essa coragem é semelhante àquela que os santos Apóstolos, juntos com a santíssima virgem Maria, receberam no dia de Pentecostes (At 2). Após a recepção da Crisma pelos Apóstolos vemos uma nítida mudança de postura entre os Apóstolos depois da morte de Cristo (covardes e até hipócritas) para depois da descida do Paráclito (fortes, firmes na fé e destemidos, enfrentando até os imperadores pagãos cheios de ódio contra Cristo e sua Igreja).

Atestamos a existência e a instituição divina da Crisma pelas seguintes passagens: “Os apóstolos que se achavam em Jerusalém, tendo ouvido que a Samaria recebera a palavra de Deus, enviaram-lhe Pedro e João. Estes, assim que chegaram, fizeram oração pelos novos fiéis, **a fim de receberem o Espírito Santo**, visto que não havia descido ainda sobre nenhum deles, mas tinham sido somente **batizados** em nome do Senhor Jesus” (At 8,14ss, destaque meu). Ou ainda: “Nele também vós, depois de terdes ouvido a palavra da verdade, o Evangelho de vossa salvação no qual tendes crido, fostes **selados com o Espírito Santo** que fora prometido” (Ef 1,13); outras passagens: Jo 14,16s; IICor 1,21s; IJo 2,20.27.

Pelas palavras de São Paulo na Carta aos Efésios, vemos que a Crisma marca a alma de quem a recebe. Então assim como o Batismo, a Confirmação também imprime **caráter** e, por isso, igualmente apenas se recebe **uma vez**.

Convém também expor que a Crisma para ser **licitamente** ministrada, há a necessidade do padrinho (assim como no Batismo) o qual pode ser de qualquer sexo, mas, como sua função é prover **as necessidades da fé (espirituais) do afilhado**, este tem que ser um exemplo de cristão. É conveniente afirmar que existe um parentesco espiritual entre o crismado e seu padrinho. Para ser padrinho, basta tocar no crismado no momento da recepção do Sacramento.

Os efeitos da Confirmação:

A graça santificante segunda, a impressão do caráter e a graça sacramental necessária para a firmeza na Fé, que é a especial nova vinda do Espírito para ajudar e robustecer o cristão tornando-o capaz de professar a Fé por palavras e obras contra os inimigos da Igreja. Essa nova vinda é a infusão – mais abundante – dos sete dons, aperfeiçoando, pois, a graça do Batismo.

Por isso Santo Tomás disse que a Confirmação é o “**Sacramento da plenitude da graça**”.

O caráter sacramental alista o cristão sob o estandarte de Cristo como seu soldado. Por isso o Bispo dá um leve tapa no rosto do crismado, para significar que ele é soldado de Cristo, tendo o dever de suportar pacientemente, em nome de Jesus, toda sorte de sofrimentos e de injúrias, defender a Fé quando atacada e conhecer a doutrina.

Matéria: a unção em forma de cruz feita na fronte do crismado com óleo de oliva misturado com o bálsamo, o qual é consagrado pelo Bispo na quinta-feira santa pela manhã, junto com a imposição das mãos. É por causa da unção que este Sacramento também se chama Crisma, que significa unção.

Forma: N. (nome do crismado), **RECEBE, POR ESTE SINAL, O ESPÍRITO SANTO, O DOM DE DEUS.**

Ministro: do Sacramento da Confirmação é o Bispo, que sempre o administra validamente, mas o Presbítero crisma validamente desde que o Bispo dê a dispensa. Em perigo de morte o sacerdote crisma validamente mesmo sem a licença do Bispo.

Sujeito: para receber validamente é necessário ser batizado e, se for adulto, ter a intenção de receber a Crisma; para a liceidade, se exige o estado de graça e instrução (para os que usam a razão).

Só com a Crisma teremos no Céu a proximidade de Deus e a intensidade da caridade que ele quer nos dar. Além disso, **só com a Crisma teremos todas as forças necessárias para vencer as tentações e**

caminharmos firmemente no caminho da perfeição e da Fé. De modo que, embora esse Sacramento não seja de absoluta necessidade para a salvação, a ninguém é lícito descuidar-se dele a ponto de não recebê-lo. Seria grave negligência dos pais e padrinhos (de Batismo), pois, se não preparassem seus filhos para receber este Sacramento da perfeição cristã.

Se alguém assim age por desprezo ou se comporta para com ele de modo a induzir outros a desprezá-lo, comete pecado mortal.

EUCARISTIA

Augustíssimo Sacramento é a santíssima Eucaristia, na qual se **contém**, se **oferece** e se **recebe** o próprio **Cristo Senhor** e pela qual continuamente **vive e cresce a Igreja**. O **sacrifício eucarístico**, memorial da paixão e morte do Senhor, **em que se perpetua pelos séculos o Sacrifício da Cruz**, é o **ápice** e a **fonte** de todo **culto** e da **vida cristã**. Pelo Sacramento da Eucaristia é significada e se realiza a unidade do povo de Deus, e se completa a construção do Corpo de Cristo. Os outros Sacramentos e todas as obras de apostolado da Igreja se relacionam intimamente com a santíssima Eucaristia e a ela se ordenam (cf. CDC, cân 897).

Por esta belíssima e precisa definição do atual Código de Direito Canônico da nossa santa Igreja, vemos que a Eucaristia pode ser tomada como **Sacrifício** e como **Sacramento**; falaremos agora sobre o aspecto sacramental.

“No majestoso Sacramento da Eucaristia estão contidos verdadeira, real e substancialmente o corpo e o sangue juntamente com a alma e a divindade de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, por conseguinte, o Cristo todo” (cf. Concílio Ecumênico de Trento, Sessão XIII, Cap. 1, n. 874 e n. 883).

Vejamos agora o que vem a ser os termos usados pelo Concílio, a saber, “verdadeira, real e substancialmente”.

O santo Sínodo tridentino nos revela que na Eucaristia está o **verdadeiro corpo**, pois se trata do mesmo e único corpo que Jesus viveu aqui na terra; o mesmo corpo que nasceu das entranhas puríssimas de Maria; isso é para se contrapor (não negar) ao termo **Corpo Místico** (que se refere à Igreja). Na Eucaristia temos, portanto, o corpo verdadeiro de Jesus e não o místico.

Real porque não se trata de um símbolo, não é virtual, apenas existindo em nossas mentes, ou tampouco espiritual; a presença de Cristo na Eucaristia é real, assim como o papel onde está escrito isto.

Substancialmente porque temos na Eucaristia a substância, a essência do Corpo e Sangue de Cristo e não seus acidentes (detalhes), que seriam, por exemplo, o peso, a altura, o gosto etc.

Para nos provar essa exposição dogmática, temos os três evangelhos sinóticos que ao narrar a última Ceia nos mostra a prova de que “Isto [o pão] é o meu corpo” (Lc 22,19) e “Isto [o vinho no cálice] é o meu sangue” (Mc 14,24). E também o grandioso discurso sobre o pão da vida no sexto capítulo do evangelho de São João.

Matéria: pão de trigo (para a validade) e ázimo (para a liceidade na Igreja latina) e vinho natural de uva e não deteriorado (para a validade) e a este deve se misturar um pouco de água (para liceidade).

Forma: São as palavras da consagração:

Para o pão: **ISTO É O MEU CORPO QUE SERÁ ENTREGUE POR VÓS.**

Para o vinho: **ESTE É O CÁLICE DO MEU SANGUE, O SANGUE DA NOVA E ETERNA ALIANÇA, QUE SERÁ DERRAMADO POR VÓS E POR TODOS, PARA A REMISSÃO DOS PECADOS. FAZEI ISTO EM MEMÓRIA DE MIM.**

Mas para a validade é suficiente “**Isto é o meu Corpo**” e “**Este é o meu Sangue**”.

Esta forma nunca poderá ser mudada pela Igreja, pois se encontra nas Escrituras.

Ministro: da consagração: todo e qualquer sacerdote o qual sempre a consagra validamente porque esse poder é inerente ao caráter sacerdotal; da comunhão: o Diácono, o Presbítero e o Bispo.

Sujeito: para a validade, ser batizado; para a liceidade, que tenha o uso da razão, instrução e o estado de graça.

É pela Eucaristia que todos os fiéis se unem à Cabeça da Igreja, Jesus Cristo, significando com isso a unidade da mesma Igreja. Os fiéis apenas podem receber a Eucaristia duas vezes no mesmo dia, sendo a segunda com a obrigação de ser na celebração do sacrossanto Sacrifício da Missa (cf. CDC, cân. 917). E para tal devem se abster de qualquer comida ou bebida, com a exceção de água e remédio, no espaço de ao menos uma hora antes da sagrada comunhão; pessoas idosas e enfermas, bem como as que cuidam

delas, podem receber o santíssimo Sacramento mesmo que não tenham observado o jejum de uma hora (cf. CDC, cân. 919). O jejum eucarístico tem, sobretudo, a finalidade pedagógica de chamar a atenção dos fiéis sobre o ato que vão realizar. Todo fiel depois de recebido pela primeira vez a Eucaristia, tem a obrigação de comungar ao menos uma vez no ano por ocasião da Páscoa (e Tempo pascal) de acordo o 3º mandamento da Igreja.

A Eucaristia enquanto Sacrifício

Sacrifício é o oferecimento a Deus de uma coisa sensível para destruí-la a fim de reconhecer seu supremo domínio sobre todas as criaturas. É, portanto, o mais perfeito ato de culto. Por isso, todos os povos ofereciam sacrifícios aos deuses.

A Eucaristia é o verdadeiro e próprio sacrifício da nova Aliança. É o sacrifício do Corpo e do Sangue de Cristo oferecido sobre o Altar debaixo das espécies do pão e do vinho. E isso já se mostra pelo fato do Corpo (pão na patena) e do Sangue (vinho no cálice) de nosso Senhor está separado. Isso é para significar a morte de Jesus que teve seu sangue separado de seu corpo. Portanto, a Missa é a perpetuação do mesmo Sacrifício do Calvário, com diferenças apenas acidentais.

Um sacrifício é igual a um outro se: a hóstia for a mesma, se o sacrificador for o mesmo, se o ofertante for o mesmo (este é o papel sacerdotal: sacrificador e oferecedor) e se o altar for o mesmo. Os dois sacrifícios são idênticos porque “uma e mesma é a vítima: e aquele que agora oferece pelo ministério dos Sacerdotes é o mesmo que, outrora, se ofereceu na Cruz, divergindo, apenas, o modo de oferecer” (cf. Concílio Ecumênico de Trento, Sessão XXII Cap. 2, n. 940).

Isso que nos diz o santo Concílio de Trento é em razão do oferente, o Sacerdote sacrificante, ser o mesmo, uma vez que o Sacerdote humano é um instrumento que age em nome, por ordem e em virtude de Cristo, Cabeça da Igreja.

Finalmente, ambos os Sacrifícios, o que se realizou no Calvário e o que se realiza no Altar, apenas diferem por este ser incruento e aquele cruento.

Por ser o mesmo sacrifício que nosso Senhor sofreu e ofereceu na Cruz, a Missa deve ser ouvida da mesma forma que se portaram, no Calvário, Maria Madalena, a santíssima, gloriosíssima e sempre virgem Maria, a sua irmã, Maria, mulher de Cléofas e o discípulo amado. Devemos também estar modestamente vestidos, observar o silêncio e o recolhimento.

Para firmar mais ainda o exposto de como devemos nos portar na Missa:

Do clássico espiritual *As Excelências da Santa Missa*, de Leonardo de Porto Maurício, OFM, dedicado a Clemente XII:

“Ora, dizei-me sinceramente se, quando ides à Igreja para assistir a Santa Missa, pensásseis bem que ides ao Calvário assistir à morte do Redentor, que diria alguém que vos visse ai chegar numa atitude tão pouco modesta? Se Maria Madalena fosse ao Calvário e se prostrasse aos pés da Cruz vestida, perfumada e ataviada como em seus tempos de desordem, quanto não seria censurada! E que se dirá de vós que ides à Santa Missa como se fôsseis a uma festa mundana?” (Ibidem, p. 8).

“Eis o meio mais adequado para assistir com fruto à Santa Missa: consiste em irdes à Igreja como se fôsseis ao Calvário, e de vos comportardes, diante do altar, como o faríeis diante do trono de DEUS, em companhia dos Santos Anjos. Vede, por conseguinte, que modéstia, que respeito, que recolhimento são necessários para receber o fruto e as graças” (Ibid. p. 41).

“Entre os hebreus, enquanto se celebravam os sacrifícios da antiga Lei, nos quais se ofereciam apenas touros, cordeiros e outros animais, era coisa digna de admiração ver com quanto recolhimento, modéstia e silêncio o povo todo acompanhava. E, se bem que o número de assistentes fosse incalculável, além dos setecentos ministros que sacrificavam, parecia, no entanto, que o templo estava vazio, pois não se ouvia o menor ruído, nem um sopro. Ora, se havia tanto respeito e veneração por esses sacrifícios que afinal, não eram mais que uma sombra e figura do nosso, que silêncio, que atenção, que devoção não merece a Santa Missa, na qual o próprio Cordeiro Imaculado, o Verbo de DEUS, se imola por nós?!” (Ibid. p. 42).

Outra maneira de assistir à Santa Missa “é a das pessoas que (...) durante todo o tempo do santo Sacrificio (...) com viva fé, fixam os olhos da alma em JESUS crucificado, e, apoiados na árvore da Cruz, dela recolhem os frutos por meio de doce contemplação. Passam todo esse tempo em piedoso recolhimento interior e na consideração dos sagrados mistérios da Paixão de Jesus Cristo, que são não somente representados, mas **misticamente reproduzidos na Santa Missa**” (Ib. p. 43, destaque meu).

Cristo ofereceu sacrifício-se a si mesmo, ao Pai e ao Espírito, ou seja, à Trindade, por algum motivo. Por isso, o santo Sacrificio da Missa, por ser o mesmo que o da Cruz, tem suas finalidades, a saber, quatro:

Impetratório: impetrar e alcançar todos os benefícios de Deus e todas as graças que nos são necessárias.

Latrêutico: prestar à santíssima Trindade o culto de latria (adoração).

Eucarístico: dar ao Deus trino as graças (agradecimentos) pelos benefícios recebidos.

Propiciatório: aplacar a ira de Deus, trino e uno, dando a devida satisfação, por causa da justiça e da ordem feridas pelos pecados.

Na verdade, podemos rogar a Deus pela suas graças (impetratório); podemos agradecer a Deus pelos seus benefícios (eucarístico); podemos adorá-lo (latrêutico); tudo isso podemos fazer fora do Sacrificio da Missa. Mas todos esses três atos só são feitos de forma eminentíssima na celebração do Sacrificio do Altar.

Então, só no Sacrificio da Missa temos a perfeita adoração, a perfeita ação de graças e a perfeita imprecação. Mas onde podemos dar a Deus a satisfação de nossos pecados (propiciação)?

Não rezamos todos os domingos na santa Missa o Credo que diz: “E por nós, homens, e para nossa salvação desceu dos Céus” (Símbolo niceno-constantinopolitano) e ainda: “Também por nós foi crucificado sob Pôncio Pilatos; padeceu e foi sepultado” (Ibidem).

Ou seja, o motivo da encarnação de Cristo nosso Senhor foi morrer na cruz como sacrifício oferecido para nossa salvação, que é a propiciação. Por isso, também a santa Missa tem como sua principal finalidade a propiciação.

Apenas o Sacrificio de Cristo é, pois, propiciatório – o do Altar e o do Calvário, por serem, na essência, o mesmo sacrifício. Os outros objetivos – latrêutico, eucarístico e impetratório – pelos quais a Igreja, Esposa e Ministra de Cristo, desempenhando com ele o ofício de Sacerdote e vítima, oferece o Corpo e Sangue divinos a ele mesmo, **dependem fundamentalmente do propiciatório**.

Isso tudo é muito lógico, uma vez que, se a Trindade santíssima ainda estivesse irada contra nós, de que valeria nossas ações de graças ou adorações? E como poderiam ser ouvidos nossos rogos? Quais merecimentos teríamos para fazê-los? O merecimento do pecado, da desobediência, das infidelidades e da soberba?

Por causa disso é que dos fins do santo Sacrificio da Missa, o mais importante e único que apenas alcançamos por ela é o propiciatório. Só a Missa pode nos dispor esse fim.

O santo Sacrificio da Missa também tem seus frutos. Esses benefícios e graças são concedidos por Deus em vista do oferecimento da Hóstia divina a ele mesmo (hóstia que quer dizer “**vítima oferecida em sacrifício à divindade**”). Eles são imensos e infinitos e por isso não podem ser numerados. Podem, contudo ser classificados. E assim são em 4 grupos:

Gerais ou universais: porque os frutos são derramados para **toda** a Igreja, ou seja, para a Igreja universal.

Especiais: são os que redundam em benefícios dos que cooperaram de algum modo para a celebração do sacrifício, como por exemplo: ajudando a Missa (os acólitos), encomendando-a, assistindo-a etc.

Pessoais: os que são dados ao celebrante.

Ministeriais: os que redundam da intenção particular determinada pelo celebrante, ou seja, por quem ou pelo que ele aplica a Missa.

Os três primeiros são completamente independentes da intenção do sacerdote, só os ministeriais podem ser aplicados por sua vontade. Quando se lê as intenções da Missa, são os frutos ministeriais que o Sacerdote aplica pela intenção pedida.

PENITÊNCIA

Como nossa natureza foi essencialmente atingida pelas penas do pecado de nossos primeiros pais, o pecado original, nem sempre nos mantemos fiéis à vocação, às promessas e à Fé que abraçamos no nosso Batismo, que se aperfeiçoaram e cresceram na Crisma e que são nutridos pela Eucaristia. Nem sempre cumprimos o que juramos solenemente, ou nossos pais juraram por nós, que é a renúncia ao pecado, a Lúcifer, princípio e origem dele e a suas pompas.

Por tudo isso, perdemos, e mais de uma vez, aquela mesma graça santificante que recebemos gratuitamente de Deus.

Quando isso ocorre, não devemos nos desesperar da salvação, pois que Cristo, nosso Deus e redentor, que, por esse mesmo fato, tudo conhece, sabe dessa nossa deficiência e por isso instituiu o Sacramento da Penitência a fim de que nós, após cairmos em pecado – apesar de termos recebidos o Batismo – possamos ainda ser salvos através do perdão deles e da reconciliação com a Igreja, à qual ferimos ao pecar.

Por esse mesmo motivo a Penitência é, depois do Batismo, o Sacramento da Nova Lei mais indispensável e importante.

A prova bíblica da instituição divina deste Sacramento pode ser encontrada pelas palavras “Depois dessas palavras, soprou sobre eles dizendo-lhes: ‘Recebei o Espírito Santo. Àqueles a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados; àqueles a quem os retiverdes, ser-lhes-ão retidos’.” (Jo 20,22s); “Muitos dos que haviam acreditado vinham confessar e declarar as suas obras” (At 19,18).

Os efeitos da Penitência:

A infusão da graça santificante, ou seja, a reconciliação com Deus e com a Igreja; a remissão da pena eterna devida ao pecado; a diminuição ou o cancelamento da pena temporal conforme a intensidade e perfeição da contrição; a restituição dos merecimentos perdidos pelo pecado.

Matéria: A matéria são os atos do penitente (segundo sentença mais comum), isto é, a contrição, a confissão e a satisfação. Os dois primeiros são essenciais e o último é completório (seria um pecado grave de sacrilégio, ou seja, mortal, omiti-lo voluntariamente). A confissão é de todo e qualquer pecado, mas é necessário (obrigado) confessar todos os pecados mortais cometidos depois do Batismo e ainda não perdoados pelas chaves da Igreja nem acusados em confissão individual (cf. CDC, cân. 988 § 1).

Forma: DEUS, PAI DE MISERICÓRDIA, QUE, PELA MORTE E RESSURREIÇÃO DE SEU FILHO, RECONCILIOU O MUNDO CONSIGO E ENVIOU O ESPÍRITO SANTO PARA REMISSÃO DOS PECADOS, TE CONCEDA, PELO MINISTÉRIO DA IGREJA, O PERDÃO E A PAZ. E EU TE ABSOLVO DOS TEUS PECADOS, EM NOME DO PAI, E DO FILHO E DO EESPÍRITO SANTO.

Mas para a validade é suficiente “**Eu te absolvo dos teus pecados**”.

Ministro: somente o sacerdote é o ministro do Sacramento da Penitência. O Sacerdote Presbítero para ouvir confissão validamente tem que ter a faculdade de exercer esse poder dado pelo Ordinário local (cf. CDC, cân. 969 § 1); o Bispo sempre absolve validamente. Em perigo de morte, qualquer sacerdote, mesmo sem faculdade, absolve válida e licitamente de qualquer censura ou pecado, mesmo presente um Sacerdote aprovado (cf. CDC, cân. 976).

Sujeito: todo aquele que depois de recebido o Batismo cair em pecado.

Sobre os atos do penitente:

Contrição: é a dor ou desgosto na alma e uma deteção do pecado cometido. A contrição pode ser natural, quando o repúdio ao pecado é causado por um motivo humano, como, por exemplo, detestar o pecado porque, por causa dele, o pecador seria alvo de críticas entre os seus ou por vergonha que outras pessoas o soubessem. Ou sobrenatural, quando o repúdio é causado por causa de uma verdade de Fé, ou seja, por influxo da graça de Deus ou por motivo referente a ele.

Por sua vez, a contrição sobrenatural pode ser dividida em duas, a saber, contrição propriamente dita (ou perfeita) e atrição (ou contrição imperfeita).

A primeira consiste em ser a dor ao pecado causada pela caridade com que amamos a Deus por si mesmo, como sumo Bem. Neste caso detesta-se o pecado porque é uma ofensa a Deus.

A segunda, quando a causa não é o amor a Deus, mas por um motivo relacionado a ele. Exemplo: medo do inferno, dos castigos que pode nos vir pelos pecados etc.

Para a validade do Sacramento requer-se a contrição sobrenatural, sendo que a contrição perfeita justifica o pecador mesmo fora do Sacramento da Penitência, **contanto que se tenha o desejo de receber o Sacramento**. A atrição unida à confissão é suficiente para a justificação.

É bom lembrar que junto à contrição, ou seja, uma contrição verdadeira e sincera requer o propósito, que é a vontade firme de se emendar e não voltar a pecar. Isso não quer dizer que se tem certeza de emenda. Nem a firmeza de emenda nem o propósito se opõem a previsão de próximas caídas.

Tanto o propósito como a contrição devem ser universais, ou seja, referir-se a todos os pecados mortais. Para o perdão dos pecados veniais se requer apenas a atrição sobrenatural.

Confissão: é a acusação dos próprios pecados feita a um Sacerdote aprovado, para obter dele a absolvição. A confissão tem que ser verdadeira e íntegra, ou seja, não se pode mentir em matéria grave e necessária para a acusação; e tal acusação tem que ser, ao menos, de todos os pecados mortais cometidos depois do Batismo e ainda não confessados.

Muitos perguntam o porquê de se confessar ao padre seus pecados. Além, é claro, de ser mandato da Igreja, podemos justificar essa obrigação racionalmente.

O poder de perdoar pecado tem que ser exercido ao modo de juízo. E um juízo prudente e sábio não pode ser proferido sem prévio conhecimento da causa (pecados). A causa, por sua vez, não pode ser conhecida sem a confissão do penitente, visto que ele é o único que realmente conhece o próprio pecado e de sua malícia. Daí a santíssima Igreja católica romana sempre viu a obrigação de confessar os pecados.

É conveniente lembrar, também, que o sacerdote (o intérprete e todos aqueles a quem, por qualquer motivo, tenha chegado o conhecimento de pecados por meio da confissão – cf. CDC, cân. 983) que ouviu a confissão, fica proibido de revelá-la **sob qualquer hipótese e de qualquer forma**, pois o sigilo sacramental é inviolável (a não ser a licença expressa dada livremente pelo próprio penitente ou que o confessor os conheça por outra via). Por isso tudo, o confessor que viola diretamente o sigilo sacramental incorre em excomunhão *latæ sententiæ*, isto é, automática, reservada à Sé Apostólica; também o intérprete e os outros mencionados acima que violam o segredo sejam punidos com justa pena, não excluídos a excomunhão (cf. CDC, cân. 1388).

Satisfação: também chamada de penitência é uma obrigação **imposta pelo confessor** ao penitente para reparar a ofensa feita a Deus e à Igreja e para obter a remissão da pena temporal. É pecado grave (mortal) não aceitar ou cumprir a satisfação imposta; e **se o penitente tiver esta intenção antes da confissão, fica esta nula**.

UNÇÃO DOS ENFERMOS

Sabemos que nossa natureza humana está essencialmente manchada pelo pecado, ou seja, sujeita a suas penas. Uma dessas penas, embora não seja a maior, pois que a maior pena do pecado é a pena eterna, ou seja, a condenação eterna no inferno, é a morte do corpo. A morte física pode desesperar o pobre moribundo pecador o que pode fazê-lo pecar mortalmente, para a sua danação.

Por isso nosso Deus enquanto estava nesta terra instituiu o Sacramento da Unção dos Enfermos; para alívio espiritual e temporal dos enfermos em perigo de morrer. De fato lemos na Sagrada Escritura “*Expeliam numerosos demônios, ungiam com óleo a muitos enfermos e os curavam*” (Mc 6,13, destaque meu) ou ainda “*Está alguém enfermo? Chame os sacerdotes da Igreja, e estes façam oração sobre ele, ungindo-o com óleo em nome do Senhor. A oração da fé salvará o enfermo e o Senhor o restabelecerá. Se ele cometeu pecados, ser-lhe-ão perdoados.*” (Tg 5,14).

Os efeitos da Unção dos Enfermos:

Aumenta a graça santificante; a remissão dos pecados não somente veniais, mas também os mortais, desde que se tenha ao menos atrição (sobrenatural), que o enfermo não possa confessar; a graça do conforto e da fortaleza da alma contra as dificuldades que se apresentarem no último instante da vida, para, resistindo às tentações, o enfermo possa morrer santamente; a remissão total ou ao menos a diminuição das penas temporais devidas pelos pecados; a saúde do corpo, se isto convier ao bem da alma.

Materia: a unção – na fronte e nas mãos – feita com o óleo de oliveira, o qual é bento pelo Bispo na quinta-feira santa pela manhã.

Forma: **POR ESTA SANTA UNÇÃO E PELA SUA INFINITA MISERICÓRDIA, O SENHOR VENHA EM TEU AUXÍLIO COM A GRAÇA DO ESPÍRITO SANTO PARA QUE, LIBERTO DOS TEUS PECADOS, ELE TE SALVE, E NA SUA BONDADE, ALIVIE OS TEUS SOFRIMENTOS.**

Ministro: a válida administração desse Sacramento apenas pode ser feito pelo Sacerdote e somente ele. Para a liceidade se requer que o pároco ou o Ordinário do lugar onde se encontra o doente o administre. Qualquer sacerdote pode licitamente administrar ou em caso de necessidade ou com a permissão presumida do sacerdote mencionado acima (cf. CDC, cân. 1003 §2).

Sujeito: o batizado que tenha o uso da razão e, por velhice ou por grave doença, encontrar-se em perigo de morrer. O enfermo deve ter ao menos implicitamente a intenção de receber o Sacramento. É bom que o enfermo se encontre em estado de graça. Não se deve administrá-lo aos que perseveram em pecado grave manifesto (cf. CDC, cân. 1007).

Embora não seja um Sacramento, por si, necessário para a salvação, a ninguém é lícito descuidar-se dele.

ORDEM

Após expor a doutrina de todos os Sacramentos acima nos vem a pergunta: quem é capaz de administrar esses sinais eficazes da graça? Deve então existir um Sacramento que confira ao fiel um poder extraordinário e divino.

Sacramento que dá o poder de exercitar os ministérios sagrados que se referem ao culto de Deus e à salvação das almas, a Ordem imprime na alma de quem a recebe o **caráter de ministro de Deus**.

O *Logos* foi ungido sacerdote, rei e profeta no exato momento em que, embora sendo de condição divina aniquilou-se a si assumindo a condição de escravo (cf. Fl 2,6s), deu cumprimento ao inefável mistério da Encarnação. Cristo é, portanto, o “Ungido” por excelência, porque não foi ungido com óleo, mas com o Espírito Santo. Tal sacerdócio real de Cristo teve seu ato supremo no Altar do Calvário (e na última Ceia) onde se mostrou verdadeiro Sacerdote e única Vítima.

Como **Rei**, Jesus transmite à Igreja o poder de **governar as almas**.

Como **Profeta**, Jesus transmite o poder de **ensinar a sua Doutrina**.

Como **Sacerdote**, Jesus transmite o poder de **santificar as almas**.

O Sacramento da Ordem confere, pois, aos sacerdotes a dignidade de instrumentos usados por Cristo o qual é o único que goza da plenitude do sacerdócio, sacerdócio segundo a ordem de Melquisedeque. Daí que vem a eficácia dos Sacramentos da Nova Lei.

As provas bíblicas nos advêm de: Mt 16,19; 18,18; Lc 22,19; Jo 20,23; Cor 11,24.

O Sacramento da Ordem é composto por três graus ou ordens sacras, a saber, o Diaconato, o Presbiterato e o Episcopado. É bom esclarecer que as três ordens sagradas **não** são degraus, mas **graus diversos de um único Sacramento**.

Os efeitos da Ordem:

A graça habitual e a graça sacramental que outorga a ajuda necessária para exercer dignamente o ministério próprio da Ordem recebida; imprime o caráter indelével; confere um poder espiritual diverso para as diversas ordens.

Materia: para o Diaconato: a imposição das mãos do Bispo; para o grau do Presbiterado: a primeira imposição das mãos do Bispo, feita em silêncio, na qual ele põe as duas mãos sobre a cabeça do ordenando sem proferir palavra; e para a sagradação ao Episcopado: a imposição das mãos feita pelo Bispo consagrante.

Forma: consiste nas palavras da Prefação, das quais as essenciais e, por isso, exigidas para a validade são:

Para o Diaconato: **ENVIAI SOBRE ELE, SENHOR, NÓS VOS PEDIMOS, O ESPÍRITO SANTO QUE O FORTALEÇA COM OS SETE DONS DA VOSSA GRAÇA, A FIM DE EXERCER COM FIDELIDADE O SEU MINISTÉRIO.**

Para o Presbiterado: **NÓS VOS PEDIMOS, Ó PAI TODO-PODEROSO, CONSTITUÍ ESTES VOSSOS SERVOS NA DIGNIDADE DE PRESBÍTEROS; RENOVAI EM SUS CORAÇÕES O ESPÍRITO DE SANTIDADE; OBTENHAM, Ó Deus, O SEGUNDO GRAU DA ORDEM SACERDOTAL, QUE DE VÓS PRECEDE, E SUA VIDA SEJA EXEMPLO PARA TODOS.**

Para a sagradação ao Episcopado: **ENVIAI AGORA SOBRE ESTE ELEITO A FORÇA QUE DE VÓS PRECODE, O ESPÍRITO SOBERANO, QUE DESTES AO VOSSO AMADO FILHO, JESUS CRISTO, E ELE TRANSMITIU AOS SANTOS APÓSTOLOS, QUE FUNDARAM A IGREJA POR TODA A PARTE, COMO VOSSO TEMPLO, PARA GLÓRIA E PERENE LOUVOR DO VOSSO NOME.**

Ministro: qualquer Bispo validamente ordenado.

Sujeito: para a validade: “só o varão batizado recebe validamente a ordenação” (CDC, cân. 1024); se adulto requer a intenção de receber as ordens.

MATRIMÔNIO

O matrimônio é um contrato por que duas pessoas idôneas se **conferem mutuamente o direito perpétuo, exclusivo e irrevogável** sobre seus corpos, para a procriação, educação da prole (fim primário) e pelo qual vivem em comunhão de vida oriunda deste direito – ajuda recíproca e remédio da concupiscência – (fim secundário). Isso se demonstra pelas palavras “(...) o homem deixa o seu pai e sua mãe para se unir à sua mulher; e já não são mais que uma só carne” (Gn 2,24).

Por causa disso, as propriedades do matrimônio (natural) são a unidade e a indissolubilidade.

Nosso Senhor Jesus Cristo elevou tal contrato natural à dignidade de Sacramento: “Por isso, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e os dois constituirão uma só carne. Este sacramento (mistério) é grande, quero dizer com referência a Cristo e à Igreja” (Ef 5,31s).

Mediante isso, o Sacramento do Matrimônio significa a união indissolúvel de Jesus Cristo, Cabeça, com nossa Mãe amantíssima, a santa Igreja, seu Corpo e Esposa.

Na Escritura encontramos a doutrina cristã acerca desse Sacramento em Mt 19,1-12.

Os efeitos do Matrimônio:

Aumento da graça santificante; a graça sacramental que comporta os auxílios para cumprir fielmente o ônus do Matrimônio, fomentar o amor mútuo, reprimir a concupiscência para guardar a castidade conjugal.

Matéria: segundo sentença mais comum e acertada é a entrega recíproca dos corpos dos contraentes mediante as palavras ou sinais que exprimem o consentimento.

Forma: a mútua aceitação do direito sobre o corpo alheio:
EU, N. (nome de quem está falando), RECEBO-TE POR MINHA ESPOSA(O) A TI, N. (nome do outro nubente), E PROMETO SER-TE FIEL, AMAR-TE E RESPEITAR-TE, NA ALEGRIA E NA TRISTEZA, NA SAÚDE E NA DOENÇA, TODOS OS DIAS DA NOSSA VIDA.

Há a opção da forma ser usada à maneira de interrogatório (com as mesmas palavras da primeira opção). É de se notar que a indagação seria preferível a esta outra maneira.

Ministro: são os próprios contraentes; a presença do pároco é apenas necessária para a validade do contrato matrimonial.

Sujeito: qualquer batizado não incapaz por impedimentos de direito natural, divino, positivo ou eclesiástico; para a liceidade exige-se o estado de graça porque o Matrimônio é um Sacramento dos vivos.

IV PARTE: O ANEXO

DO PECADO

Antes de entrarmos no trato da Moral católica, urge nos atermos ao que é o pecado.

O pecado é uma **violação ou transgressão voluntária e livre da ordem estabelecida por Deus**. Por isso mesmo, **o pecado é uma desobediência a Deus**, ou seja, uma ofensa a ele porque prefere-se a sua própria vontade à vontade de Deus, violando assim os direitos imprescindíveis que ele tem a nossa submissão.

O pecado é, pois, um ato contra a justiça (virtude que obriga dar a cada um aquilo que é seu por direito).

Por uma má expressão, a culpa original (consequência do pecado de Adão) é chamada pecado original.

Para se distinguir dele, chamamos de **pecado atual** aquele ato de transgressão feito voluntariamente pelo homem chegado à idade da razão (7 anos completos), como o próprio nome sugere.

O pecado se constitui como tal se as seguintes três condições se observam:

1. malícia do objeto;
2. advertência do mal do objeto;
3. consentimento da vontade a praticar o ato.

A primeira condição chama-se **elemento objetivo** do pecado; as demais, **elementos subjetivos** do pecado.

O pecado pode ser distinguido em:

1. **Pecado mortal**: quando o ato viola uma lei em matéria grave e nos priva, portanto, da consecução do nosso fim último, Deus, nosso Senhor.
Chama-se mortal porque nos priva a vida da alma, que é a graça.
2. **Pecado venial**: quando o ato não viola uma lei em matéria grave ou quando não se tem advertência plena do mal do objeto ou quando não se consente livremente na prática do ato; não nos privando, portanto, da consecução do nosso fim último, Deus, nosso Senhor.

Para haver pecado mortal, uma vez que é o **ato malicioso completo**, as três condições **têm necessariamente de ser perfeitas**:

1. malícia grave do objeto (desobediência em matéria grave);
2. pleno conhecimento dessa malícia;
3. deliberado consentimento da vontade.

Ou seja, um pecado mortal exige um ato humano perfeito, que o indivíduo aja com toda a potência de seu ser: inteligência e a vontade.

Qualquer defeito em uma dessas três condições, torna o pecado venial.

Um pecado cuja matéria seria leve, pode tornar-se mortal por uma subjetividade afetada.

O pecado mortal exige da justiça divina duas penas: a **pena eterna** e a **pena temporal**.

A pena eterna é o **total afastamento de Deus**, ou seja, a **condenação eterna da alma ao inferno**.

A pena temporal são os **castigos merecidos nesta vida por causa do ato de desobediência**.

A pena eterna do pecado mortal só pode ser remida através do Sacramento da Penitência que comuta a pena eterna para uma pena temporal.

Com isso, podemos pagá-la nesta vida, pelos **exercícios de piedade** (oração), pelas **mortificações** (jejum) e pelas **obras de misericórdia espiritual e corporal** (esmola).

O pecado venial acarreta um apego prejudicial às criaturas que exige purificação, quer aqui na terra, quer depois da morte, no estado chamado “purgatório”. Esta purificação liberta da chamada pena temporal do pecado.

MALES DO PECADO

- Males do pecado mortal:
 1. **privá a alma da amizade com Deus;**
 2. **faz a alma perder a graça santificante;**
 3. **privá a alma dos merecimentos adquiridos** e torna-a **incapaz de adquirir novos;**
 4. **torna a alma escrava do demônio;**
 5. faz com que a alma perca o céu e mereça também os castigos desta vida; se por acaso a alma morre obstinadamente nesse estado, fá-la **merecer o inferno.**
- Males do pecado venial:
 1. enfraquece e esfria em nos a caridade;
 2. dispõe-nos para o pecado mortal;
 3. faz-nos merecedores de grandes penas temporais, neste mundo ou no outro.

PECADOS CONTRA O ESPÍRITO SANTO

Entre os pecados, há os que são mais graves. De tal sorte que há também aqueles que são tão graves que são impossíveis o arrependimento por parte do pecador e, portanto, são imperdoáveis,.

Esses pecados são chamados contra o Espírito Santo, pois são cometidos por pura malícia, o que é contrário à bondade que se atribui ao Espírito Santo.

“Por isso, eu vos digo: todo pecado e toda blasfêmia serão perdoados aos homens, mas a **blasfêmia contra o Espírito não lhes será perdoada.** Todo o que tiver falado contra o Filho do Homem será perdoado. Se, porém, falar contra o Espírito Santo, não alcançará perdão nem neste século nem no século vindouro” (Mt 12,31s).

A lista desses pecados é a seguinte:

1. desesperar da salvação;
2. presunção de se salvar sem merecimentos;
3. combater a verdade conhecida como tal;
4. ter inveja das graças que Deus dá a outrem;
5. obstinar-se no pecado;
6. morrer na impenitência final.

PECADOS QUE BRADAM AO CÉU E PEDEM VINGANÇA A DEUS

Depois da malicia máxima que encerra os pecados contra o Espírito Santo, há os pecados que, embora não sejam imperdoáveis, ele são os mais graves.

Diz-se que estes pecados **pedem vingança a Deus**, porque o diz o Espírito Santo, e porque a sua malícia é tão grave e manifesta que provoca o mesmo Deus a puni-los com os mais severos castigos neste mundo e no outro.

“O Senhor disse-lhe: ‘Que fizeste! Eis que a voz do sangue do teu irmão **clama por mim** desde a terra’.” (Gn 4,10).

A lista desses pecados é a seguinte:

1. homicídio voluntário;
2. pecado impuro contra a natureza;
3. opressão dos pobres, órfãos e viúvas;
4. não pagar o salário a quem trabalha.

DOS HÁBITOS

Hábito é **um costume, uma predisposição da vontade a certos atos por causa de sua repetição**.

Aos hábitos bons chamamos de **virtude** e aos hábitos maus, **vícios**.

VÍCIOS

Como foi visto, o vício é um mau hábito. A diferença, pois, entre vício e pecado é que este é um ato que passa, enquanto que aquele (o vício) é o mau hábito contraído de cair em algum pecado, de agir mal.

Entre os vícios, a Igreja, em seu Magistério, como Mestra e Mãe da Verdade, visando sempre apenas a salvação das almas, enumera sete como capitais.

Chamam-se **capitais** (do latim *capitia* “cabeça”) **porque são a fonte e a causa de muitos outros vícios e pecados**.

Antes de aprofundá-los, veremos o que vem a ser concupiscência.

Concupiscência é a **tendência ou inclinação de desejar com excesso o prazer dos sentidos**.

Há três tipos de concupiscência, como está escrito: “Porque tudo o que ha. no mundo – a **concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida**” (I Jo 2,16).

Concupiscência da carne é o **afeição desordenada dos prazeres dos sentidos**.

Concupiscência dos olhos é a **inclinação desordenada a bens exteriores**.

Soberba da vida é a **tendência de o homem considerar-se auto-suficiente**. Essa é a depravação moral mais profunda e perigosa, pois é um mal do espírito.

A primeira gera **intemperança** (ou gula), **acídia** (ou preguiça) e **luxúria**.

A segunda gera a **avareza**.

A terceira gera **soberba** (ou orgulho), **inveja** e **ira** (ou cólera injusta).

Consideremos os vícios capitais em particular:

1. **Soberba** é o **desejo desordenado da própria superioridade**. (humildade)
2. **Avareza** é o **desejo desordenado dos bens terrenos**. (liberalidade)
3. **Luxúria** é o **desejo desordenado dos prazeres sexuais**. (castidade)
4. **Intemperança** é o **desejo desordenado dos prazeres dos sentidos, especialmente da comida e da bebida**. (temperança)
5. **Ira** é o **desejo desordenado da vingança**. (paciência)
6. **Inveja** é o **desejo desordenado pelo bem alheio considerado como diminuição de sua própria excelência**. (caridade)
7. **Acídia** é a **falta de gosto para as coisas espirituais pelo esforço que a acompanha** e de ardor para lutar contra o peso das coisas terrenas e elevar-se às coisas do alto. Comumente, também, esse vício chama-se **preguiça** que, mais precisamente, é a **tendência desordenada a inatividade**. (diligencia)

VIRTUDES

Acima, foi explicado que a virtude é um hábito bom, de tal modo que é dito como uma outra natureza.

A virtude pode ser dividida:

- **segundo a origem:** infundidas por Deus ou adquiridas através de atos naturais.
- **segundo o objeto:** podem ser teologais (se se referem a Deus de maneira imediata e direta; como a fé) ou morais (se se referem à honestidade dos atos, seja em relação a Deus, como a religião, seja ao homem, como a humildade, mas sempre tendendo a Deus sem cessar).

As virtudes teologais são três e têm a Deus com objeto, pois ele é a suma **Verdade** (virtude da **Fé**), sumo **Bem** (virtude da **Esperança**) e sumo **Amor** (virtude da **Caridade**).

As virtudes morais podem ser resumidas no que se chama de **virtudes cardeais** (do latim *carda* gonzo, dobradiça, pivô; donde a noção de “função fixa, importante”); mostra como todas as virtudes giram em torno destas), pois são o **fundamento ao qual se reduzem todas as virtudes morais**, a saber: **prudência, justiça, fortaleza e temperança**.

As virtudes teologais são sempre infusas; as morais são ordinariamente adquiridas, mas podem ser infusas quando se relacionam a Deus (como a virtude da religião).

- Fé: **virtude sobrenatural infusa por que cremos firmemente em todas as verdades reveladas por Deus e propostas pela Igreja**. É a virtude fundamental: “Sem fé é impossível agradar a Deus” (Hb 11,6).

Perde-se a Fé negando ou duvidando voluntariamente, ainda que seja de um só artigo que nos é proposto para crer.

Recupera-se a Fé perdida, arrependendo-nos do pecado cometido e crendo de novo em tudo o que crê a Santa Igreja.

Com a perda da Fé, perde-se todas as virtudes infusas.

- Esperança: **virtude sobrenatural infusa por que confiamos alcançar de Deus a vida eterna e os meios necessários para consegui-la**.

Perde-se a Esperança toda vez que se perde a Fé; perde-se também pelo pecado de desespero ou de presunção.

Recupera-se a Esperança perdida, arrependendo-nos do pecado cometido, e excitando-nos novamente à confiança na bondade divina.

- Caridade: **virtude sobrenatural infusa por que amamos a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos por amor de Deus, ou seja, como Deus mesmo ama**.

Devemos amar a Deus sobre todas as coisas, com todo o nosso coração (afetos), com toda a nossa mente (pensamentos), com toda a nossa alma (potências espirituais), e com todas as nossas forças (esforçando-nos a amá-lo cada vez mais).

Perde-se a Caridade com qualquer pecado mortal.

Recuperamos a Caridade, fazendo atos de amor de Deus, arrependendo-nos e confessando-nos bem.

Com a perda da Caridade, perde-se juntamente todos as virtudes morais infusas, mas subsistem as teologais.

- Prudência: virtude que dirige toda ação ao devido fim.
- Justiça: virtude pela qual damos a cada um o que lhe pertence.
- Fortaleza: virtude que nos dá coragem para não temer perigo algum, nem a própria morte, no serviço de Deus.
- Temperança: virtude pela qual refrearmos os desejos desordenados de prazeres sensíveis (sensuais ou o uso dos bens temporais) contendo-os no limite da honestidade.

Assim, pois, a **justiça** regula as nossas relações com o próximo; a **fortaleza** e a **temperança**, as relações conosco; a **prudência** dirige as outras três virtudes.

BIBLIOGRAFIA

- A Contrição Perfeita – chave de ouro para abrir a porta do Paraíso* de Pe. J. de Driesch
- A Lei de Cristo* de Bernhard Haring
- Catecismo da Igreja Católica*, promulgado por ordem de João Paulo II, Papa
- Catecismo Maior de São Pio X* de São Pio X, Papa
- Catecismo Romano*, promulgado por ordem do Concílio de Trento e publicado por São Pio V, Papa
- Código de Direito Canônico*, promulgado por João Paulo II, Papa
- Compêndio do Catecismo da Igreja Católica*, promulgado por Bento XVI, Papa
- Curso de Teologia Dogmática* de Pablo Arce e Ricardo Sada
- Eu Creio – Pequeno Catecismo católico* de Ajuda à Igreja que sofre
- Exposição sobre o Credo* de Santo Tomás de Aquino
- Iniciação à Filosofia* de José Antônio Tobias
- Missal Romano* promulgado pela autoridade de Paulo VI, Papa
- Missal Romano* promulgado pela autoridade de São Pio V, Papa
- O Mistério da Santíssima Trindade* de Pe. Emmanuel André
- O Sacrifício Eucarístico* de pe. Emmanuel André
- Os Anjos e Eu* de Gilmar Sanint' Clair Ribeiro
- Suma Teológica* de Santo Tomás de Aquino
- Teologia Moral* de Pe. Teodoro da Torre Del Greco
- Teologia Moral* de Pe. Teodoro da Torre Del Greco
- Tratado de Teologia Ascética e Mística - A vida espiritual explicada e comentada* de Adolph Tanquerey
- Vocabulário de Filosofia* de Regis Jolivet

E outros inúmeros escritos e artigos anônimos ou não.